

~~Dr. Rodrigo Ferrão~~

RODRIGO FERRÃO

MÉDICO

Pedido ao filho da L. d'Oray
em 7/9/17

Arca esquelética

Alpina

Museu de Zúric

Criado de meu pai me nomeou assim.

M. J. Vieira em Braga

Mário Alexandrino de Almeida Duarte Silva

Ex. J. A. Franca (o A. ante em P. -
Pagal no ois. XIX) Manuel J. J. de
Vieira, de 1850

20/XII via Stelvio 22

17/II recuperato per
Via Senato 14

9/5 idem, idem

Telef. 26243

380880

Casa

684912

Antonio Vallardi - Ed. 1609
MILANO

1 Pignatti - mobili Italiani del
Rinascimento

1 Peroni de Jégory - vecchi mobili
Italiani

Fabrizio Roki via 6/10/76 Via S. Felice
N. Nascita per via S. Felice 8/10/76

Historia del Moble
Se gran de epoche del Moble

T. Questions

Valanda

Nas sem nada sobre
o séc. XVI italiano
seg. 11.

A
Direcção-Geral do Património
Ministério das Finanças
Rua da Alfândega
1100 LISBOA

PORTO, 4 de Dezembro de 1979

Exm^{as} Senhores:

Pretende esta editora, representar no livro que tem no prelo, do Eng^o Bernardo Ferrão "Mobiliário Português", uma sumula de tectos mudejanos portugueses.

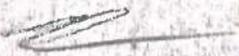
Muito gratos ficaríamos se fosse possível, a essa Direcção-Geral, fornecerem-nos para estudo, provas em duplicado, no formato 18 x 24, esmaltadas, dos clichés que porventura possuam nos v^{os} arquivos, referentes ao assunto.

Quanto aos tectos da Matriz de Coimbra, Palácio Nacional de Sintra, já os mandamos fotografar a cores. No entanto faltam-me os seguintes tectos, que muito gostaria de apreciar caso porventura os haja, são eles:

- antigo tecto do Convento da Sé Velha de Coimbra
 - tecto da Sé do Funchal
 - tecto da Alfândega do Funchal
 - tecto de Igreja de Escarigo
 - tecto da Matriz de Gortelha
 - tecto do Palácio de Subrúpas em Coimbra
- e outros que entretanto possuam.

Ficando a aguardar as prezadas notícias de V. Ex^{as}, renovamos os nossos melhores cumprimentos e nos subscrevemos com consideração e estima,

De V. Ex^{as}
Muito Atentamente



DF/ml



1480 : * 20. DEZ. 1973

S. R.
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO
SECRETARIA DE ESTADO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO
REPARTIÇÃO DO PATRIMÓNIO

6 SECÇÃO
N.º
PROC. 6-ZC-137
VERBA

A
Firma Lello & Irmão
Rua das Carmelitas, 144
4000 PORTO

Refiro-me à carta dessa firma, de 4 de Dezembro corrente.

Cumpre-me informar V. Ex.^ª que esta Direcção-Geral não possui os elementos, solicitados por essa firma, na carta em referência.

Com os melhores cumprimentos.

O DIRECTOR DO PATRIMÓNIO
Chefe da Repartição,

[Handwritten signature]

MG/HA

[Handwritten initials]

8982 * 28.JUL.1978



S. R.
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO
SECRETARIA DE ESTADO DAS FINANÇAS

6. SECCAO
N.º
PROC. ZC/137
VERBA

DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO
REPARTIÇÃO DO PATRIMÓNIO

A Firma

Lello & Irmão/Editores
Rua das Carmelitas, 144

P O R T O

Em referência à carta dessa Firma, de 19 do corrente venho informar V. Ex^a de que, por parte desta Direcção-Geral, nada há a opor à obtenção de fotografias, para ilustração da revista "Mobiliário Português", das obras de arte constantes da carta em referência e existentes no antigo Mosteiro do Lorvão, Sé Velha e Sé Nova de Coimbra e Igreja de S. João Baptista, em Tomar, devendo, no entanto, para o efeito, ser contactada a autoridade eclesiástica, visto tratar-se de Monumentos abertos ao culto.

Não foi possível localizar a fotografia do púlpito de ferro, estilo manuelino, da Igreja Matriz de Freixo de Espada-à-Cinta, nada havendo, porém, a opor a que essa casa editora obtenha fotografias daquela peça, nas mesmas condições das restantes.

Em qualquer dos casos, ficará essa firma responsável pelos prejuizos que possam advir e os trabalhos decorrerão, como está determinado, sob a vigilância dos guardas dos Monumentos.

No antigo Mosteiro do Lorvão, onde não há guarda, deverá, para a realização dos trabalhos, ser contactada a Repartição de Finanças do concelho de Penacova.

A autorização é válida por 90 dias.

Junta-se uma credencial.

: 1 credencial

Com os melhores cumprimentos.

o DIRECTOR DO PATRIMÓNIO
Chefe da Repartição,

EM/FF
90/1978



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO
 SECRETARIA DE ESTADO DAS FINANÇAS
 SECRETARIA DO ESTADO DO TESOURO

6. SECÇÃO

N.º
 PROC. ZC/137
 VERBA

DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO
 REPARTIÇÃO DO PATRIMÓNIO

C R E D E N C I A L

Está a firma Lello & Irmão/Editores autorizada a tirar fotografias, para ilustração da obra "Mobiliário Português," dos interiores que se discriminam dos seguintes Monumentos:

Antigo Mosteiro do Lorvão - Cadeiral do coro e, na sacristia, o banco séc. XVII com talha dourada;

Sé Velha de Coimbra - Pormenores do retábulo flamengo do altár-mor;

Sé Nova de Coimbra - Arcaz da sacristia e um espelho em talha;

Igreja de S. João Baptista, em Tomar - Púlpito em calcário;

Igreja Matriz de Freixo de Espada-à-Cinta - Púlpito de ferro, estilo manuelino.

Visto tratar-se de Monumentos abertos ao culto, deverá, para o efeito, ser contactada a autoridade eclesiástica e os trabalhos decorrerão, como está determinado, sob a vigilância dos responsáveis pelos Monumentos, respondendo a firma interessada por quaisquer prejuizos que possam advir.

Esta credencial é válida por 90 dias.

6ª Secção da Repartição do Património, 27 de Julho de 1978

O DIRECTOR DO PATRIMÓNIO
 Chefe da Repartição,

EM/FF.



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL

Museu de Arte Popular

-5. JUN 1978

Of.º. Nº. 23 - DOPC - MAP

Ref.º. 323

M. H./V.M.

Aos Editores

LIELLO & IRMÃO

Rua das Carmelitas, 144

PORTO

Ref.º: Mobiliário Português do Eng.º. Bernardo Ferrão.

Em resposta à v/carta de 28 do corrente mês, lamentamos informar que não tem este Museu nas suas colecções peças de mobiliário anteriores ao séc. XVI. *(Ordem errado o pedido)*

Com os melhores cumprimentos.

Lisboa, 30 de Junho de 1978

A CONSERVADORA

Maria Helena Coimbra

(Maria Helena Coimbra)

*Inserir das capas do "Bambolim Português"
Desenho medieval
da obra:*

*"Guepistas de
Carlo Paguro"*

Pedir

- *500 Anos Belém*
- *Polémica porquês*
- *Prépio calcário*

Praça do Império
Belém, LISBOA-3

Som. Pachado

*Livros a publicar
(reprod. e inf. para
em 10/Julho).*

Tels. 61 12 82
61 16 75

S. R.



CÂMARA MUNICIPAL DE ELVAS

Telef.: Pres.º 262 — Sec.º P. P. C. 7

Exmº Senhor
Presidente da firma Lello & Irmão
Rua das Carmelitas, 144

PORTO

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

DATA

N.º 626

P.º n.º L.º n.º

ASSUNTO:

Satisfazendo o solicitado na carta em referência informo V. Exª que no Posto de Turismo que esta Câmara Municipal possui nesta cidade, existem alguns cadeirões antigos forrados a couro susceptíveis de interessar a V. Exª.

Com os melhores cumprimentos

O PRESIDENTE DA CÂMARA

João Franco do Vale

J.A.



MUSEU MUNICIPAL

Torres Vedras, 19/5/78

Exmo. Snr.

Eng. Bernardo Ferrão
R. Senhora da Luz, 24
Porto

Respondendo à carta de V.Ex^ã, informo o seguinte:

O quadro "Anunciação" que está em depósito neste Museu, está atribuído a Gregório Lopes, ou à sua escola, segundo a opinião do Dr. Rocha Brito (Cinco tabuas do Sec. XVI em Torres Vedras), é de madeira de carvalho, tem as dimensões 1315x915 e é proveniente da Igreja de Santa Maria do Castelo, desta vila. Foi restaurado para figurar na exposição dos primitivos portugueses em 1940 e também figurou na Exposição de Abrantes.

Sobre a execução de um diapositivo a cores 9x12, há aqui um fotografo que me diz custar à volta de mil escudos.

Certo que é tudo quanto poderei informar V.Ex^ã.

Com os meus cumprimentos, sou

Atenciosamente

Leandro Freitas Jampai

*Apodado em 7/6/78 e pedido
o diapositivo.*

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS CENTRAIS E CULTURAIS



4.ª REPARTIÇÃO

Lello & Irmão
Editora
Rua das Carmelitas, 144
Porto

SUA REFERÊNCIA

SUA COMUNICAÇÃO DE

NOSSA REFERÊNCIA

PAÇOS DO CONCELHO

96/78 S.M.

Exm^{as} Senhores

Em resposta á carta de V^{as} Ex^{as} de 19 de Julho de 1978, em que se solicita autorização para fotografar móveis, imagens e tapeçarias de Casa Museu Guerra Junqueiro, a fim de ilustrar a obra " Mobiliário Português " de autoria do Sr. Eng^o Bernado Ferrão, cumpre-nos informar que estão desde já V^{as} Ex^{as} autorizados a realizar as fotografias que acharem convenientes.

No entanto informamos também que a Casa Museu Guerra Junqueiro tem estado em obras, pelo que sugeríamos que nos informassem com alguma antecedência, das peças a fotografar e do dia em que o farão a fim de que possamos retirar das arrecadações as referidas peças.

Com os melhores cumprimentos

Porto e Serviço de Museus, 1 de Agosto de 1978

A CONSERVADORA

Maria Isabel Alus Machado Guedes

Na resposta indicar a "Nossa referência". Em cada officio tratar só de um caso.



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
SECRETARIA DE ESTADO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA
REPARTIÇÃO DO PATRIMÓNIO

6.ª SECÇÃO

N.º

PROC.º ZC-137

VERBA

Direcção-Geral do Património

A Firma Lello & Irmão/Editores
Livraria Chardron
Rua das Carmelitas, 144

P O R T O

Em referência à carta dessa Firma de 6 de Maio corrente, venho informar de que está autorizada a mandar fotografar por pessoa devidamente identificada os "Primitivos" da Igreja de S. João Batista em Tomar, para ilustração da obra "Mobiliário Português".

O trabalho para o efeito deverá decorrer sob a orientação do respectivo Conservador de Zona e, na ausência deste, do respectivo guarda.

A autorização é concedida por 30 dias e, essa Firma ficará responsável por quaisquer prejuízos que possam advir.

Este officio servirá de credencial.

Quanto às Igrejas Matrizes de Sernancelhe e Tarouca foram entregues respectivamente ao Benefício Paroquial e à Fábrica da Igreja, entidades às quais devem ser dirigidos os pedidos para as referidas fotografias.

*já está resolvido, quer com
uma resposta*

Mr. Lemos

Com os melhores cumprimentos.

O DIRECTOR DO PATRIMÓNIO

Chefe da Repartição

BCM/FC.



LELLO & IRMÃO / EDITORES

PROPRIETÁRIOS DA LIVRARIA CHARDRON. CASA FUNDADA EM 1868

RUA DAS CARMELITAS, 134

PORTO

TELEFONES 22037 PPC
318170

TELEG. JOLELLO

ADMINISTRAÇÃO

PORTO, 16 de Maio de 1977

Exm^o Senhor
Eng^o Bernardo Ferrão
Rua Senhora da Luz, 24
FOZ DO DOURO

Exm^o Senhor:

Com os nossos melhores cumprimentos, junto envia-
mos, fotocópias de duas credenciais que nos foram dirigidas,
pela Direcção Geral do Património e pela Fundação Abel de La-
cerda, nas quais somos autorizados, conforme V.Ex^a poderá ver,
a fotografar:

- Primitivos de Igreja de S. João Baptista de Tomar
- Tapeçarias Quinhentistas
- Arca Gravada do sec. XVI

Sem mais por hoje, renovamos os nossos melhores
cumprimentos e nos subscrevemos com consideração e estima,

De V.Ex^a.
Muito Atentamente

EL/ml





PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Direcção-Geral do Património Cultural

*Em 20/7 foram publi-
das as fotografias para es-
tudo, já que não publica-
vem.*

À Firma

Lello & Irmão, Editores

Rua das Carmelitas, nº 144

PORTO

12 SET 1978

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

Rua Ocidental ao Campo Grande, 83, 1.º Piso
(Edifício da Biblioteca Nacional) — LISBOA-5
Telefone 76 28 21

ASSUNTO

11 SET. 78 - 13060

Em referência ao vosso officio nº 19002, de 11 de Ago-
sto p.p. temos a informar V. Exa. de que na realidade existem
nesta Direcção-Geral algumas fotografias de móveis que pertencem
à colecção do Comandante Ernesto de Vilhena. No entanto
devemos esclarecer que estas fotografias não foram feitas em
muito boas condições ambientais, não tendo por isso o nível su-
ficiente para serem incluídas em publicação.

Caso estejam interessados em informações mais detalha-
das, poderão contactar o serviço de Cadastro desta Direcção-
-Geral a partir do dia 10 de Outubro.

Com os melhores cumprimentos.

O DIRECTOR-GERAL,

Ernesto Vilhena

Na resposta, indicar a referência deste documento

NC/MJR

Ditaba 7/8/78

Bom. Director-geral do Ensino Superior
e das Belas Artes

Ref. - Fotografias de Glacal Villacura

Está em Edição o primeiro volume o
1.º volume do "ANAL. PORTU." da autoria de
Eng. B. F. e pretende incluir na obra o mé-
rito de documentação, ilustrada possível, para
o que já possui um arquivo de mais de 2.000
cart. nacion. de 1840 a época e outros.

Embora se saiba o N.º do ANAS ^{sem que se}
D. G. existe o arquivo fotografico ^{com os clichés}
com as peças mais representativas ^{de}

6.ª Marinha

Bombardeio de
~~Estado~~ da Cabral/Vilheira, ~~quando~~ levado a efeito
quando do inventário ^{oficial} por morte do Dr.
--- de Vilheira.

~~Antes~~ ~~resando-se~~ de la puzer ~~para~~ ^{trouxer} ~~dispen-~~
sas em leilão e ^{mais} ~~que~~ ^{aproveitando} parte de ~~paradiso~~
descoberto, esse inventário tem um valor
~~histórico~~ para a história da arte
portuguesa. Muito em obsequia V. Ex.ª in-
formando - em como, e em que medida
e condições, poderá ser ^{estudado} ~~o~~ ~~arquivo~~ ~~per~~
e publicado na parte que interessa.
Pelas razões aludidas, agradecer
uma resposta com a possível brevidade

S.  R.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SERVIÇOS TUTELARES DE MENORES

CENTRO DE OBSERVAÇÃO ANEXO AO TRIBUNAL
CENTRAL DE MENORES DO PORTO

Serviço...Secretaria

Ex.mo Senhor Engenheiro Bernardo
Ferrão

Rua Monte da Luz - 24

592

P O R T O

Sua ref.ª

Sua comun. de

Nossa ref.ª N.º.....

PORTO, 16/10/79

L.º..... Proc. N.º..... 8

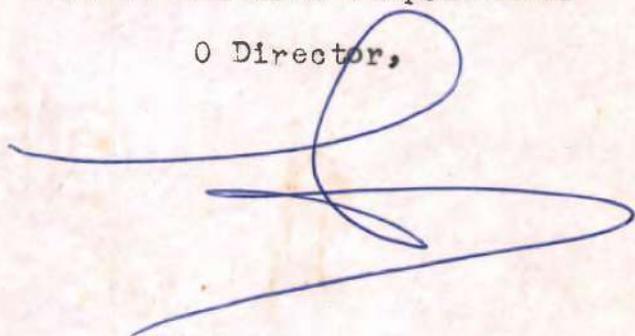
ASSUNTO:

Pelo assistente religioso deste estabelecimento Padre Manuel Romero Vila tivemos conhecimento que V.ª Ex.ª seria a pessoa indicada, caso lhe fosse possível, para avaliar 45 peças de cerâmica decorativa que este Centro de Observação possui.

Tomamos a liberdade de sugerir a V.ª Ex.ª, caso se digne aceder ao nosso pedido, o especial favor de nos indicar hora e local para o nosso motorista transportar V.ª Ex.ª a este Centro.

Com os melhores cumprimentos

O Director,



*Em 4/8, pedi ao Nascimento as p. m. e a p. b. originaes
que estiveram expostas em leilão, para com elas se sele-
cio narem os negativos de feição.*

LX 16/8/82

Exm^o Sr. Eng Bernardo Ferrão

Junto as fotografias do cofre dos Barbadinhos e pesso desculpo
pelo atrazo; quanto as fotografias a entregar ao Sr Conde
de Atalaya dentro em breve seáá satisfeito o pedido;
A respeito das fotografias das peças da coleção do
Comandante Velhena ; só por nós não é pussivel a sua
identificação já fizemos diverssas tentativas para a
casa liquidatória Leiria Nascimento para a sua pussivel
ajuda mas até a data ainda não nos foi pussivel êsse
contacto

com os melhores cumprimentos

Aluísio Barata

ESTÚDIO

Mário Novais

Avenida da Liberdade, 105 - 1.º

Telef. 32 65 56

LISBOA

Cumprimenta e agradece

José Manuel Gomes Nascimento
Rua da Emenda, 30 - 1º
1200 LISBOA

Leiria e Nascimento, Lda.
Casa Liquidadora

*Eu carta de 1/7
pedi ao Novais nº 9812
do cliché do ficheiro dos lei-
ões Vilhena referente a meias
nação. Não sei - português;
côpo da colecção; alabastro; in-
gers flamengas; ipequeu i.p.
ma. fim. Com o kello.*

Lisboa, 16 de Junho de 1982

Exmo. Senhor

Engº Bernardo Ferrão

Rua Senhora da Luz, 24

4100 P O R T O

Exmo. Senhor

Tenho em meu poder a carta de V.Exa. que me era dirigida, pedindo desculpa de só hoje responder, em virtude de ter estado ausente por motivo de serviço.

Pede-me V.Exa. os negativos de algumas das fotos da colecção do espólio do Comandante Ernesto de Vilhena. Lamento não poder ajudá-lo pois não estão na minha posse. Essas fotos foram tiradas pelo fotógrafo Mário Novais (já falecido) e mais tarde pelos continuadores dessa casa. Como há já alguns anos que não tenho contactos com eles, não sei se ainda possuirão os negativos. Em todo o caso, se V.Exa. está de facto muito interessado, poderá pôr-se em contacto com eles e ficará, certamente, devidamente esclarecido.

Sem outro assunto e apresentando os meus melhores cumprimentos, sou

De V.Exa.
Muito Atentamente

José Nascimento

v/c. em Azmar
30. III. 82

Meu querido Amigo.

Recebi o teu cartão d' 18. Tive muito
prazer nas tuas notícias, mas, infelizmente
não conheço em tuu q'essa poesia. Tu
tenho um, mas não mais tem por o
estádio de madeira trabalhada, cujos me tra-
balho indiano do século passado. Está
na minha casa de Moreira da Maia, e se por
o caso lhe interessar vê-lo, combinamos
a maneira de o fazer.

Ocarbóis

Imagens

Imagens de marfim indo-portuguesas
tenho uma grande de Nossa Senhora (séc.
XVIII), um S. Francisco Xavier. As m-
bras por tenho são N. Sr. da Conceição,
Santo António e, mais antigo um pequ-
nino S. Sebastião. A minha crença não
cheio para o classificar, mas é possível
que sejam também de origem indo-portuguesa.

Estas mujeres est~~o~~ todas na minha
casa em Lisboa.

Com um grande sheet amigo,
peço di sempre sempre de

M^o g^o g^o, com ~. de ~

SuperAmigável

partir de 1 de Agosto
neral da Força Aérea Silva Car
doso, presentemente em visita
oficial ao Brasil.

Eanes nas bodas reais



UM BIOMBO JAPONÊS

PARA «LADY DIANA»

O presidente da República visitou ontem à tarde a Fundação Ricardo Espírito Santo, para observar o biombo japonês aí encomendado para as bodas de Carlos de Inglaterra e de «lady Diana».

A prenda do presidente para o casamento do príncipe britânico é uma reprodução de um biombo japonês representando a chegada dos portugueses ao Oriente, no século XVI. O original está guardado no Museu de Arte Antiga e serviu agora para uma cópia rigorosa, avaliada em cerca de 400 contos.

A dimensão da cópia é de 172 por 246 centímetros e o material é casquinha velha (ninho de abelha) revestida a madeira. A pintura assenta nalguns pontos sobre uma base de ouro fino, em folhas de 23 quilates e foi o trabalho mais moroso da obra que demorou cerca de 120 dias a executar.

Jornal de Notícias - 15/7/81

TEM INTERESSE

**EANES
OFERECERA
AO PRINCIPE
CARLOS
A REPRODUÇÃO
DUM BIOMBO
DO SÉC. XVI**

O Presidente Ramalho Eanes visitou terça-feira a Fundação Ricardo Espírito Santo para apreciar o biombo que oferecerá ao Príncipe Carlos de Inglaterra como prenda de casamento.

O Presidente da República, acompanhado da mulher, visitou várias dependências daquela fundação, assim como as oficinas onde são formados os artistas que nela trabalham.

O presente de casamento destinado ao herdeiro da coroa britânica, feito na fundação, é uma reprodução de um dos quatro biombos que existem no Museu de Arte Antiga, em Lisboa — em todo o mundo há apenas 60. Trata-se de um objecto de arte Namban, do século XVI.

O biombo tem seis faces e representa a chegada de uma nau Portuguesa a Nagasaki.

O pormenor do chá servido no convés da nau dá à oferta a imagem de uma das Ngações entre Portugal e a Inglaterra: foi a rainha portuguesa D. Catarina que introduziu na corte inglesa a cerimónia do chá.

110 Comércio do Porto - 16/12/1971

O presidente regional de Turismo (CRTA) admitte a possibilidade de se recorrer à RDI para ajudar a região.

Baptista tal é resultado de uma intervenção desajustada nos mercados nacionais e internacionais.

País também tem um problema de desemprego — disse — à escala nacional que tem recebido o país de várias maneiras.

FALTA NO ALGUMAS NÃO É COMO

«A situação económica é semelhante à notada no conceito de Albufeira tanto quanto o presidente regional de Turismo (CRTA).

Foi-nos de água e de madeira vindo a

MINISTERO BENI CULTURALI E AMBIENTALI
ISTITUTO CENTRALE PER IL CATALOGO
E LA DOCUMENTAZIONE
Via in Miranda, 5 - ROMA

matrice della

Ricevuta n. 04

Roma

£. 14.000

10-2-81

Ricevute da

Maria Helene Pinto

L.

Dieci settemila ~

per

6 copie Fotogr. 18x24

CASSA

CONTABILITÀ

Importo delle marche
applicate sulla matrice
della ricevuta.

Riggiro
il reverse

Registri Buffetti 8238 (f)

Istituto Centrale per il catalogo
e la documentazione
Via in Miranda, 5 - Roma

(a fotocopia do pedido de
N. H. Paula Pinto foi enviada a Paulo
de Oliveira as dello em 15/12/981)

Desde o século XIII do Medievo a
século XX. Por Feliciano Ramos. (8.^a edi-
ção). Braga. 1967. De 22,5x16 cm. Com
924 págs. Enc. do editor **580\$00**
Bom ex.

- 63433 **HISTÓRIA DE O.** Por Pauline Réage. Tra-
dução de Guilhermina Azeredo. Lisboa.
1973. De 25x19 cm. Com 229 págs. Br.
280\$00. Enc. **880\$00**

Literatura e dicionário de língua espanhola

Com 207 págs. Br. **1.250\$00**. Enc. **2.250\$00**
Precisa ser enc. Profusamente ilustrado.
Está em folhas soltas.

- 63402 **LISBOA DE QUINHENTOS.** Descrição de
Lisboa. Texto latino de Damião de Góis.
Tradução de Raúl Machado. Lisboa. 1957.
De 22x14 cm. Com 58 págs. Enc. **1.250\$00**
Ilustrado.

- 63403 **LISBOA DE TEMPOS IDOS.** Separata de
alguns dos meus relatórios de passeios.

Par V. Scheil, O. P. (Ministère de L'Instruc-
tion Publique et des Beaux-Arts. Délégation
en Perse). Paris. 1902. De 34x26,5
cm. Com 200 págs. Br. **1.250\$00**
Enc. nova **2.800\$00**

Profusamente ilustrado. Precisa ser enc. Com
leves manchas de humidade.

- 63318 **MÉMOIRES SUR LES LANGUES, DIALECTES
ET PATOIS, TANT DE LA FRANCE QUE
DES AUTRES PAYS.** Mémoires et disserta-
tions sur les antiquités nationales et étran-
gères, publiés par: La Société Royale des
Antiquaires de France. Paris. 1824. De
22x14 cm. Com XXXII-550 págs. Br. **1.250\$00**
Enc. **2.000\$00**

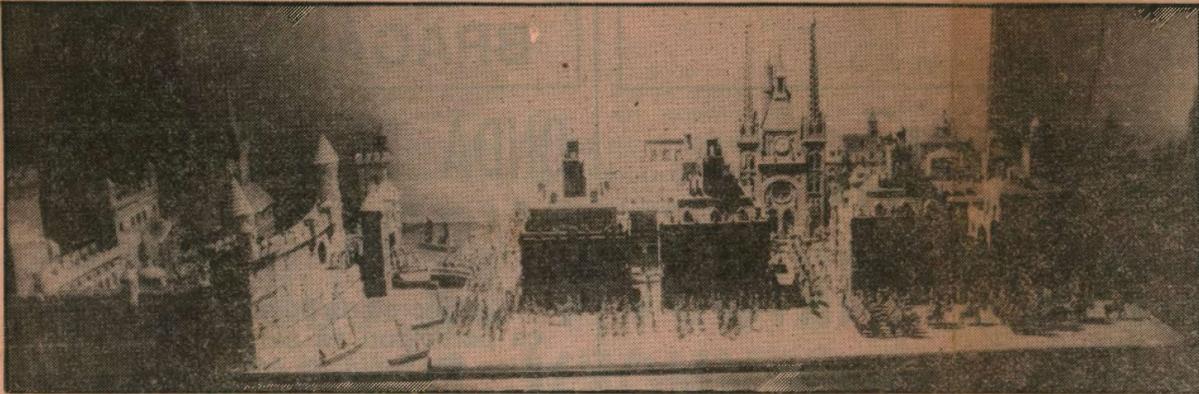
- 63319 **MODERN (A) ENGLISH GRAMMAR ON HIS-
TORICAL PRINCIPLES.** By Otto Jespersen.
I. — SOUNDS AND SPELLINGS. II. — SYN-
TAX. First vol.

2.500\$00. Enc. **3.500\$00**

- 63323 **NOVO DICIONARIO DA LINGUA POR-
TUGUEZA.** O mais exacto e mais completo
de todos os Dicionarios até hoje publi-
cados. Contendo todas as vozes da Lingua
Portugueza, antigas ou modernas, com as
suas varias acceções, accentuadas confor-
me á melhor pronuncia, e com a indicação
dos termos antiquados, Latinos, Barbaros
ou Viciosos. — Os nomes proprios da Geo-
graphia antiga e moderna. — Todos os ter-
mos proprios das Sciencias, Artes e offi-
cios, etc., e sua definição analytica. Se-
guida de um Dicionário de Synonymos.
Por Eduardo de Faria. 2.^a edição. Lisboa.
1850-53. De 30x20 cm. Em 4 grossos vols.
Enc. cansada **2.000\$00**. Enc. boa **6.000\$00**

- 63324 **NOVO DICIONARIO GERAL DAS LIN-
GUAS PORTUGUEZA E PORTUGUEZA AUGMEN-**

1ª carta a Alberto Cutileiro com pedido de documento e ambraç. para fotograf. o Calvário - 4/3/82



Entrada de Napoleão em Moscovo

CLUBE PORTUGUÊS DE MINIATURAS: UMA AUTÊNTICA CAIXA DE SURPRESAS

Um crucifixo do século XVI, oferecido por D. João de Castro à cidade do Porto, um capacete de um oficial alemão preso pelo professor Hernâni Cidade, em França; um «ex-voto» de um soldado realista que fez parte do Cerco do Porto, a entrada do grande exército de Napoleão em Moscovo, o primeiro comboio português, os primeiros voos de aeroplanos que Lisboa viu; os programas das primeiras ascensões de balões efectuadas em Portugal; entre milhares de outras curiosidades, tudo isto se encontra no Clube Português de Miniaturas.

Este clube, que se situa na Rua das Furnas, em São Domingos de Benfica, reúne um rico espólio cuja história remonta ao ano de 1836, altura em que Augusto Verol fundou na Rua Augusta (onde actualmente se encontram as instalações do Montepio Geral) uma encadernação. Em 1843, associou-se com Francisco Cutileiro e fundaram uma casa que além de tipografia e encadernação, também funcionava como livraria e papelaria. Ali vendiam-se artigos de papelaria e, mais tarde, folhas para recortar soldadinhos, fabricadas em França. Esta iniciativa teve tal êxito que, à porta do estabelecimento, passou a figurar uma

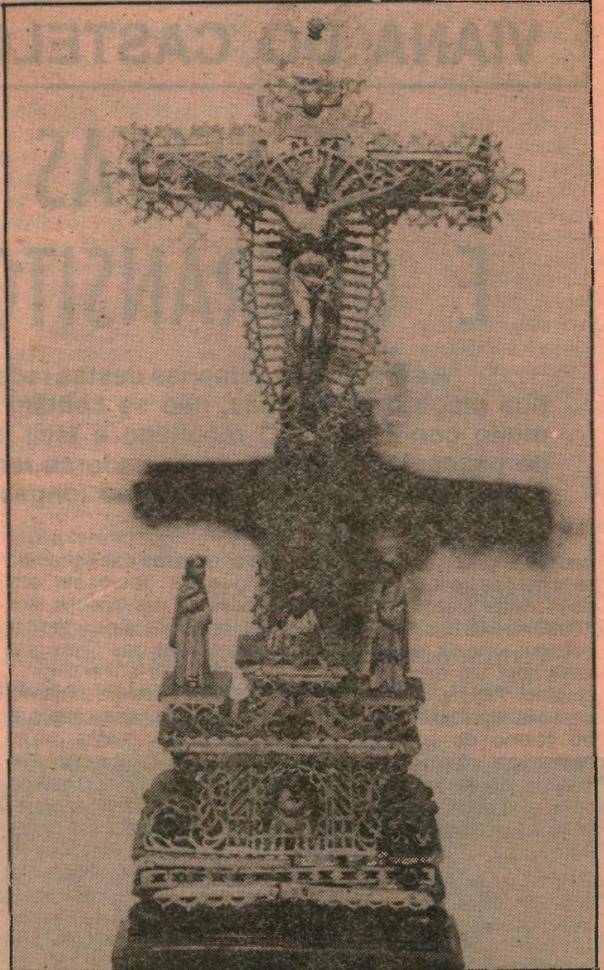
estampa de um militar em grandes dimensões. A partir daí a loja passou a ser conhecida pela «Casa do Militar à Porta».

Quem nos recorda todos estes factos é Alberto Cutileiro, actual detentor e conservador das interessantes colecções dos seus antepassados. Aliás, quando descemos para as actuais instalações do Clube Português de Miniaturas, deparamos com uma grande estampa de um soldadinho, na parede à nossa frente, o que aliás representa uma antevisão das completas colecções de «soldadinhos de chumbo» que se podem observar nas instalações do clube. Colecções que documentam,

em pormenor, a história do vestuário militar ao longo dos séculos da nossa história.

Alberto Cutileiro contou-nos, entretanto, a história do crucifixo oferecido por D. João de Castro à cidade do Porto, e que está a ser restaurado. Tudo começou quando D. João de Castro se dirigiu à Índia a fim de elaborar uma escala dos portos ali existentes. Viajava a bordo da nau «Grifo» que foi totalmente abastecida pela população portuense que, para tal se quotizou, contando-se entre os vários géneros grande quantidade de barricas de tripas. O vice-rei quando do regresso a Portugal, querendo mostrar a sua gratidão, ofereceu o referido crucifixo. Trata-se de uma obra de arte indo-portuguesa, em pau-santo, toda trabalhada em marfim com pregos de prata, tendo a seguinte inscrição: «este calvário mandou fazer D. João de Castro a Bernardo Pirez em Goa para a nau Grifo no ano de 1538».

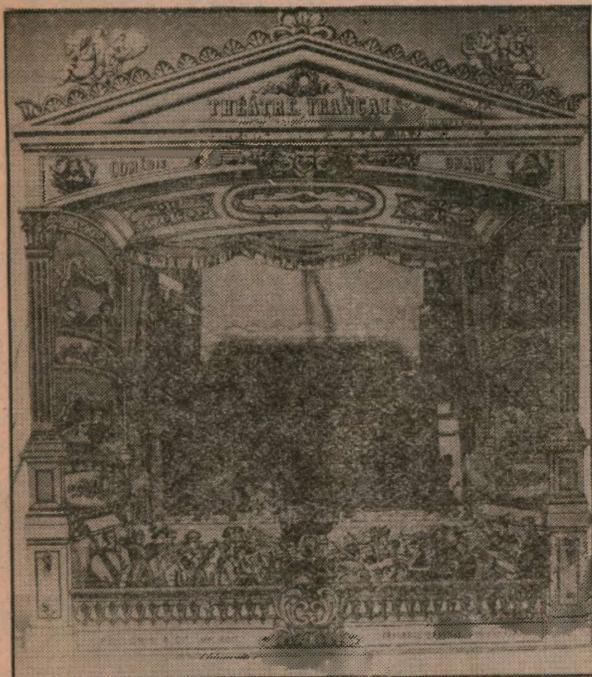
trabalho impressionante. É uma miniatura da autoria do tenente-coronel de Engenharia, Eugène Labbomme, que fez parte da campanha, em 1812, e que utilizou no trabalho madeira de abeto. A miniatura mostra um grande plano da parte central da cidade onde os prédios, as ruas, a população que se



Crucifixo roubado pelos franceses à cidade do Porto, mais tarde restituído à capital nortenha

aglomera nos passeios, janelas e varandas até às tropas que desfilam (vendo-se entre elas a figura do imperador) traduzem uma perfeita re-

constituição do facto histórico. Outra curiosidade — a maquete do comboio que inaugurou a primeira linha-férrea (Continua na pág. 19)



Iluminura de um «ex-voto» de um soldado realista, que fez parte do cerco à cidade do Porto

O PRIMEIRO COMBOIO

A iluminura onde se encontra um ex-voto de um soldado realista que fez parte do cerco do Porto diz o seguinte: «Milagre que fez Nossa Senhora do Monte Carmo a João Teixeira, soldado do batalhão realista da vila de Estremoz, porque mantendo-se de guarda a uma barrica de pólvora, em 12 de Setembro de 1830, no cerco do Porto, veio uma bomba do inimigo que fez arrebentar com toda a pólvora, salvando-se e ficando todo despidido de roupa sem uma beliscadura na protecção de Nossa Senhora e assim este mandou-o fazer.»

A entrada do Exército de Napoleão em Moscovo é um

OS ACESSOS À PONTE

«IMPACIÊNCIA DOS PORTUGUESES» PROVOCA ENGARRAFAMENTOS

Os acessos à cidade, especialmente a via da ponte sobre o Tejo, conheceram ontem um crescente afluxo de tráfego. Cerca das 19 horas de segunda-feira, centenas de veículos vindos da EN 264, Algarve-Aljustrel-Lisboa, chegaram à capital vindos de férias, ao mesmo tempo que a circulação aumentava devido à hora do regresso a casa por parte daqueles que retornavam do trabalho.

Segundo a Brigada de Trânsito da GNR «esperava-se um agravamento da situação devido ao crescente aumento de tráfego resultante da confluência de viaturas vindas de férias e do trabalho aliada à conhecida «impaciência dos Portugueses».

Quanto ao número de acidentes registados este ano, relativamente ao mesmo período na época transacta, não sofreu grandes alterações.

Assim, segundo apurou o «PJ», entre as 12 horas de sexta-feira e domingo, registaram-se 187 acidentes que originaram 15 mortos e 187 feridos, 88 dos quais em estado grave.

As fronteiras de Valença do Minho e Vila Verde de Ficalho registaram também, no último fim de semana, grande intensidade de tráfego, embora sem acidentes de vulto.

PERCENTAGEM DE MORTOS

Entretanto, um relatório divulgado pela Brigada de Trânsito da GNR, da responsabilidade da OMS — Organização Municipal de Saúde — e difundido pelo Dr. Vasconcelos Marques, representante da OMS em Portugal, «entre 15 a 20 por cento dos feridos hospitalizados em estado grave acabam por morrer. O «PJ»

conseguiu ainda saber, junto da mesma fonte, que «em Portugal as coisas são ainda piores, porque não se segue

aquilo que é normal fazer noutros países da OMS, ou seja, acompanhar ao hospital os feridos nessas condições».

CRÓNICA DOS MARGINAIS

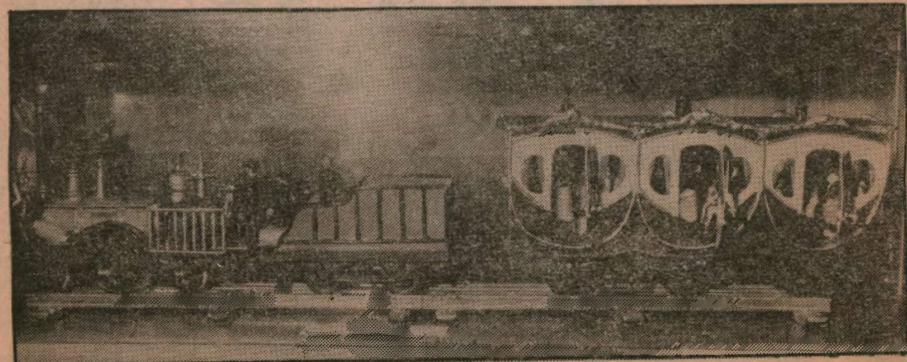
RESIDÊNCIAS DE ALAPRAIA «VISITADAS» POR GATUNOS

Dois intrusos puseram-se em fuga de uma residência situada em Alapraia, São João do Estoril, quando foram surpreendidos pelos locatários, cerca das 2 horas do passado sábado. Tinham ali entrado por escalamto e arrombamento mas nada foi furtado pelos assaltantes, apanhados em flagrante.

Tudo indica que aqueles dois indivíduos, apesar do susto que tiveram não desistiram dos seus intentos, pois, segundo revela o relatório do piquete da Polícia Judiciária, outra habitação de Alapraia foi assaltada nessa mesma noite. Tendo conseguido introduzir-se na residência por meio de escalamto e arrombamento, os gatunos furtaram diversos objectos de ouro, relógios, máquinas de calcular e uma certa quantia em dinheiro, tudo num valor estimado em cerca de 800 contos.

TAPETES «VOADORES»

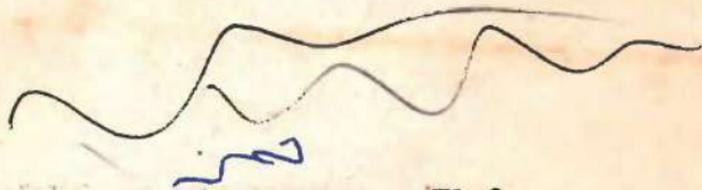
Tapetes e carpetes no valor de 150 contos «voaram» de um estabelecimento comercial localizado na Avenida da República. Os autores da «proeza» não foram magos persas familiarizados com misteriosos tapetes «voadores», mas antes larápios treinados no arrombamento de montras.



O primeiro comboio português

Museu de Crisól em Pousa(?)

- Crisól i. p. manuscrito
- Bela com 7 matrizes



Fl.2

Hipólito e o Eng^o Lusitana dos Santos, ambos docentes da Universidade de Coimbra.

Museu Machado de Castro

1.2.- Nova publicação - O Museu acaba de editar um interessante estudo (com numerosos elementos inéditos) sobre a Rainha Santa, para ser posto à venda por ocasião das Festas em honra da Padroeira de Coimbra. O livro é da autoria de Sebastião Antunes Rodrigues, intitula-se "I - 7^o Centenário do Casamento de D. Dinis com a Princesa de Aragão D. Isabel; II - A Cultura da Rainha Santa". O livro custa 200\$00 e pode ser adquirido no Museu, ou mediante pedidos ao Museu, enviado pelo correio (cujo o transporte custa 40\$00). A publicação deste livro integra-se no Programa do Museu "Três Santos que viveram em Coimbra: S. Teotónio, St^o António de Lisboa e Rainha Santa."

NO PAÍS - 20/11/1981

AS

ura chinesa

RÓXIMO dia 3 de Fe-
das 18 horas, será inau-
posição «Pintura Tra-
chinesa na Actualida-
seu Calouste Gulben-
assistirá o embai-
República Popular da

caçador elefantes»

RE a exposição «Me-
m caçador de elefan-
192-1964 —, na Junta
da Costa do Estoril,
do Parque. Trata-se
te de um dos irmãos
maiores poetas deste
eira de Pascoaes.
Teixeira de Vas-
ocurou África num
stível, quando tinha
inos: dois irmãos,
que em certa me-
ram, só diferencia-
a.

a polaca porânea

7 horas, será
posição «Gravu-
porânea», nas
posições Tempo-
o Calouste Gul-



Alabastros medievais ingleses

● AMANHA será inaugurada, pelas 16 h., no Mosteiro da Batalha, a exposição temporária «Alabastros Medievais Ingleses», organizada pelo Museu Nacional de Arte Antiga e pelo Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

A exposição marca o início de actividades deste último Museu, instituído em Dezembro, e reúne

a quase totalidade de peças daquela tipo de produção conhecidas em colecções públicas portuguesas, cedidas para o efeito por vários Museus e instituições religiosas.

Pela 1.ª vez numa exposição com estas características é utilizada a linguagem da banda desenhada como parte fundamental da informação.



A DÓR DE MÁRIO DE OLIVEIRA

VINDA de Espanha, no início desta semana, a notícia colheu-nos todos de surpresa. E encheu-nos de luto.

Ainda que doente e sujeita a duas recentes intervenções cirúrgicas, Conchita, a companheira de tantos anos de Mário de Oliveira parecia, apesar



PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

*Devolvidas
de contacto no
seguinte carta
- C. de contacto de
p. de p. de p. de
Dr. Beltrão
na instituição
7/5/81*

A

Lello e Irmão, Editores
Rua das Carmelitas, 144

4000 PORTO

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

Praca do Império — 1400 LISBOA
Tel. 61 01 00

MNAE 81/ 386

ASSUNTO: Vosso ofício de 28 de Maio de 1980.

25 MAI 1981

Em resposta ao vosso ofício e no seguimento da conversa telefónica de 20.5.81, enviamos em anexo as provas de contacto referentes ao vosso pedido, para escolha vossa.

Conforme combinado, as provas de contacto serão devolvidas, depois de devidamente marcadas as que vos interessam.

Não nos foi possível ainda satisfazer totalmente o vosso pedido, pois levantaram-se-nos várias dúvidas que gostaríamos de esclarecer:

- Vosso pedido
- Lâmpada de barro sem bico *fig. 1.a*
 - Lâmpada de barro com bico " *1.b*
 - Lucerna triangular
 - Lucerna visigótica

Nossa observação

- Disponho de exemplares mas que pertencem à colecção de Etnologia
- Agradecemos que especificassem o pedido
- Não disponho de nenhuma peça deste género

Enviamos ainda provas de contacto de duas lucernas paleo-cristãs (luso-romanas) para vossa escolha.

Com os melhores cumprimentos.

O DIRECTOR,

(Francisco J. S. Alves)

Na resposta, indicar as referências deste documento

Ao
Arquivo Histórico Ultramarino
Calçada da Boa Hora, 30
1300 LISBOA

PORTO, 12 de Dezembro de 1980

Exm^{os} Senhores:

Com os nossos melhores cumprimentos e com vista à
Ilustração da obra MOBILIÁRIO PORTUGUÊS da autoria do
Exm^o Senhor Eng^o Bernardo Ferrião, que esta editora vai publicar, m
multo gratos ficaríamos a V. Ex^{as} se nos autorizassem a publicar e
a fotografar 1 cadeira Indo-Portuguesa de ébano com embutidos em
palhinha, que é pretença desse arquivo.

Gratos pelo deferimento tão breve quanto possível, deste
nosso pedido, renovamos os nossos melhores cumprimentos e nos
subscrevemos com consideração e estima,

De V. Ex^{as}
Muito Atentamente



EL/ML

*Poderemos receber
pelo Sr. Sr. Teixeira, que pelo
telefone comunicou que se
ficar (for de cadeira) e
outros) pelo N. Maia, que se
maneira possível
5/5/81*

Hospital de Santo António da Misericórdia do Porto

Frontaria do lado E.



61. Frontaria e planar proutier de lado gualter fôrto gualter em arrojamento

Escola. 2. 0019 por T. 

VOL. 2
MAIO 80

BOLETIM DO HOSPITAL

Hospital Geral de Santo António-Porto

sumário

ENSINO MÉDICO PRÉ-GRADUADO
NO
HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO
SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO CICLO CLÍNICO
(19 de Abril de 1980)

DIRECTOR:

C. Soares de Sousa

SECRETÁRIO DE REDACÇÃO:

Sérgio Alexandrino

REDACTORES:

M.ª de Fátima Guedes Sena Lopes
C. Soares de Sousa
Luís Roseira
António Vasconcelos Teixeira

CONSELHO TÉCNICO:

R. Moreno Rodrigues (Administração)
Mário Nunes da Costa (Análises Clínicas)
J. Pereira Guedes (Anat. Patológica)
M. Silva Araújo (Anestesia)
J. Silva Meireles (Cardiologia)
J. Moreira da Costa (Cirurgia Vascular)
Ruy Branco (Cirurgia Geral)
Rui Sequeira (Cirurgia Geral)
A. Guimarães e Sousa (Cir. Plástica)
Luís Viegas (Dermatologia)
M.ª Dores Carrington (Endocrinologia)
A. Corte-Real (Estomatologia)
Girão Osório (Farmácia)
Gabor Gencsy (Gastrenterologia)
Benvindo Justiça (Hematologia)
Albino Aroso (Ginecologia)
Eva Xavier (Medicina)
Ribeiro Graça (Medicina)
Rogério Ribeiro (Med. Fís. e de Reab.)
D. Antunes de Azevedo (Nefrologia)
A. Paulo Mendo (Neurologia)
M.ª Helena Cruz (Obstetrícia)
A. Queiroz Marinho (Oftalmologia)
J. Bárbara Branco (Ortotraumatologia)
Gameiro dos Santos (Otorrinolaringologia)
Telmo Arez (Pediatria)
M. César Ribeiro (Psiquiatria)
Nuno Costa e Sá (Radiologia)
Armando Pinheiro (Reanimação Resp.)
M.ª Benedite Neuparth (Serv. Social)
Adriano Pimenta (Urologia)

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:

Hospital de Santo António
(Biblioteca Central)
Largo da Escola Médica
Porto — Portugal

Hospital de Santo António da Misericórdia de Porto
Frontaria ao lado S.



BOLETIM DO HOSPITAL

Hospital Geral de Santo António-Porto

VOL. 2
2
MAIO 80

ÍNDICE

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO CICLO CLÍNICO — ENSINO PRÉ-GRADUADO — NO H. G. S. A. (19.3.80)	
DISCURSO DO DIRECTOR DO H. G. S. A., A. Pinto Andrade	5
DISCURSO DO PRESIDENTE DA COMISSÃO INSTALADORA DO I. C. B. A. S., Nuno Grande.....	11
LICÇÃO INAUGURAL PROFERIDA PELO REGENTE DE HISTÓRIA DA MEDICINA, Joaquim Torres ...	15
DISCURSO DO SECRETÁRIO DE ESTADO DO ENSINO SUPERIOR, Eng.º Formosinho Sanches...	31

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO CICLO CLÍNICO
DO ENSINO PRÉ-GRADUADO NO HOSPITAL GERAL
DE SANTO ANTÓNIO — 19.3.80

DISCURSO PROFERIDO PELO DIRECTOR DO H. G. S. A.,
DR. A. PINTO ANDRADE

Boletim do Hospital, 2 (2): 5-10, 1980

*Ao Ex.º Sr. Sr. Sr.
Bernardo Fernandes
Admin.ª do Hospital*

João Pinto

Porto 27/VI/81

*Senhor Ministro dos Assuntos Sociais
Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior
Senhor Secretário de Estado da Saúde
Ex.ª Reverendíssima, Snr. Bispo do Porto
Minhas Senhoras e meus Senhores:*

Decorridos mais de 20 anos, abrem-se de novo as portas desta Casa, aos alunos de Medicina. Este estabelecimento secular, de tão largas tradições no Ensino, inicia assim um novo ciclo da sua existência.

Momento alto, sem dúvida, cuja importância transcende a vida desta Casa, projectando-se na vida da nossa cidade e de toda a região Norte — e, não será ousadia afirmá-lo —, se projecta mesmo a nível nacional.

Da importância deste acontecimento, é testemunha a presença de V. Ex.ª aqui, neste momento, a qual tenho a honra de agradecer em nome dos órgãos de Direcção e Gestão deste Hospital.

Na pessoa de V. Ex.ª, Senhor Ministro e Senhores Secretários de Estado, saúdo os responsáveis pela formulação e execução da política de Saúde e do Ensino Superior, confiante que a presença de

BOLETIM DO HOSPITAL

Hospital Geral de Santo António

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. O BOLETIM DO HOSPITAL, órgão do Hospital de Santo António — Porto, está aberto a todos os médicos e a todos os elementos dos vários sectores de actividade hospitalar do H. G. S. A..

2. Os trabalhos para publicação devem obedecer às seguintes condições:

a) incluir um resumo e respectiva tradução em inglês e ou francês;

b) serem dactilografados, a dois espaços, em papel de máquina convencional (formato A4), não devendo cada linha exceder 12 centímetros de comprimento;

c) os gráficos ou desenhos, quando existam, devem ser feitos a tinta da china, devidamente legendados e numerados (numeração árabe); os quadros serão também devidamente intitulados e numerados (numeração romana);

d) todos os títulos e legendas de gráficos, desenhos, fotografias e quadros devem ser reunidos em folha de papel idêntica à do texto;

e) as fotografias devem ser de boa qualidade e objectivas; no respectivo verso ou em papel transparente sobreposto devem constar todas as indicações julgadas úteis;

f) acompanhados de bibliografia ordenada segundo as referências no texto, o qual incluirá os respectivos números no local devido; as referências bibliográficas serão feitas conforme os exemplos seguintes:

Livro — CONN, H., *Terapêutica 1971*, Salvat Editores, S. A., Barcelona, 1971.

Artigo de revista — HUGUIER, M.; MALAFOSSE, M.; MALTA-BEY, J. & LOYGUE, J., *Le Traitement chirurgical de la maladie de Cronh-La Nouv. Presse méd.* 2 (29): 1931-1934, 1973 (ordem: volume, (número), primeira e última página, ano).

3. Todos os trabalhos, incluindo os solicitados, serão sujeitos à apreciação da redacção e do conselho técnico que sobre os mesmos poderão, sempre que entenderem necessário, solicitar pareceres técnicos a entidades consideradas competentes para o efeito.

4. Os trabalhos não aceites imediatamente serão devolvidos aos autores, com nota justificativa dos motivos da devolução e/ou proposta de modificações julgadas indispensáveis à publicação.

OS ARTIGOS ASSINADOS SAO DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

JOAQUIM TORRES

PORQUÊ HISTÓRIA DA MEDICINA

Separata de BOLETIM DO HOSPITAL
Hospital Geral de Santo António — Porto
Vol. II, n.º 2 — Maio 1980

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO CICLO CLÍNICO
DO ENSINO PRÉ-GRADUADO NO HOSPITAL GERAL
DE SANTO ANTÓNIO — 19.3.80

LIÇÃO PROFERIDA PELO REGENTE DE HISTÓRIA
DA MEDICINA, DR. JOAQUIM TORRES

Boletim do Hospital, 2 (2): 15-29, 1980

*Às Ex.^{as} Senhoras Ex.^{as}
Bernarda Torres em nome do
regente da*

Joaquim Torres
Porto 27/VII/81

Ex.^{mo} Senhor Ministro dos Assuntos Sociais
Ex.^{mo} Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior
Ex.^{mo} Senhor Secretário de Estado da Saúde
Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. António, Bispo do Porto
*Ex.^{mo} Senhor Representante do Magnífico Reitor da Universi-
dade do Porto e da Faculdade de Medicina*
*Ex.^{mo} Senhor Presidente da Comissão Instaladora do Instituto de
Ciências Bio-Médicas*
*Ex.^{mo} Senhor Director Clínico, em quem cumprimento todo o
Corpo Clínico desta Casa*
Ex.^{mas} Autoridades Cíveis e Militares
Minhas Senhoras e meus Senhores
Alunos

Coube ao regente de História da Medicina a incumbência de proferir a sua primeira lição como a inaugural deste Ciclo Clínico, primeiro passo intrépido para reestruturar uma nova Escola de Medicina no Hospital Geral de Santo António.

E porquê a História?

LIVRARIA HISTÓRICA E ULTRAMARINA

(J. C. SILVA)

Travessa da Queimada, 28

LISBOA 2 — PORTUGAL

LIVROS ANTIGOS
E MODERNOS
MANUSCRITOS

GRAVURAS ANTIGAS
LITOGRAFIAS
MAPAS

TELEF. 36 85 89



Lisboa, 7 de Janeiro de 1982

Exº Senhor
Engº Bernardo Ferrão
Rua Senhora da Luz
4100 PORTO

*Recibo pelo envio
do livro 11/1982*

Exº Senhor Engenheiro:

Muito obrigado pela sua carta de 15 de Dezembro p.p., que acompanhava a remessa das separatas que hoje recebi da Livraria Sousa e Almeida.

Sô tenho pena que o atraso fosse por motivo de saúde, fazendo agora votos pelas suas melhoras.

||
Junto para liquidação do meu débito, um cheque de Esc. 4.800\$00. Se mais tarde aparecerem ainda algumas separatas da Hispano-Filipina, ou de outros trabalhos seus, estarei sempre interessado, e ficarei muito grato pelo favor de me informar.

Espero que, conforme combinámos, se lembre de me reservar, quando forem publicados, o número de exemplares que indiquei, os seus futuros trabalhos.

Renovando os meus cumprimentos, peço que me creia como seu

Attº Vº e Obº

J. M. Almarjão

ESPECIALIDADES

HISTÓRIA
GENEALOGIA
HERALDICA

ÁFRICA — ÁSIA — AMÉRICAS
ASSUNTOS COLONIAIS
VIAGENS E DESCOBRIMENTOS

AUTÓGRAFOS
ICONOGRAFIA
EX-LIBRIS

Carte Blanche à Maurice Rheims

L'art et l'argent constituent un ménage, peut-être irritant, peut-être immoral, mais en fait exemplaire.

Sans argent ou sans pouvoir — même le révolutionnaire Proudhon en convenait — il n'y a pas de création.

Depuis la plus haute antiquité, à Athènes, à Thèbes, à Rome, créateurs, mécènes, collectionneurs, ont toujours marché la main dans la main.

Durant le haut Moyen Age, l'Eglise, ultime mécène dans un monde cahotique et dangereux, est seule à offrir à l'artiste la possibilité de s'exprimer, lui fournissant un asile, la sécurité et de quoi subsister.

A l'aube du XIII^e siècle, le petit peuple de Florence est encore ilote. Ce n'est pas lui qui va bâtir cette prestigieuse cité, ce sont les Médicis, ces banquiers, ces usuriers, qui, pour sauver leur âme, vont ainsi payer à leur manière, en élevant basiliques et palais, l'impôt sur la fortune. De l'argent décidément bien placé, c'est ce que pensent, en 1980, ceux qui vivent dans les villes d'art, dont beaucoup doivent leur prospérité à l'industrie touristique : aux rois, aux usuriers, aux doges de Venise, aux flibustiers et, depuis le XIX^e siècle, aux bourgeois.

On vient souvent nous chanter la triste mélodie de l'argent maudit, de l'argent corrompue, des rapports malsains de l'art avec l'argent. Pourtant, au fil de ma longue carrière, où j'ai rencontré les plus grands peintres de la génération passée (les Dufy, les Matisse, les Picasso, les Marquet, les Derain, les Chagall), je n'en ai pas rencontré un seul qui n'ait pas paru préoccupé, à un moment ou à un autre, de ses intérêts matériels. Comment Picasso aurait-il pu se faire connaître et, finalement, vivre comme un seigneur de la Renaissance, lui membre du parti communiste, s'il n'avait pas été, dès l'âge de 25 ans, pris en main par le négoce, protégé par les Uhde ou par les Kahnweiler, qui, avant toute la critique, et bien avant les Pouvoirs publics, surent reconnaître son prodigieux génie.

Puisque nous parlons d'argent,



Maurice Rheims, de l'Académie française, vient de publier aux Editions Ramsay « Les collectionneurs ».

Les collectionneurs menacés par l'impôt

parlons aussi d'objets. Les Mercuriales, qui rendent compte des ventes publiques, soulignent à plaisir les prix souvent prodigieux atteints par les objets. N'ai-je pas entendu récemment le commentateur d'une chaîne périphérique assurer que le « Guernica » de Picasso valait cinquante millions de dollars, chiffre hautement fantaisiste ? Il n'empêche que la toile proposée pourrait bien atteindre le dixième de ce prix.

Comment nos fiscalistes en train de plancher à propos de l'impôt sur la fortune ne seraient-ils pas alertés par quelques-unes de ces enchères prodigieuses ?

Ainsi, les « Icebergs », une toile de l'Américain Church, vient de se vendre pour deux millions et demi de dollars, « Juliette et sa nurse », chef-d'œuvre de Turner, a été enlevé, il y a quelques mois, pour la somme de six mil-

lions quatre cent mille dollars, soit près de trois milliards de centimes.

Seulement voilà, à consulter les listes des acquéreurs, l'enquêteur verra qu'il n'y a pas un Français parmi eux. Il s'agit de quelques « pétroliers », généralement américains, et surtout de ces grandes fondations créées par des amateurs qui, tel Getty, créent des musées à leur propre gloire.

Que peuvent les Français dans pareilles compétitions ?

Voilà plus de dix ans que nos compatriotes en sont pratiquement exclus. Cela pour plusieurs motifs : comment lutter contre les grands riches du pétrole ? Comment survivre à notre fiscalité ? Il faudrait aménager les lois sur la dation, à l'aide de nouvelles dispositions successorales et suivre les Usa, où les amateurs achètent ce qui leur plaît dans les limites de leurs moyens, rassurés à l'idée que leurs héritiers pourront acquitter les droits de succession en remettant une partie du trésor à l'Etat.

Si, par la force des choses, les Français sont exclus de semblables épreuves, il leur est toujours possible de collectionner. D'autant plus que, paradoxalement, le nombre des objets dignes d'être amassés ne cesse de croître. Depuis moins de cinq ans, on a élevé au niveau de la curiosité, les poupées, les jouets, les tables de dentistes en aluminium.

Ainsi, dans les créneaux restants ou dans d'autres que l'on ouvrira demain, il y a, et il y aura encore et toujours de l'espoir. Il ne faut pas rire de ces personnes que vous voyez courir dans tous les sens à l'hôtel des Ventes, ce ne sont ni les cousins d'Onassis, ni les fondés de pouvoirs de monsieur Kashoggi, mais bien, pour la plupart, des gens aux revenus moyens, animés de la passion la plus ardente pour les objets.

Paradoxalement, ce sont ces amateurs qui, en dépit de la faiblesse de leurs moyens financiers, sont souvent conduits à acquérir ce que la plupart méprisent, et se retrouvent, du même coup, à l'avant-garde. Qui aurait songé, il y a cin-

quante ans, à considérer la photographie comme un art ? Pourtant, quelques « voyants » ont su préserver de la destruction, en les acquérant, quelquefois pour moins de vingt francs, des chefs-d'œuvre de Nadar ou de Sand Southworth.

Mais il ne suffit pas d'être chercheur d'or ou croqueuse de diamants pour faire fortune. Sans cesse on nous rebat les oreilles de ces tableaux de Gauguin, de Degas, de Renoir, que de modernistes arrière-grands-parents eurent le courage d'acquérir pour cinquante francs. On oublie qu'à la même époque 98 % des amateurs acquéraient des Gérôme ou des Bouguereau à des prix dont, aujourd'hui, il serait impossible de tirer le centième.

Si l'on s'en réfère à l'unité de compte du salaire horaire du manœuvre, dont on connaît, année après année, les cours depuis 1726, on constatera alors que la plupart des objets, loin de voir leurs cours croître, les voient baisser par rapport aux monnaies.

Il faut donc acheter ce qui vous plaît, sans vous préoccuper de la cote.

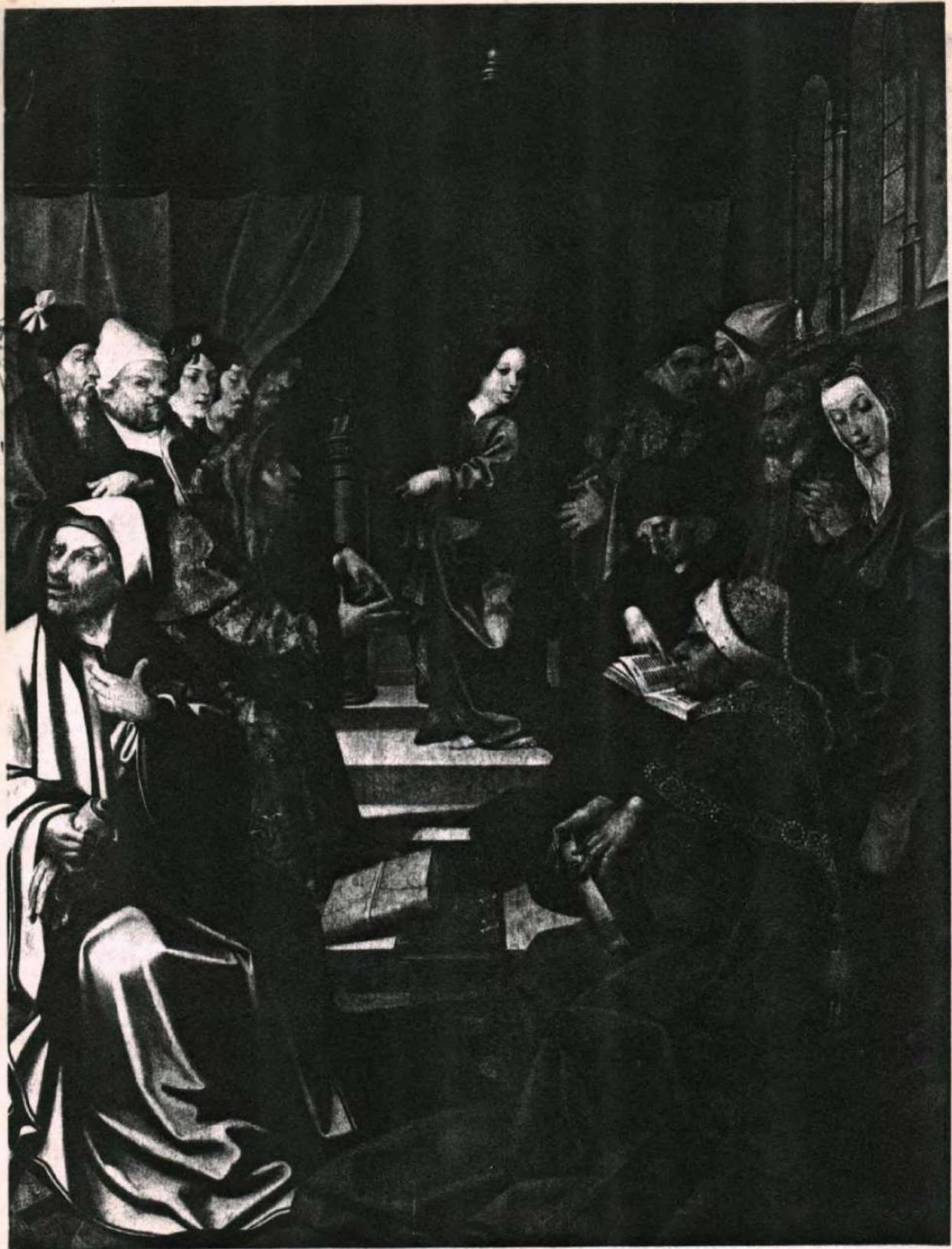
Quant à vous, Messieurs nos Ministres, ménagez la curiosité. Notre Curiosité.

Imaginez le quai Voltaire, les rues de Seine, Bonaparte et des Saints-Pères, Avignon, Dijon ou Mâcon privés de leurs antiquaires, de ces devantures charmantes dont beaucoup rivalisent avec celles des musées, sinon qu'elles sont plus humaines. Ne nous dites pas qu'à la boutique de « Magus », vous préférez celle du prêt-à-porter.

N'oublions pas non plus que ces marbres, ces toiles, ces meubles qui nous émeuvent, ce sont les hommes qui les ont conçus ; c'est à eux que nous devons penser et plus ardemment encore après avoir lu le grand roman que François Nourissier vient de consacrer au monde de la peinture. Jamais encore, depuis « L'Œuvre » de Zola, un écrivain n'avait réussi à nous montrer l'envers de l'âme du peintre en face de la prodigieuse confusion qui règne depuis vingt ans dans le monde de l'Art. ■



Memoria Jesus entre os Doutores
Juiz. 1575



Memineo Jesus entre os Doutores
Juvo. 7

Lisboa, 30 de Julho de 1981.

Meu caro Amigo

Peço a maior desculpa no atraso em lhe responder à sua carta de 7 de Junho, mas uma ausência de mais de um mês, no Brasil, impediu-me de lhe enviar os esclarecimentos prestados.

Concretamente e falando da mesa, de que junto algumas fotografias do suporte:

1) No meu entender as pernas são de origem. Estão simplesmente betumadas e pintadas, com uma tinta de côr acastanhada, que julgo tenha sido aplicada, com o intuito de as preservar, pois ao contrário do que parece, a madeira encontra-se muito danificada e carunchosa. Trata-se, no dizer de entendidos, duma árvore fruteira que ainda não consegui identificar com segurança. Mandei fazer uma fotografia da base invertida, para ver o estado de conservação da ^{base das pernas} madeira, que é igual ao da restante parte, de acôrdo com sondagens de decapagem, que estão sendo feitas neste momento.

2) Penso que não teria tido sempre travessões no leito do tampo, pela razão seguinte:

O tampo está cortado em ambas as extremidades mas de forma irregular, isto é, mais de um lado que do outro. Ora os travessões estão colocados simetricamente em relação ao tampo actualmente existente.

É claro que podiam ter sido mudados de posição mais tarde, mas não encontro no verso do tampo sinais desse facto.

3) A mesa montada tem, actualmente, 0,64 m. de altura. A corrente, muito curiosa como poderá ver pelas fotografias, não se presta (ao contrário do que sucede com a outra mesa que possuo) a que possa ser montada a diferentes alturas.

4) As dobradiças são efectivamente de latão.

Estou tratando do restauro da cama indo-portuguesa. É um problema que me preocupa muito, pois nunca me perdoaria a mim próprio, se de qualquer forma ela saísse diminuída desse restauro.

Estou fazendo primeiro um plano do que é que se poderá fazer.

O restauro que pretendo fazer é uma simples consolidação e uma limpeza cuidada, tendo em mente não estragar os restos de ouro que a cama ainda possui. Para isso tenho pessoa competente e cuidadosa.

A dúvida que permanece no meu espírito, e para a qual peço o seu conselho é a seguinte:

A cama, quando foi cortada, talvez pela sua excessiva largura, ficou (como

.... /

pode verificar pelas fotografias) com as colunas encaixadas na cabeceira, o que muito prejudica o seu aspecto estético.

Será lícito acrescentar à cabeceira, entre 6 a 7 centímetros para cada lado, só com o objectivo de despregar as colunas da cabeceira, restituindo-lhe, não o aspecto primitivo, mas um mais semelhante ao inicial !?

Ou, o respeito pela relíquia obriga-me a deixae tudo como está, com excepção da consolidação e limpeza ?.

Faço tenção de mandar fazer um desenho ilustrativo desta hipótese, e com muito prazer lho mandaria.

No entanto, se tiver já uma opinião formada acêrca deste assunto, muito lhe agradecia ma comunicasse.

E é tudo por hoje.

Um abraço do amigo e admirador sincero

Francisco Sá Carneiro

REGISTERED

GRAHAM'S BOND

Jornal do **EXÉRCITO**



OUTUBRO 1977
7\$50

REDESCOBERTO O CAPACETE DE D. ANTÓNIO PRIOR DO CRATO?

Por RAINER DAEHNHARDT
• Presidente da Soc. Portuguesa de Armas Antigas

Completamente desconhecido, surgiu agora à luz do dia uma das maiores maravilhas da arte indo-portuguesa do século XVI. Trata-se dum capacete de categoria real, ricamente cinzelado e gravado e totalmente coberto por uma forte camada de ouro.

O que distancia este capacete de outros exemplares da mesma época, existentes em diversos dos maiores museus mundiais, não é a sua espantosa qualidade, visto existirem outros da mesma qualidade e até melhores (no que se refere à qualidade de cinzel). Esta obra destaca-se de todas as outras conhecidas pela sua origem, facilmente reconhecível pelos motivos dos desenhos e pela matéria utilizada.

Os capacetes de luxo, hoje ainda existentes e cuidadosamente guardados e expostos nas vitrinas dos tesouros das mais ricas peças de armaria, internacionalmente conhecidos, são todos provenientes de Augsburg, Nuremberga, Milão ou de Paris. Qualquer que fosse a

nacionalidade do futuro portador, as encomendas eram sempre dirigidas aos mesmos mestres, nas cidades que mais se tinham destacado pelo seu fabrico de armaduras de luxo. Ainda se poderia esperar uma origem de Landshut, Innsbruck, München, Dresden, Brescia ou até de Greenwich, que eram outros centros de fabricação de armaduras. Uma origem INDO-PORTUGUESA, no entanto, é algo de inédito e inesperado.

Não se conhece, por enquanto, nem um único outro exemplar que se lhe possa comparar ou que tenha até ligeiras semelhanças com o exemplar presente.

Demonstrando a fusão do estilo da Renascença europeia com o estilo indiano, com mútua aceitação e igualdade de valor de ambos, testemunha o pensamento básico dos conquistadores portugueses.

Estes recebiam e davam, não se submetiam nem subjugavam, ao contrário dos conquistadores espanhóis.



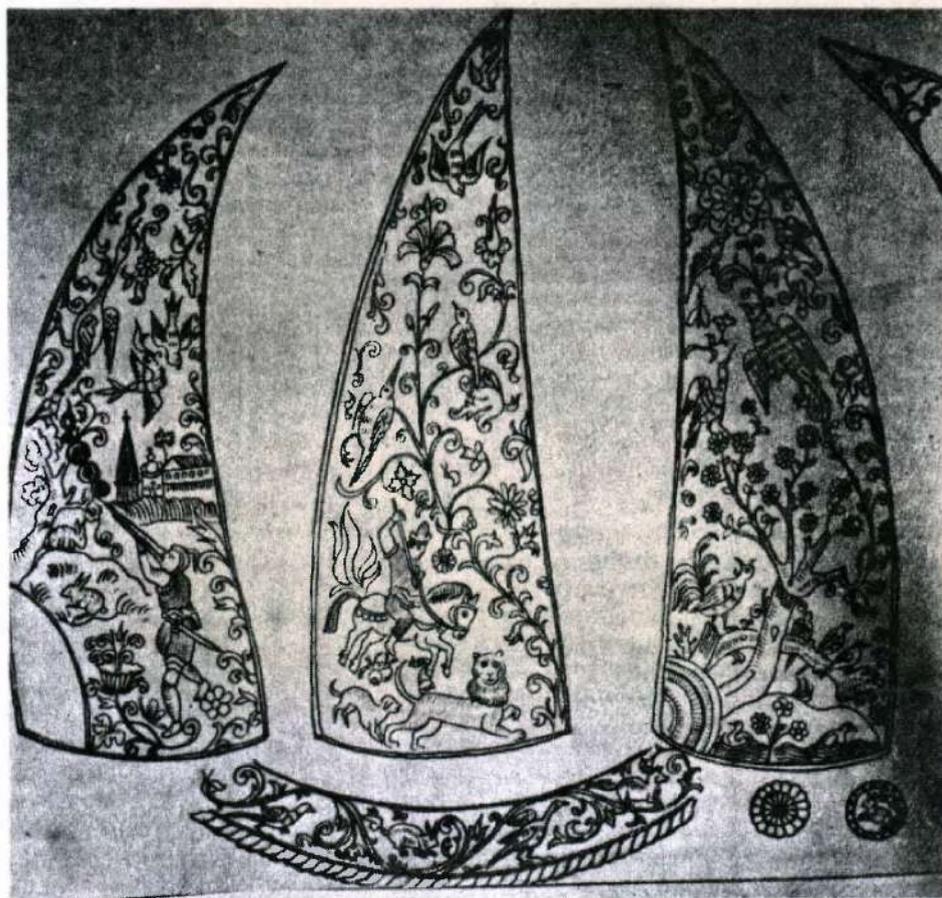
Os capacetes europeus desta época eram todos em ferro. Ainda se permite que se tenha batido um capacete em prata para alguma ocasião excepcional, mas um capacete puxado em cobre, cinzelado e gravado com requinte e todo coberto com forte camada de ouro é luxo oriental. A sua riqueza faz lembrar o famoso e precioso arreiço de Dom Sebastião, todo de ouro com pedraria, que também foi feito em GOA e só muito poucos anos antes ou até durante a mesma altura que o capacete presente.

A forma do capacete, chamado de pera, por causa duma ligeira saliência acabando em bico, data-o na segunda metade do século XVI, mais concretamente algures entre 1560 e 1580. A sua riqueza demonstra que se trata duma encomenda para uma personagem altíssimamente destacada.

A etiqueta da Corte não permitia que alguém se vestisse melhor que o Rei. Esta atitude obrigava indirectamente os soberanos a possuírem e usarem armaduras de grande luxo, categoria esta em que se enquadra perfeitamente este exemplar.

Os motivos de cenas de caça a pé e a cavalo, com europeus de calças muito barrigudas, as aves, as flores, o pavão, o leão e o macaco com cara de gente, são clássicos na arte indo-portuguesa e já largamente estudados nas colchas indo-portuguesas do século XVI, existentes no Metropolitan Museum of Art em Nova York e em alguns dos mais ricos contadores indo-portugueses ainda existentes em Portugal.

Este capacete estava completamente esquecido na ilha Terceira. Encontrava-se



num estado lastimoso, amolgado e sujíssimo, coberto por três camadas de verniz que passaram por cima das camadas de pó que os séculos acumularam. Mas, por baixo de toda a sujidade, conservava ainda todo o seu ouro de origem, renascendo assim rapidamente no seu antigo esplendor.

No século XIX houve um grande colecionador de antiguidades que reuniu uma riquíssima coleção das mais variadas obras de arte, todas encontradas na ilha Terceira. O capacete provém desta coleção. Infelizmente, guardava-se esta coleção numa casa que possuía um estabelecimento comercial no rés-do-chão. Neste estava instalado um conhecido fotógrafo que em dada altura da sua vida resolveu fazer fotomontagens de fotografias de cabeças de senhoras da alta sociedade terceirenses, que montava em outras fotografias de modelos nus. O resultado destas fotografias foi a sua utilização como fonte de chantagem escandalosa. Essa, por sua vez, empurrou um parente duma das senhoras injustamente caluniadas para um acto de desespero, no qual deitou fogo à casa. No incêndio desapareceu também toda a coleção de obras de arte. Por simples acaso tinha o colecionador tirado o capacete da sua casa para uma outra, salvando-o assim da destruição.

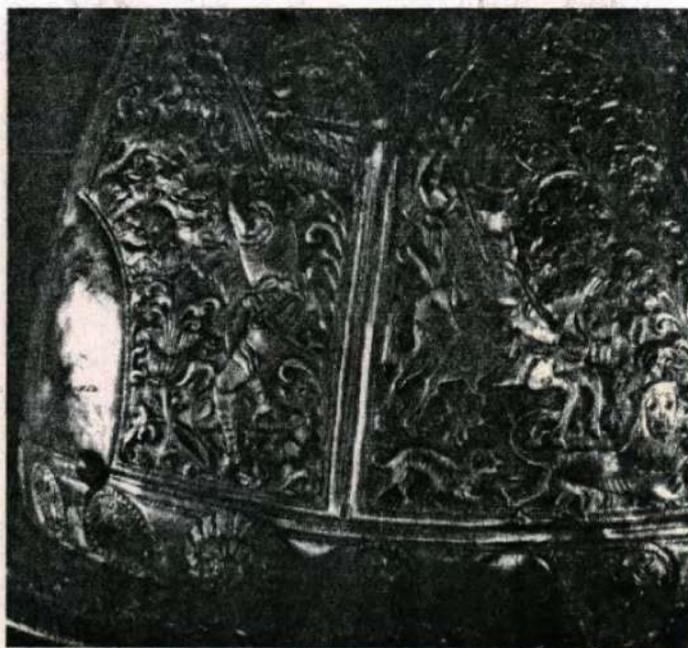
Pergunta-se agora para quem terá sido encomendado este capacete e qual a sua história. Surgiu então uma luz esclarecedora lançando uma pista possível, que, na sua perseguição, deu cada vez mais provas, demonstrando que se estava no caminho certo.

Existe em Angra um belo quadro do século XVI, estilisticamente de escola francesa, mostrando DOM ÁLVARO DE BAZAN, o Marquês de Santa Cruz, famigerado comandante das forças espanholas que submeteram os Açores ao jugo espanhol. Este quadro, provavelmente pintado por um dos franceses que estiveram na BATALHA DE SÃO MIGUEL, de 1582, mostra o Marquês espanhol como vencedor com as armas do seu adversário, derrotado, a seus pés. Neste quadro vê-se perfeitamente, e em destaque, o capacete de pera, totalmente coberto de ouro, de D. ANTÓNIO PRIOR DO CRATO, o grande vencido desta batalha.

Tratando-se, de facto, do capacete do Prior do Crato, o que é altamente provável, pergunta-se como chegou um capacete de nível real e de origem indo-portuguesa às mãos de D. António. Estudando a história deste infeliz Rei de Portugal, que tanto lutou, não somente para receber o trono mas também para evitar a inclusão de Portugal na Espanha de Filipe II, encontra-se um facto explicativo. O primeiro Comandante General de todo o exército de D. António era o seu bom amigo pessoal Dom Diogo de Meneses, antigo VICE-REI da Índia. Este manteve fidelidade ao seu país e seu rei, morrendo em 1580 por degolamento público, no cadafalso em Cascais, por ordem do Duque de Alba. Poucos dias depois surge D. António à frente das suas tropas na Batalha de Alcântara, onde pessoalmente entrou no combate, ficando ferido no pescoço.

D. António perdeu a batalha apesar da sua coragem e convicção. Somente possuía um exército pequeno, muito mal equipado e mal organizado e muitos voluntários que queriam defender a independência mas não sabiam bem como.

Um caso interessante e pouco conhecido, que se passou nesta batalha, foi o de centenas de mulheres lisboetas se terem reunido quando chegou a nova da queda de Cascais, do degolamento público de Dom Diogo de Meneses e de seus fiéis, e do avanço do Duque de Alba. Na reunião pública, decidiram ajudar na luta para salvar a sua cidade e o seu país da iminente invasão. Resolveram puxar o maior de todos os canhões, então existentes na Península Ibérica, a peça de Dio, de 12 metros de comprimento e 20 toneladas de peso, até às colinas de Alcântara. O seu esforço patriótico foi em vão, a ineficiência do exército de D. António e mais algumas traições abriram caminho ao invasor, e o Prior do Crato teve de fugir para os Açores, onde encontrou uma população pronta a defender a



sobrevivência nacional mantendo o seu juramento de fidelidade.

O Duque de Alba necessitou de poucas semanas para subjugar Portugal continental, mas o seu successor, o Marquês de Santa Cruz, precisou de três anos de sucessivas investidas, por desembarques e batalhas navais, para derrubar a armada de D. António e as forças açorianas, em parte auxiliadas por voluntários franceses.

D. António afastou-se no meio da batalha naval de São Miguel em 1582 que também perdeu, principalmente por alta traição nas suas linhas, onde 18 das suas naus fugiram por terem recebido clandestinamente pagamento espanhol para isso. No entanto, os outros combateram até ao fim. Mais de 4.000 homens morreram em combate ou afogados. Centenas de prisioneiros de guerra foram degolados por ordem de D. Álvaro de Bazan, que tinha ordem de submeter os Açores a qualquer custo. Filipe de Espanha não podia permitir que a rota das suas frotas das duas Américas não estivesse nas suas mãos. O reabastecimento das suas frotas nos Açores, que se tornou costume desde Colombo, era de vital importância para a política da Coroa espanhola.

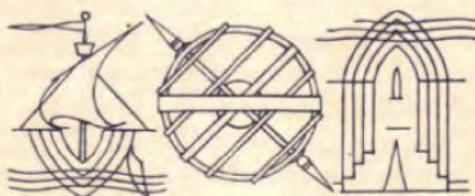
D. António entrou festivamente em Angra como Rei de Portugal, mas, quando se espalhou a notícia da derrota da sua armada em São Miguel, deixou todo o seu luxo na Terceira e fugiu para França, disfarçado de mercador de trigo, num pequeno barco de pesca.

Voltou-se uma página da História de Portugal, assistiu-se à última tentativa de manter o mundo português em mãos portuguesas. Só gerações depois reconheceu a população, no seu todo, que a defesa do seu país como nação independente era absolutamente indispensável para evitar o jugo estrangeiro.

Este capacete, muito provavelmente encomendado para o VICE-REI da Índia, Dom Diogo de Meneses, e depois oferecido ao Rei, Dom António, primeiro deste nome em Portugal, assistiu a estes acontecimentos, tanto à grandeza do Vice-Rei em Goa e na Corte em Lisboa, como aos momentos difíceis da nossa História na batalha de Alcântara, na de São Miguel e na escuridão do esquecimento na Terceira.

Uma obra de arte do mais alto nível internacional, que testemunha os últimos momentos da época áurea da História portuguesa, da sua queda e do seu esquecimento. Sobreviveu nos Açores uma das poucas provas que nos ficaram do nosso passado. Que seja dada a bem merecida honra aos seus fabricantes e a justiça aos seus nobres portadores que intransigentemente defenderam a independência nacional, dando a própria vida por este eterno ideal.

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL



DIRECÇÃO
DE
ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE

Editorial Resistência
Lisboa • 1979

COLABORADORES DO DICIONÁRIO DE

OS NOMES DOS COLABORADORES SÃO ANTECEDIDOS PELAS LETRAS COM QUE OS ARTIGOS VÃO ASSINADOS NAS PÁGINAS DO DICIONÁRIO

- A. A. — C.º Angelo Alves, *Prof. de Filosofia e Psicologia Dinâmica no Porto.*
- A. A. B. — Mons. Dr. António Antunes Borges, *Escritor.*
- A. A. C. — Adérito Augusto Custódio, *Pároco do Vímioso.*
- A. A. M. — P.º Dr. Abélio Augusto Miguel.
- A. A. N. — Dr. Aires Augusto do Nascimento, *Prof. de Linguística da Univ. de Lisboa.*
- A. A. S. — Dr. António Alves Sameiro, *Genealogista.*
- A. A. V. — P.º Dr. Anibal Augusto Varizo.
- A. B. — P.º António Brásio, *Espiritalista, Escritor; da Acad. Portug. de Hist. e Ciências de Lisboa.*
- A. B. C. — C.º Dr. António Brito Cardoso, *Escritor.*
- A. C. A. — Dr. António do Carmo Azevedo.
- A. C. L. — C.º António da Costa Lopes, *Prof. do Seminário Fac. Filos.*
- A. C. — Dr. Amândio César Monteiro, *Escritor, Crítico Literário.*
- A. C. M. — P.º Armando da Costa Monteiro, *Salésiano.*
- A. C. R. — Doutor Américo da Costa Ramalho, *Prof. de Literatura clássica da Univ. de Coimbra.*
- A. D. F. — Dr. António Manuel Dias Farinha, *Prof. de Cultura Árabe da Univ. de Lisboa, Acad. Portug. de Hist.*
- A. F. C. — Doutor António A. Ferreira da Cruz, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto; Acad. Portug. de Hist.*
- A. G. G. — Doutor António Garcia y Garcia, *O.F.M., Prof. da Univ. Pontifícia de Salamanca, Acad. Portug. de Hist.*
- A. G. R. — D. Alberto Gaudêncio Ramos, *Arcebispo de Belém do Pará, Inst. de Hist. e Geog. Brasileiro.*
- A. I. — Dr. Joaquim Alberto Iria Júnior, *Escritor; da Acad. Portug. de Hist. e Ciências e Instituto Hist. e Geog. Brasileiro.*
- A. J. A. — Dr. Alexandre José Alves, *Escritor.*
- A. J. C. — C.º Doutor Avelino de Jesus da Costa, *Prof. de Hist. da Univ. de Coimbra; Acad. Portug. de Hist.*
- A. J. L. — Doutor Américo Jacobina Lacombe, *Prof. de Hist. da Univ. do Rio de Janeiro, Inst. Hist. e Geog. Brasileiro; Acad. Portug. de Hist.*
- A. J. M. — P.º Doutor Armando Jesus Marques, *Teólogo; da Acad. Portug. de Hist.*
- A. L. — P.º Doutor António Leite S. J., *Prof. da Univ. Católica de Lisboa.*
- A. L. C. — Doutor António Linage Conde, *Prof. da Univ. de Salamanca.*
- A. M. — P.º António Maria Mourinho.
- A. M. B. — Dr. António Marques Bessa, *Prof. da Univ. Católica.*
- A. M. F. — C.º Dr. António Mendes Fernandes, *Jornalista.*
- A. M. G. — Dr. António Manuel Gonçalves, *Director do Museu de Aveiro; Adjunto dos Serviços de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, Academia Nac. de Belas-Artes e Portug. de Hist.*
- A. M. L. — Dr. Alexandre Marques Lobato, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa, Acad. Portug. de Hist. e Acad. Ciências, Escritor.*
- A. M. M. — Dr. António Montes Moreira, *O. F. M., Teólogo, Escritor.*
- A. N. G. — P.º Doutor António Nogueira Gonçalves, *Prof. de Hist. de Arte da Univ. de Coimbra.*
- A. P. C. — Doutor Aníbal Pinto de Castro, *Prof. de Literatura da Univ. de Coimbra e Acad. Portug. de Hist.*
- A. P. M. R. — P.º Dr. António P. M. Reis, *Pároco.*
- A. P. S. — P.º António Pereira da Silva, *O. F. M., Escritor.*
- Ar R. — P.º Arlindo Rubert, *Escritor, Brasil.*
- A. R. A. — P.º Artur Roque de Almeida, *Salésiano, Prof. da Univ. Católica.*
- A. R. — Fr. António do Rosário, *O. P., Escritor, da Acad. Portug. de Hist.*
- A. R. M. — P.º António Rodrigues Mourinho.
- A. S. A. — P.º António de Sousa Araújo, *O. F. M., Escritor.*
- A. S. C. — P.º Dr. António Domingues de Sousa Costa, *O. F. M., Prof. do Antonianum, Roma.*
- A. S. L. — Dr. António Costa de Albuquerque de Sousa Lara, *Assistente do Instituto I. S. C. S. P.*
- A. S. R. — P.º Dr. António da Silva Rego, *Prof. da Univ. de Lisboa, Acad. de Ciências e Portug. de Hist.*
- A. T. M. — Comandante Avelino Teixeira da Mota, *Escritor de Hist. Ultr.; Acad. das Ciências, Portug. de Hist. e da Marinha.*
- A. V. R. — Dr.ª Adalgisa Maria Vieira do Rosário, *Prof.ª da Univ. em Brasília.*
- A. W. — Dr. Arno Wheling, *Prof. da Univ. do Rio de Janeiro, Instituto Hist. e Geog. Brasileiro, American Hist. Assoc.*
- B. A. — Dr. António Alberto Banha de Andrade, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa; Acad. Portug. de Hist. e Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.*
- B. A. A. — P.º Dr. Belarmino Augusto Afonso.
- B. F. T. — Eng. D. Bernardo Ferrão Tavares e Távora, *Investigador de Arte.*
- B. O. — Dr. Manuel Gomes Barradas de Oliveira, *Jornalista.*
- B. T. N. — P.º Bernardo Terreiro do Nascimento.
- C. A. — P.º Dr. Carlos Alonso, *O. S. A., Prof. Patristica em Roma.*
- C. D. — Dr. Luís Fernando de Carvalho, *Escritor.*
- C. D. S. — P.º Doutor Cândido Augusto Dias dos Santos, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto.*
- C. F. A. — Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto.*
- C. M. — P.º Dr. Coelho Matias.
- C. R. F. — P.º Dr. Celestino Carreira Rodrigues Ferreira, *Escritor.*
- C. S. C. — Cartuxos de Santa Maria Scala Coeli, *de Évora.*
- C. V. — P.º Casimiro Vloon, *O. C. C., Escritor*
- D. A. — P.º David Alzola, *O. C. D., Membro do Instituto Teresiano de Roma.*
- D. G. F. — Dr. Divaldo Gaspar de Freitas, *Médico Escritor, Brasil.*
- D. M. — P.º Domingos Moreira.
- D. P. — Eng. Domingos Portela.
- D. P. B. — D. Domingos Pinho Brandão, *Bispo auxiliar do Porto, Escritor de Arte.*
- D. V. F. — Domingos Vieira Filho, *Prof., Brasil.*
- D. W. L. — Doutor Derek W. Lomax, *Prof. da Univ. de Birmingham (Inglaterra).*
- E. B. — Emb. Dr. Eduardo Brasão, *Escritor; da Acad. Portug. de Hist.*
- E. B. N. — Doutor Eduardo Alexandre Borges Nunes, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa e Univ. Livre, Acad. Portug. de Hist.*
- E. C. F. — Dr. Eugénio Eduardo Andrea da Cunha e Freitas, *Heraldista, Genealogista da Acad. Portug. de Hist.*
- E. D. — P.º Ernesto Domingos, *S. J., Escritor.*
- E. G. R. — Dr. Eduardo Gonçalves Rodrigues, *Escritor.*

ESPÉCIME DO D.H.I.P.

Acaba de sair o 1.º fascículo do *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, dirigido pelo Dr. António Alberto Banha de Andrade, com a colaboração dos mais variados especialistas, professores e investigadores da História da Igreja. Obra editada pela *Editorial Resistência*.

O *D.H.I.P.*, segundo se lê na sua introdução, não será uma obra apolo-gética da Igreja, pois a sua objectividade obrigá-lo-á a relatar os factos nos termos em que aconteceram.

Para que os nossos leitores possam formar ideia da seriedade e competência com que os variadíssimos temas são tratados e para sua maior elucidação, elaboramos este *espécime* do Dicionário que, esperamos, vivamente interesse o Caro Leitor levando-o a desejar receber mensalmente em sua casa, ao longo de 6 anos aproximadamente, 1 Fascículo do *D.H.I.P.*

NORMAS PRÁTICAS PARA UTILIZAÇÃO DO D.H.I.P.

Deixámos o sistema de catalogar de Barbosa Machado e Inocêncio da Silva, que desprezam elementos como o substantivo *Santo*, intermédio. (ex. Francisco de São Luís, que colocam a seguir a Francisco Luís). Também fugimos ao nome de maior notoriedade, porque este varia com os tempos... Não adoptámos os primeiros nomes, nem nos guiámos sempre pelo apelido extremo, porque esta última regra admite excepções, que reduzimos às seguintes: nomes de Bispos e de Frades, quando alteram o nome com o de um Santo ou de terra de naturalidade.

Mais concretamente, a ordenação alfabética obedeceu aos seguintes critérios, que convém conhecer, para facilidade de consulta:

I) Nomes Próprios:

a) *De Pessoas*: — Agrupados sempre pelo último nome, simples ou composto, mas nunca pelo de maior notoriedade. Assim: *Costa, Castelo-Branco*; e não, *Alves Mendes*, que aliás surge apenas como remissão para o patronímico: — *Ribeiro*, António Alves Mendes da Silva. Uma *única excepção*: Nomes diferenciados dos do baptismo e dos apelidos de família, como por vezes os dos *Santos* (ex. António, St.º); e de *Frades*

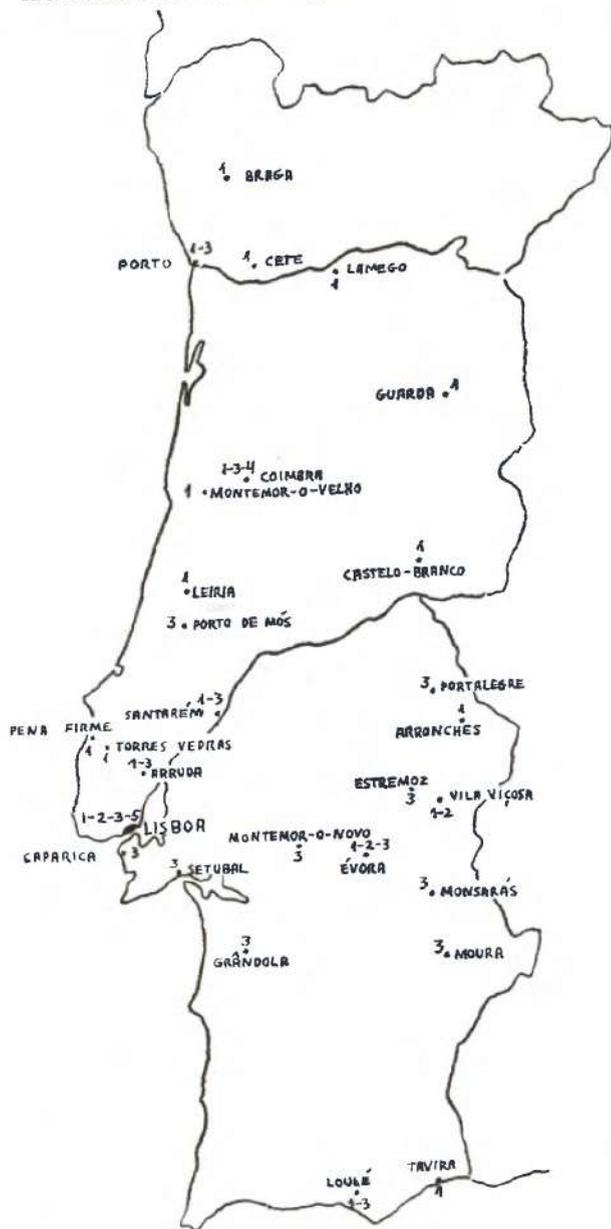
vamento de um naufrago. Esta ermida é um acto de fé religiosa e patriótica, o testemunho secular do cunho firme da colonização portuguesa que nela está impresso. Quis Vidal de Negreiros associar-

-lhe a épica batalha de Ambuila, uma das mais brilhantes e decisivas da história militar portuguesa do século XVII.

(...)

A. B.

AGOSTINHOS em Portugal



- 1 — Agostinhos Calçados: Lisboa, Graça 1147 (?) 1291, 1556, 1593 (Colégio), 1603 (Penha de França); Pena Firme (Torres Vedras) 1226; Torres Vedras 1266, 1367, 1544; Vila Viçosa 1270; Santarém 1363; Montemor-o-Velho 1494; Évora 1512; Castelo Branco 1526; Coimbra 1543 (Colégio); Tavira 1544; Cete (Paredes) 1551; Arronches 1570; Loulé 1574; Leiria 1576; Porto 1592; Braga 1596 (Colégio); Lamego 1630; Guarda 1974; Arruda 1975.
- 2 — Agostinhas Calçadas: Évora 1460; Vila Viçosa 1529; Lisboa (Santa Mónica) 1586.
- 3 — Agostinhos Recoletos ou descalços: Lisboa 1663 (Xabregas), 1674 (Boa-Hora), séc. XVIII (Colégio); Santarém 1668 (Colégio), 1675; Arruda 1668; Caparica 1668; Évora 1669; Montemor-o-Novo 1671; Portalegre 1673; Porto de Mós 1676; Monsarás 1679; Loulé 1695 (?); Setúbal 1695 (?); Moura 1716; Coimbra (Colégio) séc. XVIII; Lisboa (Colégio) séc. XVIII; Grândola 1727; Porto 1745.
- 4 — Cónegas Agostinhas — Coimbra 1610.
- 5 — Agostinhas Descalças: Lisboa (Xabregas) 1663

HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

- E. L. — Doutor Eblion de Lima, *Prof. de Literatura da Univ. Missouri, Columbia.*
- E. S. — Dr. Eugénio dos Santos, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto.*
- F. A. — P.º Fernando de Azevedo, S. J., *Investigador dos Assuntos Culturais da Univ. Católica de Pernambuco, Escritor.*
- F. A. C. — P.º Doutor Fernando Alves Cristóvão, *Instituto de Cult. Brasileira da Univ. de Letras de Lisboa.*
- F. C. — Dr. Américo Farinha de Carvalho, *Escritor, Investigador.*
- F. C. B. — Dr. Fernando Castelo Branco, *Prof. de Hist. da Univ. Livre de Lisboa; Vice-Presidente da Acad. Portug. de Hist.; Secretário da Acad. Nacional de Belas-Artes.*
- F. G. C. — Doutor Francisco da Gama Caeiro, *Prof. de Filos. e Pedagogia da Univ. de Lisboa e S. Paulo, Acad. Portug. de Hist.*
- F. J. P. — Dr. Fernando Alberto Jasmins Ferreira, *Escritor.*
- F. L. — P.º Fernando Leite, S. J., *Escritor.*
- F. L. F. — Fr. Dr. Francisco Leite de Faria, *Capuchinho; de Acad. Portug. de Hist., Escritor.*
- F. M. M. — Doutor Fernando José Maria de Melo Manuel da Câmara de Moser, *Prof. Catedrático da Univ. de Lisboa.*
- F. N. S. — P.º Dr. António Franquelim da Neiva Soares, *Prof. e Escritor.*
- F. P. S. — C.º Dr. Francisco Inácio Pereira dos Santos, *Doutor em Ciências Políticas e Sociais pela Univ. de Lovaina, Jornalista.*
- F. R. S. — Dr. Francisco Ribeiro da Silva, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto.*
- F. S. — Dr. Francisco José Gingeira Santana, *Escritor, Acad. Portug. de Hist.*
- F. S. L. — Doutor Francisco Sales Loureiro, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa, Escritor.*
- G. M. — Dr. Giacinto Manuppella, *Prof. de Literatura da Univ. de Coimbra, Acad. das Ciências de Lisboa e Portug. de Hist.*
- G. R. — Doutor António Gonçalves Rodrigues, *Prof. de Literatura da Univ. de Lisboa, Escritor.*
- G. S. — Fr. Gabriel de Sousa, *Benedictino, Escritor.*
- H. B. M. — Doutor Humberto Baquero Moreno, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto; da Acad. Portug. de Hist.*
- H. M. — P.º Dr. Hipólito Martínez, O. S. A.
- H. Mo — Hugo Moreira, *Açores.*
- H. P. R. — P.º Henrique Pinto Rema, O. F. M., *Escritor.*
- H. V. — P.º Hélio Abrantes Viotti, S. J., *Escritor, Inst. de Hist. e Geog. do Brasil.*
- H. W. — P.º Dr. Hubert Ewald Wetzell, S. J., *Escritor.*
- I. G. — Dr.ª Iria Gonçalves, *Prof.ª de Hist. da Univ. Nova de Lisboa.*
- I. R. P. — C.º Doutor Isaias da Rosa Pereira, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa, Acad. Portug. de Hist., do Inst. of Medieval Canon Law (Berkeley-Califórnia).*
- J. A. — Dr. João Ameal, *Escritor da Acad. Portug. de Hist.*
- J. A. A. — C.º Dr. José Augusto Alegria, *Escritor de Hist. da Música, Acad. Portug. de Hist.*
- J. A. Ag — P.º Dr. Joaquim António Aguiar, *Prof. da Univ. Católica.*
- J. A. C. — Dr. José Adriano de Carvalho, *Prof. de Lit. Espanhola da Univ. do Porto.*
- J. A. G. — C.º Eng. Dr. Jerónimo de Alcântara Guerreiro, *Deão de Évora, Escritor.*
- J. B. C. — Dr. João Bigotte Chorão, *Escritor.*
- J. B. M. — Doutor Jorge Borges de Macedo, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa, Univ. Cat. e Univ. Livre, Acad. Portug. de Hist. e Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.*
- J. B. P. — Dr. José Blanc Portugal, *Escritor.*
- J. C. — C.º José Cabrita.
- J. Ca — João Cabral, *Escritor.*
- J. C. A. — John Correia Afonso, S. J., *Heras Instituto of Indian History and Culture Bombaim (Índia).*
- J. C. B. — C.º Dr. Júlio César Baptista, *Prof. do Inst. Superior Teolog. Évora, Escritor.*
- J. C. M. — P.º José Canário Martins.
- J. C. P. — Doutor José Maria da Cruz Pontes, *Prof. de Hist. e Filos. da Univ. de Coimbra, Escritor.*
- J. F. A. — Dr. José Fernandes de Almeida, *Prof. e Jornalista.*
- J. F. A. P. — Doutor João Francisco Valdevis Ventura de Almeida Policarpo, *Prof. de Hist. da Univ. de Coimbra, Escritor.*
- J. F. M. — Dr. João Francisco Marques, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto, Escritor.*
- J. G. F. — P.º Doutor José Geraudes Freire, *Prof. de Filol. Clás. da Univ. de Coimbra.*
- J. G. G. — P.º João Gonçalves Gaspar, *Escritor.*
- J. G. S. — C.º José Gonçalves Serpa, *Jornalista.*
- J. L. E. — Fr. José Lohr Eudres, O. S. B., *Escritor.*
- J. M. — P.º Dr. José Marques, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto, Escritor.*
- J. M. A. — Doutor Justino Mendes de Almeida, *Prof. da Univ. Livre, Acad. Portug. de Hist.*
- J. Ma. A. — José Maria de Almeida, *Critico, Jornalista.*
- J. M. B. P. — Dr. José Afonso de Moraes Buenos Passos, *Prof. de Hist. Ecles. da Univ. de S. Paulo Brasil.*
- J. M. F. — Mons. Dr. José Maria Félix, *Escritor.*
- J. M. R. — João Martins Ribeiro, *Jornalista.*
- J. M. S. C. — Doutor Joaquim Moreira Silva Cunha, *Prof. de Direito da Univ. de Lisboa, Escritor.*
- J. N. C. — P.º Dr. José Nunes Carreira, *Prof. da Univ. dos Açores, Escritor.*
- J. P. C. — P.º João Pires Campos, *Critico de Arte, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Sociedade de Geografia.*
- J. P. F. — Dr. João Albino Pinto Ferreira, *Director da Casa do Infante do Instituto Histórico da Cidade do Porto; Acad. Portug. de Hist.*
- J. P. G. — P.º Dr. João Pereira Gomes, S. J., *Historiador.*
- J. P. L. C. — Doutor José Pedro Leite Cordelro, *Prof. de Hist. da Univ. de S. Paulo; Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo.*
- J. P. M. — Doutor José Pina Martins, *Director do Centro Cultural Port. da Fund. Calouste Gulbenkian, Paris; da Acad. das Ciências.*
- J. Q. B. — P.º Dr. José Queilhas Bigotte, *Jornalista.*
- J. R. — P.º Joaquim Manuel Rebelo, *Pároco-capelão do Asilo de Moncorvo.*
- J. R. O. — P.º João Rodrigues Oliveira, O. F. M., *Escritor.*
- J. P. R. — Dr. José Pinheiro e Rosa, *Professor.*
- J. S. S. — Dr. João Luís de Lima e Silva de Sousa.
- J. V. — P.º Jeremias Vechina, O. C. D.
- J. W. — P.º José Wicki, S. J., *Orientalista.*
- L. A. S. — C.º Dr. Luciano Afonso dos Santos, *Director do Seminário de Santiago Braga.*
- L. C. S. — P.º Dr. Lúcio Craveiro da Silva, S. J., *Prof. de Sociologia da Univ. do Minho e Filos. da Univ. Católica, Escritor.*
- L. C. C. — P.º Dr. Luciano Coelho Cristino, *Capelão do Santuário de Fátima.*
- L. C. D. — Dr. Luís Fernando Carvalho Dias, *Escritor.*

- L. D. R. — P.^o Leonel Diogo Ramos.
- L. F. — P.^o Dr. Lagrange Fernandes.
- L. F. A. — Doutor Luis M. R. Ferrand de Almeida, *Prof. de Hist. da Univ. de Coimbra, Academia Portug. de Hist. e Inst. Hist. e Geog. Brasil.*
- L. F. F. — Dr. Luis F. Farinha Franco, *Assistente de Hist. da Univ. Nova; Agregado do Instituto Português de Heraldica.*
- L. F. C. — Dr.^a Lygia Fonseca da Cunha, *Biblioteca do Rio de Janeiro, Escritora; do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.*
- L. F. T. — Luis Forjaz Trigueiros, *Acad. das Ciências, Escritor e Critico literário.*
- L. L. B. — C.^o Luis Leite Barreiros, *C.^o capitular da Sé Viseu.*
- L. S. B. — Luis Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, *Heraldista, Genealogista e Escritor.*
- L. O. R. — Doutor Luis de Oliveira Ramos, *Prof. de Hist. da Univ. do Porto.*
- L. P. G. — P.^o Luis Palacin Gómez, *S. J., Brasil, Escritor.*
- L. R. T. — Dr. Luis Filipe Ferreira Reis Tomás, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa; Acad. Portug. de Hist.*
- M. A. — Doutor Martim de Albuquerque, *Prof. de Direito da Univ. de Lisboa; Acad. Portug. de Hist.*
- M. A. B. — Doutora Maria Augusta Barbosa, *Doutora em Ciências Musicais pela Univ. de Colônia, Prof.^o do Conservatório Nacional, Acad. Portug. de Hist.*
- M. A. S. C. — Dr.^a Maria Angélica Careaga Soler Chicoli, *Prof.^o de Hist. da Univ. Católica de S. Paulo e Conselho Federal da Educação, Brasil.*
- M. A. L. A. — Dr.^a Maria Amélia Mota Capitão Lemos Alves, *Prof. de História, Escritora.*
- M. A. M. B. — Dr.^a Maria Alice Mourisca Beaumont, *Directora do Museu de Arte Antiga.*
- M. A. O. — Manuel Alves de Oliveira, *Escritor.*
- M. A. P. — P.^o Manuel Alves Plácido.
- M. A. R. — Doutor Manuel Augusto Rodrigues, *Prof. da Univ. de Coimbra; Acad. Portug. de Hist.*
- M. B. C. — Dr. Mário Bigotte Chorão, *Escritor.*
- M. C. — Fr. Maur Cocheril, *cisterciense, Acad. Portuguesa de Hist.*
- M. Cl. — P.^o Dr. Manuel Clemente, *Prof. de Teologia da Univ. Católica.*
- M. C. A. — P.^o Manuel José Gomes da Costa Amorim, *Escritor.*
- M. C. B. — Eng. Manuel da Silva Castelo Branco, *Prof. Investigador.*
- M. C. M. — P.^o Mário César Marques, *Pároco, Investigador.*
- M. F. — C.^o Dr. Manuel Faria, *Músico, Prof. Seminário de Braga.*
- M. Fl. — Manuel Filipe.
- M. G. C. — P.^o Dr. Manuel Gonçalves da Costa, *Escritor; da Acad. Portug. de Hist.*
- M. H. C. — Dr.^a Maria Helena Porto Costa, *Professora de Hist. e Documentação.*
- M. J. A. C. — Doutor Mário Júlio B. de Almeida Costa, *Prof. de Direito da Univ. de Coimbra, Univ. Livre e Acad. Portug. de Hist.*
- M. J. F. — Dr.^a Maria José Pimenta Ferro, *Prof. de Hist. da Univ. Nova.*
- M. L. A. — Doutor Manuel Lopes de Almeida, *Prof. Hist. da Univ. de Coimbra, Acad. Portug. de Hist., Instituto Hist. e Geográfico Brasileiro.*
- M. L. B. — Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes, *Prof. de Literatura da Univ. de Lisboa.*
- M. L. C. — Dr.^a Melba Ferreira Lopes da Costa, *Directora da Biblioteca da Ajuda.*
- M. L. F. — Dr. Mário Lyster Franco, *Jornalista.*
- M. L. P. — Dr.^a Maria Lucília Gonçalves Pires, *Prof. de Filologia Românica da Univ. de Lisboa.*
- M. M. — P.^o Dr. Mário Martins, *S. J., Escritor de Espiritualidade e Literatura, Acad. das Ciências e Portug. de Hist.*
- M. M. F. — P.^o Manuel Marques Figueira.
- M. N. — Mons. Francisco Moreira das Neves, *Jornalista.*
- M. P. — Doutor Mário Pacheco, *Prof. de Filos. da Univ. de Lisboa.*
- M. R. A. — Dr. Marco António Rodrigues Alves, *Brasil.*
- M. R. O. — Doutora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, *Prof.^a da Univ. de Belo Horizonte-Minas Gerais.*
- M. S. A. — Dr. Manuel dos Santos Alves, *Prof., Escritor.*
- M. T. — P.^o Manuel Teixeira, *Macau, Investigador.*
- M. V. G. — Manuel Vaz Genro, *Investigador, Jornalista.*
- O. R. — Doutor Orlando Romano, *Prof. de Filos. da Univ. do Porto.*
- P. C. — Doutor Pedro Calmon — *Prof. de Hist. da Univ. do Rio de Janeiro, Acad. de Letras do Rio de Janeiro, Presid. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, Acad. Portug. de Hist.*
- F. D. — Dr. Pedro Dias, *Prof. de Hist. de Arte da Univ. de Coimbra.*
- F. G. — Josué Pinharanda Gomes, *Investigador de Hist. da Filosofia Portug.*
- F. V. — Mons. Frimo Vieira, *Prof. titular de Literatura Portug. da Univ. Federal de Góias.*
- R. A. A. — Dr. Rafael Avila de Azevedo, *Univ. Porto.*
- R. R. — Fr. Raul Rolo, *O. P., Escritor.*
- R. S. C. — Dr.^a Rosalina Silva Cunha, *Bibliotecária-arquivista da Fundação Calouste Gulbenkian, Escritora.*
- R. T. B. C. — Dr.^a Maria do Rosário Sampaio Themudo Barata Azevedo Cruz, *Prof.^a de Hist. da Univ. Nova.*
- S. A. S. — Doutora Sónia Aparecida de Siqueira, *Prof.^a de Hist. da Univ. de S. Paulo.*
- S. L. — P.^o Henrique da Silva Louro, *Investigador; da Assoc. dos Arqueólogos.*
- S. M. R. — C.^o Dr. Sebastião Martins dos Reis, *Escritor.*
- T. A. — Doutor Thales de Azevedo, *Prof. da Univ. Federal da Baía.*
- T. C. — P.^o Teodoro C. Madrid, *O. S. A., Escritor.*
- T. H. — P.^o Teodoro Huckelmann, *Brasil.*
- T. M. — Dr. Artur Teodoro de Matos, *Prof. de Hist. da Univ. dos Açores, Escritor.*
- T. P. B. — Dr. José Paiva Boléo Tomé, *Médico, Escritor.*
- T. S. S. — Doutor Torquato de Sousa Soares, *Prof. de Hist. da Univ. de Coimbra; da Acad. Portug. de Hist.*
- V. A. — Dr. Virgílio Arruda, *Jornalista; da Acad. Portug. de Hist.*
- V. B. P. — Dr. Victor Manuel Braga Paixão, *Acad. de Ciências, Portug. de Hist. e da Marinha.*
- V. L. — P.^o Doutor Virgílio Lopes, *Escritor.*
- V. S. — Doutor J. Verissimo Serrão, *Prof. de Hist. da Univ. de Lisboa e Univ. Livre, Acad. das Ciências e Portug. de Hist.*
- X. C. — P.^o Doutor B. Xavier Coutinho, *Prof. de Hist. de Arte da Univ. do Porto, Acad. das Ciências e Portug. de Hist.*
- X. M. — D. António de Castro Xavier Monteiro, *Arcebispo-Bispo de Lamego, Doutor em Teologia; da Acad. Portug. de Hist.*
- W. P. — Doutor Walter Fernando Piazza, *Prof. de Hist. da Univ. de Sta. Catarina, Inst. de Hist. e Geográfico de St.^a Catarina e da Baía, das Academias de Letras de Sta. Catarina e Curitiba.*

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 - 659469
1200 Lisboa

LISBOA, AGOSTO/1980

Ex.mo Sr. *em via* 3 fasc. *memórias do*
Eng.º Bernardo T. Ferrão *publicado. Também*
R. de Sr.º da Luz 24 *planejamento da*
4100 Foz do Douro *entrega dos artigos*
Porto *que me competem.*

Exmo Senhor
Prezado Colaborador

Avizinha-se o termo do 1.º volume, que contamos ter pronto no mês de Dezembro, a ponto de poder constituir oferta de Natal, estando convencidos de que, após este arranque de dezassete meses para concluir um volume, os seguintes aparecerão ao ritmo de um por mês, como de início desejávamos. Desse modo, cada volume do D.H.I.P. passará a surgir nas proximidades do Natal.

Como estava previsto, a Editorial encarrega-se de encadernação em capas próprias, em carneira ou "chagrin", quer pela troca dos 12 fascículos (se por abrir e impecavelmente conservados), quer recebendo-os em qualquer forma, para os mandar encadernar.

Aproveito o ensejo para insistir na necessidade de V. Ex.ª cumprir os prazos dados e de ler, quanto possível, as obras de cada biógrafo; ou, quando isso não fôr viável, pelo menos, que se transcreva os títulos na íntegra e na ortografia em que os autores os escreveram ou publicaram.

Reiterando os protestos do mais vivo reconhecimento, pela generosa contribuição de V. Ex.ª para este magno empreendimento, já tão apreciado em Portugal e no Estrangeiro.

De V. Ex.ª
Subscrevo-me com a maior
consideração

António Albano Banha de Andrade
(Dr. António A. Banha de
Andrade)

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. ★ Telef. 687616 - 659469
Lisboa 2

Exmo. Senhor

Eng. D. Bernardo Ferrão de Tavares e Távora

Rua de Senhora da Luz, 24

PORTO (Foz do Douro)

Lisboa, 22 Novembro 78

Exmo. Senhor,

Acusamos a recepção da carta de V. Exa. de 6 do corrente, que agradecemos, pedindo desculpa pelo nosso lapso de lhe solicitarmos os artigos sobre Arte Luso-Oriental para este mês, assim como ^{por} não termos ainda respondido à pergunta que V. Exa. nos fez nas cartas que nos dirigiu --- O Dicionário é ilustrado e a cores. Contamos com as gravuras de V. Exa. para os artigos que nos enviar.

Com os nossos cumprimentos,

Atenciosamente,

António Alberto B. de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA

IGREJA EM PORTUGAL

Dir. de **ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE**

Professor de Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras de Lisboa

A sair em fascículos mensais

a partir dos primeiros meses de 1979

COLABORAÇÃO DE HISTORIADORES DA ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA, DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO E DE OUTROS DOS MELHORES ESPECIALISTAS DE HISTÓRIA RELIGIOSA E DAS ÁREAS REGIONAIS

Compreende todo o País (com volume consagrado às Paróquias) e antigo ultramar, até à independência de cada território, com especial referência ao Brasil e Padroado do Oriente

ESSENCIALMENTE BIO-BIBLIOGRÁFICO, TRATA DE TEMAS GERAIS, COMO ARTE, COMUNICAÇÃO SOCIAL, LITURGIA (Cristologia, Mariologia, Hagiografia), CIÊNCIA, ESPIRITUALIDADE, MISSÕES, ORDENS MILITARES E RELIGIOSAS, EDUCAÇÃO E ENSINO (Catequética, Escolas, Colégios, Universidades, etc.); ASSISTÊNCIA (Albergues, Hospitais, Irmandades e Confrarias, Misericórdias, etc.); RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM A SANTA SÉ, etc.

N.B. — Os últimos 50 anos apenas serão apresentados como fonte estatística para a história.

PEDIDOS DE ASSINATURAS:

nas Livrarias ou para a Editora:

Editorial Resistência SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27, 2.º Esq. — LISBOA-2

Telefones: 68 76 16 e 65 94 69

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

Exmo. Senhor

Eng. D. Bernardo Ferrão

Rua de Senhora da Luz, 24

Foz do Douro - PORTO

Lisboa, 26 de Junho de 78

Exmo. Senhor,

Recebemos carta de V. Exa. de 19 do mês corrente, que agradecemos.

Concordamos com a sugestão do artigo sobre arte nipo-portuguesa, desde que, aliás como as demais, se restrinja a acção ou influência missionária portuguesa. Quer encarregar-se dela ?

Com os nossos cumprimentos

Atenciosamente

António A. Banha de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

Ao " Dicionário de História da Igreja em Portugal "

Lisboa

Em referência à carta de V. Ex^a. de 22 de Maio pretérito, a que só agora me é possível responder, tomei boa nota de que estão previstos já artigos para :

- Arte religiosa portuguesa
- " " brasileira (que supõe incluirá a luso-brasileira, o que é discutível)
- Arte religiosa inde-portuguesa (com os capítulos que mencionei)
- Arte afro-portuguesa (em estudo). Julgo-a muito importante e basta verem, por ex., os exemplares que vieram, há anos, à Exposição de Belém.

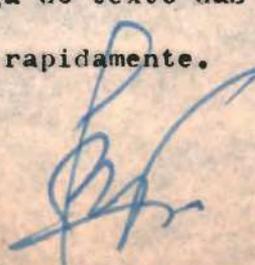
Nada me dizem sobre as artes religiosas cingalesa, sino e nipo-portuguesas. A 1^a e a 2^a não são importantes, embora tendo magnífica imaginária de marfim. Mas a última é absolutamente imprescindível tratá-la. Não se pode desprezar, ou minimisar, a arte que os nossos Missionários levaram ao Japão, o florescimento dela e as magníficas peças que nos legou v. g. os biombos Namban e os milhentos cofres eucarísticos e estantes de altar que ainda existem pelo país fora. Sobre este assunto, que considero importante, gostaria de saber a última palavra.

Tomo boa nota do encargo de redigir as alíneas C, D, E, F e H da minha carta de 17/Maio, cabendo ao Dr. Carlos de Azevedo as alíneas A, B e G, caso aceite o encargo. Desconheço a sua direcção mas creio que trabalha na Fundação Gulbenkian.

Não me disseram nada acerca da ilustração, ou não, dos artigos, e que lhes altera a redacção.

Também desejaria saber a data da entrega do texto das alíneas que me cabem, pois não é assunto que se possa redigir rapidamente.

Com os melhores cumprimentos de



Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

Exmo. Senhor

Eng. D. Bernardo Ferrão

Rua de Senhora da Luz, 24

Foz do Douro - PORTO

Lisboa, 22 de Maio de 1978

Exmo. Senhor,

Muito agradecemos a carta de V. Exa. de 17 do corrente mês, a que passamos a responder.

Como há um artigo em Arte em geral, para Portugal, também teremos um para o Brasil e outro para a Índia. Este fica, pois, conforme o esquema que nos enviou, por conta de V. Exa. e do Dr. Carlos de Azevedo, que vamos convidar para colaborar. Além disso, também se inserirão algumas notas de Arte nos artigos das Dioceses e Paróquias.

A Arte afro-portuguesa, decerto menos importante, fica em estudo.

Com os melhores cumprimentos, subscrevemo-nos com estima e consideração.

- Arte religiosa portuguesa ✓

- " " Brasileira ✓

- " " indo-portuguesa ✓

- " " afro-portuguesa (?!)

- " " singalo, sino, ouipó (??)

Atenciosamente

António A. Banha de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

P.S. - Agradecemos que nos enviasse, se possível, a morada do Dr. Carlos de Azevedo.

Ex.º Dr. Alberto Banha de ~~Silva~~ *Andrade*

Editorial Resistência S.A.R.L.

Rua Nova de S. Mamede, 27, 2º Esq. Lisboa-2

Refª.- Dicionário da História da Igreja em Portugal

Por motivos de saúde só hoje me é possível agradecer a carta de V. Exª. de 3 de Abril pretérito e acusar a recepção das várias circulares referentes ao " Dicionário " em epígrafe, que desconhecia.

O problema da arte religiosa de expansão portuguesa já foi, naturalmente, esquematizado na preparação da obra, mas nem por isso deve deixar de lembrar que os seus ramos fundamentais, que não deveriam *deixar de* ser nela tratados, são os seguintes :

- 1- Arte afro-portuguesa
- 2- Arte indo-portuguesa
- 3- Arte cingale-portuguesa
- 4- Arte sino-portuguesa
- 5- Arte nipo-portuguesa
- 6- Arte luso-brasileira

Posto que todos cheios de interesse e nos quais, como se sabe, a religião católica e os nossos Missionários tiveram papel fundamental ou preponderante.

Nomeadamente na arte indo-portuguesa, que mais me tem interesse, julgo que deverão ser estudados os seguintes capítulos essenciais:

- A- Arquitectura religiosa (igrejas, conventos, capelas, cruzeiros, etc.)
- B- Pintura religiosa (tábuas, telas, pintura parietal, etc.)
- ✓ C- Escultura religiosa (sobretudo imaginária, de vulto ou em relevo.)
- ✓ D- Ourivesaria (alfaias litúrgicas, etc.)
- ✓ E- Tecidos e bordadas (paramentos e peças com decoração de índole religiosa).
- ✓ F- Mobiliário (nomeadamente de igrejas e sacristias)
- G- Talha (de altares e outros elementos de igrejas)
- ✓ H- Diversos (oratórios, santuários, etc.)

Para as artes cingale e sino-portuguesas, praticamente só haverá a tratar a imaginária e, na segunda, também a paramentaria.

Eu poderia encarregar-me (se a idade e a parca saúde me permitirem), dos ramos 2 a 5, no caso da arte-indo-portuguesa, de todos os capítulos com excepção dos A, B e G, para os quais existe um especialista

com obra notável publicada : o Dr, Carlos de Azevedo.

Em face do exposto agradeceria a consideração do esquema proposto (ou a corrigir, pois não tenho quaisquer pretensões de que esteja perfeito), sendo-me indicadas, de acordo com o esquema e programa do dicionário, as entradas dos diversos temas e os prazos de entrega dos artigos. Fica-me a dúvida se quererão ilustrá-los, mesmo sumariamente, ou não. Possuo, nos meus ficheiros, elementos bastantes para as gravuras de quase todos os temas.

Com os melhores cumprimentos de toda a consideração subscreve-se o

Beneditino

Dicionário da História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

Lisboa, 3 de Abril de 1978

Exmo. Senhor

Eng. D. Bernardo Ferrão

Rua da Senhora da Luz, 24

Foz do Douro

Exmo. Senhor,

Muito agradecemos a carta de V. Exa. de 26 de Março do corrente ano.

Junto remetemos as circulares do D.H.I.P., pedindo desculpa pelo nosso lapso.

Gostaríamos que V. Exa. nos informasse se se pode encarregar de toda a Arte Indo-Portuguesa.

Com os nossos cumprimentos, subscrevemo-nos com elevada estima e consideração.

De V. Exa.

Atenciosamente

António Alberto Bento de Andrade

- 1 - Acquisic. religiosa
Cipriã, consuel, ca. pd..
- 2 - Pintura religiosa
(quadros, mural)
- 3 - Escult. religiosa
Cimaginações
- 4 - Prataria
- 5 - Tecido e bordado
em paramentos...
- 6 - Novas de sacristia...
- 7 - Talha de igrejas...

Lisboa, 16 Outubro 48

Exmo. Senhor,

Permita-me, Exmo. Amigo, no interesse de todos os que andamos empenhados em dotar o País com um bom Dicionário deste género, lembrar-lhe que se esgotou o tempo ideal da elaboração da letra A, para que possamos lançar o 1º fascículo em 1º de TRAM. 49 com a continuidade ininterrupta nos meses seguintes.

Por motivos perfeitamente justificáveis, não podemos prolongar a data de entrega desses artigos, para além de NOVEMBRO confessando-me desde já muito grato, se não for forçado a dilatar o prazo — o que prejudicaria o andamento regular do Dicionário.

Esperando que V. Exa. compreenda a razão da insistência e possa corresponder ao nosso apelo,

Subscrevo-me com toda a consideração

Em 6/11 carta pugnando a não seria melhor os artigos assumirem como parágrafos, os artigos referentes à Índia, Japão, China etc.

O Director

António Alberto Banha de Andrade

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, S.A.R.L.

RUA NOVA DE S. MAMEDE 27-2.º ESQ.
Telefs. 687616 - 659469 LISBOA 2



Exmo. Snr.

Eng. D. Bernardo Ferrão
Rua de Senhores da Luz, 24

Foz DO DOURO
PORTO

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

CIRCULAR

20/ Fevereiro

Prezado Colaborador

Vamos finalmente, graças a Deus, enviar hoje à Tipografia, os primeiros originais e a lista dos colaboradores que há-de aparecer nas capas dos fascículos, esperando pôr à venda o 1º fascículo em 13 de Maio deste corrente ano. Por isso, precisamos de assentar no seguinte:

1º - Se V. Exa. não respondeu, a informar-nos dos títulos a apor ao seu nome, nada se indicará ou dir-se-à o que soubermos. Se respondeu, importa lembrar que não é possível inscrever mais que dois ou três títulos e cargos escolhidos entre os mais significativos. Caso deseje um dia modificá-los, guardaremos esse desejo para nova edição das capas.

2º - Dado o excessivo custo dos portes, só enviaremos provas aos colaboradores que já manifestaram esse desejo, ou venham a comunicá-lo em breve. Nesse caso, lembramos que alterações subsanciais, farão debitar à editorial, quantias que ela dificilmente poderá suportar.

3º - Quanto à distribuição do D.H.I.P. os nossos estimados colaboradores contrariamente ao nosso mais viemente e sincero anelo limitaremos a oferta aos mais assíduos, entendendo-se por esta expressão, os que, até este momento, tenham colaborado com vários artigos e nos hajam prometido continuar nesse ritmo, e os que, em futuro próximo venham a alinhar neste propósito, considerando-se ainda colaboração assídua a daqueles nossos prezados amigos que nos garantiram ou venham a participar que começarão a colaborar assiduamente passadas as dificuldades de momento. E porque alguns nos avisaram de que, por não lhesser nunca possível pertencer ao grupo dos assíduos, apesar da boa vontade e simpatia, desejavam ser inscritos como assinantes, estabelecemos para eles o desconto de 30% que se concede às Livrarias. O preço por fascículo de 64 páginas será de 70\$00 e a assinatura mensal e anual respectivamente de 350\$00 e 660\$00.

4º - Iniciando-se, pois, o ritmo de publicação periódica que o D.H.I.P. vai assumir, com o aparecimento mensal, os casos têm de ser respeitados por todos os colaboradores, afim de evitar os seguintes dois inconvenientes: de nos forçar a insistências vultuosas como até agora, e alfim, a entregá-lo a outro colaborador mais expedito, embora eventualmente menos preparado para o redigir.

Resta-nos assinalar, com prazer, o movimento de entusiasmo e solidariedade que nos tem cercado, o qual evitou o desanimo causado pela apatia ou avisos de impossibilidade à última hora, de alguns dos nossos correspondentes. O movimento das adesões incondicionais é tal que estou certo, que a obra chegará, querendo Deus, a bom termo, posto que sempre conte com muitos sacrifícios de quantos, conosco, estão empenhados nesta árdua tarefa.

Com os melhores cumprimentos e o mais profundo reconhecimento.

Lisboa, 20 de Fevereiro 79

Dr. António A. Banha de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 - 659469
Lisboa 2

30.X.78

Prezado Colaborador

Encontrando-nos já na fase de preparação das capas dos fascículos, onde figurará a lista dos colaboradores do D.H.I.P., solicito a fineza de nos indicar os títulos que justificaram o nosso convite. Se o não fizer, tomaremos nós a iniciativa, dentro dos nossos conhecimentos.

Desejamos deste modo, dar insignificante contributo para conhecimento geral de escritores portugueses vivos que, como se estabeleceu, não serão biografados no Dicionário, e qualificar, consequentemente, o corpo redactorial do mesmo. Se a algum eventualmente não interessar o nosso propósito, por modéstia ou por não precisar de apresentação, lembramos que os nossos leitores estão espalhados, não só por Portugal Continental e Ilhas, como pelos Países de expressão portuguesa, nomeadamente pelo Brasil e regiões de imigrantes.

Para além do nome completo à frente da sigla usada no fim dos artigos, esclareceremos que se trata de um Professor Doutor ou apenas Dr., Universitário ou do Ensino Secundário; Bispo, Mons., Deão, Cônego, Padre etc., ou Religioso (Dominicano, Franciscano, etc.); Académico da Academia das Ciências ou Portuguesa de História, etc.; investigador, jornalista, crítico, literário, sociólogo, jurista, canonista, bibliotecário, arquivista, etc..

Esperando merecer pronta resposta, afim de não atrasar a saída do 1º fascículo, subscrevo-me

Atenciosamente

António Alberto B. de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

*Rejeitado na carta de
6/11:
B. F. de F. e F. - Rep. Cível (U.P.)
e investigador de arte.*

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

BOLETIM DE ENCOMENDA

Em 26/3/78 reproduzido com pedido de uniformização formosa (visada e verberando a forma como é pedido a colaboração.

NORMAS DE UNIFORMIZAÇÃO

Exmo. Senhor
Eng.º D. Bernardo Ferrão
Rua da Senhora da Luz, 24
Foz do Douro

Lisboa, 17 de Março de 1978

Exmo. Senhor,

Temos a honra de convidar V. Ex.ª a encarregar-se da redacção da seguinte "entrada" que, na parte formal, convém cingir-se às normas de uniformização juntas:

Arte imaginária Indo-Portuguesa-Agosto 78
(religiosa ou de influência religiosa)

O limite de entrega, para que a publicação consiga sair nos prazos fixados na planificação do Dicionário, não deve ultrapassar o dia indicado à frente de cada vocábulo, entendendo-se que os demais ficam sujeitos a prazos que oportunamente se comunicarão.

Agradeço desde já a atenção e boa vontade de V. Exa.,

Subscrevo-me

com a máxima consideração

António A. Banha de Andrade

(Dr. António Alberto Banha de Andrade)

1. Os artigos serão assinados por iniciais, publicando-se, no início de cada volume, a chave dos nomes dos AUTORES que nele colaboraram.
2. Se achar conveniente, desmembre o tema solicitado, em várias rubricas, podendo remeter-no-las já redigidas, ou guardando-as para depois. Em qualquer caso, não olvide a remissão (para o artigo desmembrado.)
3. Quanto ao espaço, não esqueça que o artigo se destina a um Dicionário, mas nem por isso deixe de apontar o que se lhe afigurar imprescindível em obra que pretende ser científica e erudita. O Dicionário tem de responder à curiosidade e desejo de saber do leitor de hoje que precisa de informar-se a respeito do passado. Convém ler as circulares.
4. A Bibliografia torna-se complemento do artigo: nela poderá o leitor encontrar o desenvolvimento que foi impossível proporcionar no artigo. Nunca se omitirão os elementos essenciais: nome do Autor, título da obra e lugar-ano da edição. Na Redacção reduziremos cada obra citada a iniciais, organizando, com as indicações dos Autores, a lista da Bibliografia geral, que figurará no fim de cada volume. Não deixe de citar obras de autores de somenos, a fim de se poder reunir a Bibliografia, quanto possível completa de assunto e autores de temática religiosa.

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

CIRCULAR

Prezado Colaborador

No seguimento da circular de 20 de Fevereiro 79, tenho a honra de confirmar a saída do 1º fascículo do D.H.I.P. , dentro de um mês. Por isso, levamos préviamente ao conhecimento de V. Exa. a resolução de o enviar a todos os colaboradores , na certeza de que são os principais interessados em assinar o D.H.I.P.. Infelizmente, teremos de reduzir muito, o número dos que o vão receber sem encargos, pelos motivos já expressos na referida circular . E assin , esperamos que aceite a oferta de 30 % sobre a assinatura indicada no prospecto junto, como testemunho de gratidão do grupo que lançou ombros a tão arriscada e dispendiosa empresa .

Embora fosse preferível para a Editorial que V.Exa. se dignasse manifestar-nos o desejo de ser inscrito como assinante-colaborador , consideraremos , para evitar esse incómodo , o silêncio ou não comunicação explícita, como adesão a essa modalidade , desde que nos envie adiantadamente o cheque ou vale de correio da respectiva importância .

Com os melhores cumprimentos

Lisboa, 5 de Abril 79

António A. B. de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

P.S. - Como vai sair a 13 de Maio o 1º fasc. , torna-se impossível manter a publicação mensal, se não recebermos os artigos da letra A durante os meses de Abril-Junho . Se acaso tem artigos desta letra em atraso agradecemos que no-los envie o mais rapidamente possível .

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

Dir. de ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE

Professor de Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras de Lisboa

A sair em fascículos mensais

a partir dos primeiros meses de 1979

COLABORAÇÃO DE HISTORIADORES DA ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA, DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO E DE OUTROS DOS MELHORES ESPECIALISTAS DE HISTÓRIA RELIGIOSA E DAS ÁREAS REGIONAIS

Comprende todo o País (com volume consagrado às Paróquias) e antigo ultramar, até à independência de cada território, com especial referência ao Brasil e Padroado do Oriente

ESSENCIALMENTE BIO-BIBLIOGRÁFICO, TRATA DE TEMAS GERAIS, COMO ARTE, COMUNICAÇÃO SOCIAL, LITURGIA (Cristologia, Mariologia, Hagiografia), CIÊNCIA, ESPIRITUALIDADE, MISSÕES, ORDENS MILITARES E RELIGIOSAS, EDUCAÇÃO E ENSINO (Catequética, Escolas, Colégios, Universidades, etc.); ASSISTÊNCIA (Albergues, Hospitais, Irmandades e Confrarias, Misericórdias, etc.); RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM A SANTA SÉ, etc.

N.B. — Os últimos 50 anos apenas serão apresentados como fonte estatística para a história.

PEDIDOS DE ASSINATURAS:

nas Livrarias ou para a Editora:

Editorial Resistência SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27, 2.º Esq. — LISBOA-2

Telefones: 68 76 16 e 65 94 69

PREÇOS:

N.º avulso — 70\$00

Assinatura:

Anual — 660\$00

Semestral — 350\$00

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

CIRCULAR

Prezado Colaborador,

A leitura dos artigos dos prezados colaboradores aconselha-me a voltar a regras de uniformização já lembradas noutras oportunidades, que agora sistematizamos, para alguns que ainda se esquecem de as praticar. Respeitam às biografias em especial e à bibliografia em geral.

A biografia começa pelo nome, tal como se encomenda, seguindo-se breve qualificação da pessoa, geralmente com os títulos que a caracterizam e, entre parentese, os elementos de nascimento e morte. Depois do mais que for oportuno dizer, termina com Obras, (e não apenas uma selecção delas), visto tratar-se de dicionário eminentemente bio-bibliográfico, os títulos não devem ser alterados, mesmo quanto à ortografia. A bibliografia, isto é, obras ou artigos que tratam do tema, deve ser ampla, indicando sempre por extenso o autor o título da obra, número de volumes, local e data e número se não for a 1ª da edição, volume que interesse e respectiva página. Menciona-se a falta, s/l ou s/d quando desconhecidos. Os manuscritos, se não se conhece o paradeiro indica-se com essa observação; caso contrário, com a menção à Biblioteca ou Arquivo e, sempre que possível, a respectiva quota.

Mencionam-se todas as obras que o autor escreveu.

LISBOA, 30. MAIO

A. B. de Andrade

(Dr. António Alberto Banha de Andrade)

Circular nº 11

Estimado Colaborador

1- É já grande a quantidade de artigos recebidos para os primeiros fascículos e até mesmo para outros mais distantes . A maioria dos colaboradores acreditou em nós e, deste modo, imprimiu-nos coragem , que a porção de descuidados ou cheios de trabalho nos tirariam , com a inadvertência às nossas circulares ou atraso na correspondência aos insistentes pedidos de cumprimento de prazos. Não nos surpreende o comportamento destes últimos , tanto por contarmos com ele, como por não vislumbrar nele , o menor desinteresse . Em todo o caso, aproveito o ensejo para renovar o pedido de compreensão para a magnitude da empresa e a forma por que se vai processar. A sair em fascículos mensais , o D.H.I.P. funciona como uma revista , que não deve iludir a expectativa do leitor , quer na qualidade dos artigos quer na regularidade de saída . E não se pode adiar por mais tempo o aparecimento do Dicionário , que lançaremos nas primeiras semanas de Maio . A Tipografia necessita dos originais três meses antes .

2 - As biografias obedecem , na forma , a regras uniformes que muito desejava que os prezados colaboradores praticassem .

a) O nome do biografado , pelo último apelido , separado por vírgula , dos restantes nomes . Excepções: Santos , Bispos e Frades, quando deixam de usar o nome próprio ou o completo. Todos eles vão no 1º nome .

b) Breve caracterização da pessoa (Bispo de Faro ; Canonista ; Prof. Universitário , Sacerdote , Franciscano etc.

c) Entre parênteses, o local e ano do nascimento e morte separados por hífen, assinalando-se as omissões ou dúvidas , por ex. assim : (1815- Évora , 3.4. 1870) , ou (n. Setúbal) ; ou ainda (7.2.1500- ?) , etc.

d) O corpo do artigo não deve, regra geral, nem trazer citações nem indicação de das obras.

e) Embora haja casos em que convenha aludir às obras no corpo do artigo , nunca se deixará de as alinhar no fim do artigo , agora com os elementos bibliográficos essenciais : local e ano de edição , indicando sempre as omissões ou dúvidas . Ex. : s/l. (sem lugar) ; s/d (sem data) . Em caso de faltar um e outro : s/l, n/d.

f) Nenhum artigo se dever' a publicar sem Bibl (bibliografia) e, se possivel sem Fontes (Documentação manuscrita utilizada , indicando-se , neste caso , o Arquivo e a cota : T.T. - Gav. XVI , 3-28)

g) Assinatura que reduziremos a iniciais , que desde já constarão das capas dos fascículos e, depois , figurarão no início dos volumes . Artigos em que o trabalho do colaborador seja reduzido , podem não vir assinados , ficando como abonador , e bibliografia apontada .

3 - As abreviaturas serão feitas na Redacção , enquanto não se imprimirem no próprio Dicionário , afin de se obter a necessária uniformização . Em todo o caso , cada autor pode propôr as que deseje utilizar , pois serão respeitadas , na medida do possível .

4 - Tenho vindo a fixar normas, como estas , à medida que contacto com a diversidade da prática dos colaboradores e dos conselhos de orientação que nos chegam precisamente porque desejo criar espírito de equipa em que todos se sintam responsáveis . De certo , ninguém deixará de compreender que o centro coordenador tome a decisão final , que lança o Dicionário com a dignidade possível , contando-se a uniformização externa entre os prdicados mais apreciados,, depois da excelência intrínseca dos artigos .

Esperando que a fixação e divulgação destes princípios seja ben acolhida por todos os colaboradores e desse modo nos eviten muito trabalho escusado ,

subscrevo-me , com a maior consideração

Lisboa, 26.1.79

P.S. - Por favor , avise-nos a tempo e antes de nos escrever, acerca dos vocábulos que deseja lhe sejam reservados , afin de evitar duplicações embaraçosas

P.S. Em virtude dos encargos do correio, só mandaremos provas (as primeiras) aos autores que manifestarem esse desejo.

António Alberto Bento Andrade

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

Editorial Resistência, SARL

Rua Nova de S. Manoel, 27 - 2º Esq. # Tel. 687616 # Lisboa 2

CIRCULAR Nº 8

Prezado colaborador

Mais de uma vez tenho asseverado que o D.H.I.P. não é obra do Director ou da Editora, mas sim de todos os intervenientes, sobressaindo, justamente, os colaboradores convidados. Ninguém ignora que ele valerá o que estes valerem e que quiserem dar do seu tempo e saber, para esta obra da Igreja.

Elaborado o ficheiro, após longos meses de trabalho e a participação de vários cooperadores, por meio de pesquisa em bibliografias, dicionários enciclopédicos e especializados; efectuada directa consulta de obras que poderiam fornecer bibliografia e "entradas", e de catálogos de bibliotecas e leilões; constituído o necessário corpo redactorial, em que figuram historiadores especializados, nacionais e estrangeiros, alguns dos quais (do Continente, Macau, Roma e Brasil) já com entregas dos muitos artigos; consultadas tipografias e escolhida a que ofereceu melhores condições e garantias — damos por concluídas as primeiras diligências para a instalação da máquina que vai lançar o Dicionário.

Tendo, no entanto, preferido a modalidade de publicação periódica, por motivos de ordem económica, necessitamos de assegurar a regularidade da saída dos fascículos, para se não frustrar o êxito alcançado na primeira fase da organização. Ela, porém, não depende mais dos serviços coordenadores do D.H.I.P., mas fundamentalmente do interesse dos próprios colaboradores. Se dois cumprirem os prazos e um faltar, o andamento afrouxa ou pára, à espera do atrasado. E ninguém ignora as repercussões que tal facto projecta, sobretudo no comprador, e até mesmo no colaborador que enviou os artigos a tempo e horas.

Necessitamos, pois, que todos os colaboradores tomem a obra como sua, assumindo a responsabilidade da sua participação consciente e metódica. Esperamos que esta chamada consciência não produza efeitos negativos, como seria o desligar-se de colaborador, por constituir encargo insuportável. Conforme decompõe facilmente, esta obra não trará lucros materiais a ninguém e Deus quera que não imponha dívidas excessivas. Menos mesmo interessa para ancalhar glórias pessoais ou editoriais, senão no sentido de cumprimento de um dever para com a

.../...

Igreja, que há muito se impunha e algumas pessoas já sonharam um dia, ficando-se pelo sonho.

Escusado será acentuar que não se trata de pôr em questão a continuidade da nossa empresa. De uma forma ou de outra, melhor ou menos bem no conjunto, o D.H.I.P. vai para a frente. Mas corre-se certamente o risco de adiar o começo do lançamento e protelar o termo, se os prezados colaboradores não se dignarem avisar-nos, em breve tempo, do compromisso inevitável, de entregarem os artigos nos prazos previstos.

Como o D.H.I.P., muito provavelmente comportará 6 volumes, serão precisos 6 anos, se mantivermos a modalidade de fascículos mensais. Significa isto, em termos de eficiência prática, que convinha ter todos os artigos escritos no fim de 5 anos, em nesse poder. Sendo assim, em princípio as letras A,B,C, até ao termo de 1979; C,D,E,F, até ao fim de 1980; G,H,I,J, até 1981; K,L,M,N, até 1982; O,P,Q,R,S,T,U,V,X e Z até 1983. Ficaria o ano de 1984 para pequeno atraso, para os índices e o inevitável apêndice.

Temos tudo apostos, inclusivamente garantido o fornecimento do papel para iniciarmos a publicação do Dicionário no 1º Trimestre de 1979. Não será, no entanto, prudente lançar o primeiro, sem ter prontos mais quatro ou cinco e os demais em vias de se completarem. Conforme anunciámos na 1ª circular, oferecemos um exemplar do Dicionário aos colaboradores que, com generosidade e persistência, contribuíram para a realização da obra. Pequeno contributo, decerto, mas ainda assim, como se compreende, dupla despesa que suportaremos com decisão. Pois, quem mais se interessa por a possuir, que o próprio colaborador, que, se o não fosse, poderíamos considerar seu eventual comprador?

Em suma, esta circular tem por fim conhecer a decisão dos colaboradores que manifestaram a sua generosa adesão, mas ainda se não pronunciaram sobre a sua participação, a tempo e horas no ritmo de publicação periódica. É o que ficamos a aguardar, certos de que ninguém nos aconselhará a desistir da empresa encetada ou a dilatá-la para tempo indeterminado ou longínquo.

Com os melhores cumprimentos, aproveitamos o ensejo para renovar o mais sincero agradecimento pela confiança depositada nos organizadores do D.H.I.P.

António Alberto Branco de Andrade

Dr. António A. Branco de Andrade

Lisboa, 25 Setembro 78

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

CIRCULAR Nº 7.

1. Estamos em via de tomar compromissos com a Tipografia, nomeadamente sobre a compra do papel, em ordem ao aparecimento do 1º fascículo, no 1º trimestre de 1979 - em Janeiro, se possível. Depois, um por mês ou 12 por ano. Como a obra não deverá ultrapassar os 6 volumes (cada volume 12 fascículos), pensamos terminar o Dicionário em 1984. Se a qualidade dos artigos depende inteiramente dos colaboradores, a periodicidade dos fascículos não ficará menos dependente desses autênticos autores do Dicionário.

2. Neste momento estamos a proceder à estruturação definitiva do D.H.I.P., tendo em conta as sugestões dos colaboradores e a experiência adquirida neste 1º ano de trabalho. Isto não significa, naturalmente, que não se vá melhorando a arrumação das "entradas", se novas sugestões nos forem enviadas.

3. Por motivos económicos, não é viável reunir periodicamente em Lisboa, ou noutra terra, os colaboradores que se têm mostrado mais interessados. No entanto, existe já representantes nossos em cada Diocese (os autores dos respectivos artigos) que têm sido consultados por nós, sobre determinados pormenores, verificando-se também, que alguns deles, adiantaram propostas que, de uma maneira geral, foram ou vão ser aproveitadas.

4. Como se estabeleceu noutra circular, em princípio, o D.H.I.P. compor-se-á de artigos gerais e individuais. A lista dos primeiros preenche os seguintes títulos:

ARTE: 1- Introdução sobre Arte Sacra (estilos etc), com remissões para Dioceses, Paróquias e para cada antiga Colónia. 2- Arquitectura em geral. 3- Escultura em geral. 4- Ourivesaria em geral. 5- Pintura em geral.

ASSISTÊNCIA: 1- Introdução. 2- Albergues. 3- Asilos. 4- Irmandades ou Confrarias. 5- Hospitais e enfermagem. 6- Santas Casas da Misericórdia. 7- Orfanatos. 8- Cadeias. 9- Vária.

.../...

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

CIÊNCIA (Depois da introdução, por membros ou Instituições da Igreja. Levará remissão para as figuras principais, tratadas à parte).

CULTO E LITURGIA: 1- Introdução. 2- Culto de Jesus Cristo e da S^{ma}. Trindade. 3- Culto de N^a Senhora. 4- Culto de cada Santo (por ordem alfabética). 5- Procissões. 6- Vária.

CULTURA E COMUNICAÇÃO SOCIAL: 1- Introdução. 2- Imprensa (por Dioceses e Ultramar e lista geral com pequeno artigo sobre as principais publicações periódicas). 3- Rádio (id.). 4- Livrarias (Arquivos e Bibliotecas). 5- Tipografias (id.). 6- Línguas nativas, pelos nomes das antigas Colónias. 7- Vária.

DIOCESES: (Com entrada topográfica. Ex: Faro, Diocese).

DIPLOMACIA COM A SANTA SÉ: 1- Conso na Fundação de Portugal. 2- Concordatas. 3- Reinados por ordem cronológica, além das Concordatas. 4- Papas e Concílios nas relações com Portugal, além das Concordatas, por ordem alfabética, nos dois grupos enunciados. 5- Vária.

EDUCAÇÃO E ENSINO: 1- Introdução. 2- Universidades. 3- Escolas e colégios dos três graus de ensino: elementar, secundário e médio. 4- Seminários. 5- Catequese (Remissão para aqui, dos artigos dos Institutos Religiosos a que pertençam. Agrupam-se pelas localidades).

ESPIRITUALIDADE das grandes famílias de que outras Ordens e as Congregações tomaram a Regra: 1- Introdução. 2- Beneditina. 3- Agostiniana. 4- Franciscana. 5- Dominicana. 6- Inaciana. 7- Carmelitana. A espiritualidade dos Institutos filiados nestas correntes será tratada nos próprios artigos de cada um, enquanto as daqueles, remetem para este artigo geral.

IRMANDADES OU CONFRARIAS: Depois da introdução, por ordem alfabética, dentro de cada Diocese. Ex: I-Irmandades da Diocese de Avciro: a) ...b)... etc.. Deve-se, porém, nos artigos de cada Diocese, remeter para este geral.

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

MISSÕES- 1- Introdução, frisando a expansão da Fé e da Cultura Ocidental, com remissões para cada uma das antigas colónias; e para Cultura e Comunicação Social e Educação e Ensino e cada Instituto Religioso.

ORDENS MILITARES enquanto corporação religiosa e de defesa da Fé contra o infiel, em tom de cruzada. 1- Introdução, sobre a guerra justa, segundo a Igreja. 2- Cada Ordem, seriadas alfabeticamente.

Escusado será acentuar, que cada membro dos assuntos gerais figurará no lugar alfabético com remissão para a entrada geral.

Nos artigos individuais entram com maior relevo as biografias, que nunca devem esquecer a indicação das obras, se se tratar de escritor e a bibliografia que lhe diga respeito, em qualquer dos casos. Sobre as obras e bibliografia, repito o pedido de não se omitir o local e ano de edição.

5. Alguns dos artigos gerais necessitam da colaboração de vários Autores -- chamemos-lhes artigos colectivos, nomeadamente dos colaboradores das Dioceses. É o caso de Arquivos (circular de 19-4-1978), Assistência, Cultura e Comunicação Social, Ciência, Culto e Liturgia em Portugal, Educação e Ensino, Irmandades e Confrarias.

Por isso, renovamos, para estes casos, o pedido formulado na referida circular sobre os Arquivos, afim de na Redacção do D.H.I.P., -- agora extensivo a todos os artigos colectivos -- se poderem juntar as partes pertencentes a cada Diocese. Escusado será dizer que nos artigos destas, se introduzirá --> para aqueles artigos colectivos.

6. Sobre os Mosteiros ou Conventos, importa relembrar: a) Terão " entrada" própria, sob o nome da terra onde se erguem, apenas os muito importantes, sobretudo no aspecto artístico, devendo- fazer-se-lhe referência rápida com --> , no artigo da Ordem; Ex: Cistercienses --> Alcobaça; Dominicanos --> Batalha. Constitui excepção o de Scala Coeli, que se remete não para Évora, mas para Cartuxos. b) De ordinário, entram no artigo da Ordem a que pertencem, que aparecerá pelo nome mais conhecido, Ex: Beneditinos, etc., com as divisões necessárias, Franciscanos: I) Portugal: 1-Évora, 2- Lisboa, (por ordem alfabética); II) Brasil (até 1822); III) Ultramar (até à independência). c) Nos casos de Conventos ou Mosteiros sem representantes actuais, se o merecerem vão

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

em artigo à parte, p. ex. Oratorianos, Teatinos; de contrário incluem-se nas Dioceses, que serão tomadas como base de busca. Af, pois, se introduziram setas para as Ordens e Congregações, ou para as terras da alínea a).

7. Não haverá, pois, entradas nas terras, excepto Dioceses e Paróquias e conventos principais, reunindo-se as Paróquias em volume próprio, na letra P, af por ordem alfabética.

8. Na contra capa dos fascículos virão indicados os colaboradores actuais (acrescentando-se os que ainda formos convidando), com indicação da qualificação académica ou não, p. ex. escritor, historiador, jornalista, da Academia Portuguesa de História, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Pároco, Professor, etc. e a naturalidade que não seja a portuguesa.

9. Continua em vigor a 6ª circular, como resumo das anteriores, de vendo entender-se esta, como complemento e aperfeiçoamento.

10. Agradecem-se desde já, alterações que ainda possam ser tidas em conta e sô-lo-ão, se comunicadas sem grande demora.

Com os melhores cumprimentos, subscrevemo-nos com estima e consideração.

Lisboa, 30 de Junho de 1978

Atenciosamente

António Alberto B. de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

6ª Circular

Envio das normas coordenadas e 3 lista de colaboradores

Meu Exmo. e Prezado Amigo

No âmbito restrito de Director a que eu próprio me reduzo, de simples coordenador e orientador da parte formal do D.H.I.P., cabe a cada colaborador a função real de valorizar a obra, com a tónica científica da história dos nossos dias. Deste modo, não é exagero considerar todos os colaboradores como os verdadeiros dirigentes do Dicionário, embora limitados cada um à sua fracção. Sem dúvida, neste caso passa-se alguma coisa parecida com o que acontece numa revista científica, em que ao Director compete a escolha dos colaboradores e a organização dos fascículos.

Vem isto a propósito da proposta de nossos estimados colaboradores, no sentido de reduzirmos a corpo único, as normas para a redacção dos artigos e as características básicas do Dicionário, acrescentando alguns a conveniência de se juntar um grupo mais responsável, para se pronunciar sobre elas. Satisfazemos prontamente o desejo dos primeiros e aqui se envia para todos, o que se nos afigurou de essencial. A sugestão dos segundos torna-se porém mais difícil de execução, pela dificuldade em ajustar o tempo da reunião às possibilidades dos intervenientes e, ainda, pela despesa que se impunha. Por isso, permitam-me que proponha outra modalidade - a do parecer por escrito, que não disfrutando do diálogo directo não deixa de assumir feição dialogante, directamente com o Director e indirectamente com os que nos proporcionarem as suas opiniões. Demais, diálogo directo poderiam estabelecer entre si, os colaboradores que tivessem mais facilidade em comunicar verbalmente .

Por outro lado, convem ter presente a necessidade de não atrasar os trabalhos da Editorial, que já entrou na fase de consulta às tipografias e se dispõe a lançar o 1º fascículo no início do próximo ano, correspondendo aliás, desta forma, à ansiedade manifestada por alguns colaboradores e até do público leitor. O prazo somente será adiado, se os nossos estimados colaboradores do 1º Volume, que abrangerá as letras A e B (e talvez alguns vocábulos da C), e desejaríamos ter quase pronto naquela data, não puderem entregar os artigos a tempo.

Como é fácil de perceber, o prazo de entrega das letras B e C, neste enquadramento pode, desde já, sem prejuízo para a saída dos fascículos, ser alte-

rado para o fim de Dezembro próximo, adiantando-se, por ora, apenas mais as letras D a L, em princípio todas para Fevereiro de 1979.

Por fim - escusado seria sublinhá-lo - , em obras colectivas o que mais importa é a seriedade e rigor dos artigos e o que menos justifica qualquer apego à própria opinião terá de ser o modo de dispor os assuntos, embora se não admitam excentricidades ou formas de arrumação que dificultem a consulta. Esta última cai dentro da nossa função. Esperamos, pois, de todos os colaboradores, a necessária indulgência para as nossas falhas, certos de que aceitaremos de bom grado as sugestões prudentes e possíveis no condicionalismo presente, em que vamos lançar o Dicionário de todos nós.

Lisboa, 28 de Março de 1978

Com os melhores cumprimentos, subscrevo-me, com amizade,

António A. Banha de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

P.S. - Aos autores dos artigos das Dioceses, peço a fineza de nos remeter, logo que possível, a alínea Assistência, para se introduzir em artigo separado do tema geral Assistência.

Características fundamentais do D.H.I.P. e normas para a redacção dos artigos

1. O D.H.I.P. visa preencher a lacuna de uma História actualizada e científica da Igreja em Portugal, em toda a extensão que este último termo comporta, no decorrer dos tempos: não só na cristianização do Continente europeu, como também na civilização cristã dos povos de África, América e Oriente. Abrangendo, pois, todo o espaço da acção portuguesa até à actualidade no Continente, não ultrapassará a independência das Nações africanas de expressão portuguesa e a do Brasil, o mesmo sucedendo com as necessárias adaptações de linguagom, no que concerne ao Oriente. A História do Continente, propriamente dita, porém, terminará com o advento e os primeiros anos da República, preenchendo-se os últimos 60 ou 70 anos apenas com elementos de informação e de estatística, que um dia constituam comprovada documentação para a História.

2. Pretende aproveitar a mais moderna investigação documental e, por isso, conta com valioso escol de colaboradores que irão pôr ao serviço da Igreja, o melhor da sua inteligência e labor intelectual comprovado.

3. Prestará especial atenção a duas ordens de assuntos:

a) Temas gerais em forma de pequenas monografias, com as imprescindíveis divisões separadas por subtítulos e parágrafos bem marcados, de especial incidência sobre a acção religiosa e social da Igreja, nos campos da Arte (Arquitectura, escultura e Pintura); Assistência (Albergues, Asilos, Confrarias e Associações de vária ordem; Hospitais e enfermagem, Santas Casas da Misericórdia, Orfanatos, Cadeias); Ciência; Comunicação Social e cultural (Imprensa, Rádio, Livrarias, etc.); Confrarias e Irmandades; Culto e Litúrgia (Procissões, devoção ao SSmo. Sacramento, Sagrado Coração de Jesus, Nª Senhora, cada Santo, etc.); Diocesos; Diplomacia com a Sta. Sé (desde o censo na Fundação de Portugal até às Concordatas); Educação e Ensino (em todos os graus); Espiritualidade (cristã e própria de cada Instituto Religioso, com relevo para as grandes famílias - Agostiniana, beneditina, franciscana, dominicana, inaciana, etc.); Missões religiosas e expansão cultural (desde a expansão marítima, com vincado assento na difusão de imprensa e medicina e da notícia geográfica e humana; no ensino da língua portuguesa e estudo dos idiomas nativos, reduzidos a gramática e dicionários pelos missionários); Ordens Militares e participação eclesiástica nas guerras de cruzada, internas e externas.

Estes temas estão naturalmente ligados entre si e, por isso, convém sublinhar essa interdependência.

Assim sobre a Arte, haverá um artigo de ordem geral, com três alíneas, correspondentes às secções atrás indicadas e alíneas em cada Diocese, sem esquecer que também se referenciam os monumentos sacros nas Paróquias; a Assistência será tratada em artigo geral, com remissões para os artigos individuais, quando a importância da Instituição justifique tratamento separado, ou para cada Diocese ou Paróquia; o artigo de Comunicação Social e Cultural versará o tema em geral com alusão aos meios principais e listas de títulos de periódicos, convenientemente demarcados quanto ao início e fim (se fôr caso disso), e remissões para as Dioceses e Paróquias; o de Confrarias e Irmandades abrange vasta gama de acção religiosa e social que não pode deixar de remeter para artigos individuais e para "Assistência"; Culto e Litúrgia tem necessariamente ligação com as Dioceses, Paróquias e porventura para temas particulares; o artigo Dioceses comportando vários temas nas alíneas do seu esquema, está em conexão com outros, como o da Arte, para que terá remissões; Diplomacia com a Santa Sé não poderá esquecer as alíneas sobre os Concílios, das Dioceses e os artigos sobre as Concordatas, Acto Colonial, etc.; Educação e Ensino ocupa-se das Escolas, das Catedrais e dos Conventos, dos Seminários e Universidades, dos Colégios, etc. e será escrito pelos autores destes artigos particulares, para evitar repetições, remetendo-se para eles, caso algum não chegue a tempo de entrar nesta rubrica; Espiritualidade poderá reduzir-se a simples enunciado e breve apresentação para os artigos ou alíneas de cada Instituto Religioso, embora não fosse pior concentrar tudo num só artigo e remeter destes para ele; Missões Religiosas e Expansão Cultural toma o primeiro vocábulo em sentido lato, quer promovidas por Religiosas ou Clero Secular ou mesmo cristão singular, valendo a pena fazer-lhes somente rápida alusão nos artigos maiores das Ordens Missionárias, devido ao profundo alcance do tema, posto que, se possa também proceder ao invés, remetendo delas para este artigo geral; Ordens Militares agregá-las-à todas em alíneas dispostas pela ordem alfabética das designações de cada uma.

b) Temas particulares, sobretudo biografias com carácter cultural e eclesial, no sentido moderno do termo.

4 - Os artigos gerais, nomeadamente as Dioceses, e, em casos excepcionais mesmo o de temas particulares, podem ser redigidos por mais de um autor, constituindo-se, em tal circunstância, um deles como coordenador do grupo, a fim de se alcançar a indispensável unidade.

5 - Estes dois tipos de artigos que, em princípio, terão entradas individuais, podem, contudo, ser incorporados num só artigo geral, constituindo uma alínea do outro, devendo-se, nesse caso, abrir a rubrica à parte, simplesmente com uma seta. Assim, por hipótese assistência ou educação nos Açores - Diocese de Angra do Heroísmo. Mas também não repugna o inverso. E, como é de toda a conveniência estabelecer uma norma una, parece mais conveniente o contrário, já que o artigo das Dioceses contará com muitas alíneas, mais ou menos extensas. Ficarão, pois, as remissões (---) nas Dioceses, tanto no que respeita à Assistência como a Confrarias e Irmandades e Educação e Ensino; tratar-se-ão nelas, desenvolvidamente as restantes. A Arte que se processa em artigo de conjunto e nas Dioceses e Paróquias, também ficará em correspondência por meio de remissões. Dispensam setas os lugares, como as Dioceses, a Arte, Ciência e outras, em que se referem de passagem, nomes de pessoas que terão artigo próprio, afin de evitar multidão desses sinais que estorvariam os serviços da redacção e pouco aproveitariam ao leitor.

6 - A "entrada" das Dioceses, tanto pode ser este o vocábulo como o da terra que a caracteriza. Resolveu-se adoptar o nome da terra, introduzindo-se, mesmo assim, entrada-remissão, quando possam surgir dúvidas. Ex: Algarve (Diocese) Faro; Açores (Diocese) Angra. Entrarão em artigo à parte todas as individualidades de cada Diocese que o merecerem, desde que os Autores destes artigos das Dioceses os comuniquem a tempo. O esquema das Dioceses obedecerá mais ou menos ao esquema divulgado na circular nº.3. Sempre que o autor da Diocese não fôr o mesmo das Paróquias, deve ter cuidado em não meter pormenores que entrem nestas.

7 - Ao contrário a entrada das Paróquias dispôr-se-à por ordem alfabética das terras, seguidas da indicação do Concelho, nas em volume à parte, da letra P, subordinadas todas àquele vocábulo. O esquema foi comunicado na 5ª circular.

8 - As Congregações e Ordens Religiosas merecerão toda a atenção possível, por constituírem elementos de notável operosidade em quase todos os sectores da vida cristã do País e antigo Ultramar. Os nomes por que são mais conhecidas substituirá, como "entrada", a designação canónica. O esquema do artigo, que pode, como os demais, ser adaptado a cada caso, consta da circular nº.5.

9 - Eminentemente bio-bibliográfico, o D.H.I.P. não omitirá nenhum sacerdote ou Religioso ou mesmo Leigo, por exemplo: António Galvão, (excepto vivos), com serviços à Igreja, sobretudo os que tenham deixado obra escrita, impressa ou não. Pretende-se, naturalmente, obter a bibliografia quanto possível completa, desses prestiosos intelectuais cristãos. Dar-se-à relevo à produção literária (literária, latu sensu), destacando, antes da BIBL., as OBRAS a que no texto se não fez a referência bibliográfica completa, que comporta os seguintes elementos básicos: títulos, lugar e ano da edição. Na BIBL. que encerra o artigo, há que anteceder o título, do nome do autor utilizado. Os colaboradores que assinam com iniciais, figurarão no princípio do volume em que participaram, com a respectiva sigla e a indicação da Ordem a que pertencem ou o cargo cultural que exercem : Professor de..., Jornalista, etc..

10 - As normas de ordenamento de apelidos constam da 5ª circular e reduzem-se às seguintes alíneas:

a) Regra geral, pelo último apelido, mesmo que não seja o de maior notoriedade: Cerejeira e não Gonçalves Cerejeira. Consideram-se apelido único os do tipo de Castelo Branco, mesmo que se não use o hífen.

b) Excepções: Santos, Bispos, e Frades que não conservem o nome e patrícnico, por exemplo, João de Deus - São. Mas, Santa Beatriz da Silva. António das Chagas - Fr. ; Erás de Braga - Fr. (nomes de religião, tanto com mudança para motivos religiosos como para a terra da naturalidade). Mas, Pedro José Esteves - Fr., O.F.M.

Se os frades forem conhecidos pelo nome de religião e pelo de seculares, ou mesmo por estesdo que por aqueles, opta-se pelo nome de seculares ("entrada" - o apelido) e faz-se para ele, remissão do nome de religião.

11 - A decisão de deixar ao colaborador a faculdade de marcar o número de linhas de cada artigo corresponde à certeza de que, ninguém melhor do que o espcialista de cada matéria tem noção exacta do espaço de que necessita. Porém, como se trata de um Dicionário e não de Revista ou Livro, há que ter em conta que o estilo deve ser conciso e se dispensam determinadas considerações ou desenvolvimento excessivo. No caso de algum colaborador faltar a estas regras, ou dá espontaneamente autorização par se cortar alguns pormenores ou o Director entrará em comunicação com o autor, para sugerir a redução desejada. No entanto, artigos como os das Paróquias, por sua natureza hão-de ser pequenos, não excedendo meia coluna salvo nos casos excepcionais de Paróquias muito importantes, de cidades ou vilas.

12 - No princípio do volume, além de breve introdução a definir as linhas fundamentais de orientação do D.H.I.P. e da Lista dos colaboradores do Tomo, incluem-se indicações práticas para usar o Dicionário, de que farão parte as chaves das abreviaturas, da BIBL., topónimos e outras.

13 - A obra abrangerá 4 a 6 volumes, mais provavelmente 6 mas não mais do que 4 ou 5 - de formato de 16x23 cm, em corpo 8, como é uso em obras deste género (Dicionário de História Eclesiástica de Espanha; Dicionário de História de Espanha; Dicionário de História de Portugal; Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo, etc.). Aparecerá em fascículos mensais de 64 laudas, perfazendo, pois, cada tomo, 768 páginas, podendo este ritmo de publicação e número de páginas vir a ser alterado.

3ª LISTA DE COLABORADORES

PORTUGAL

Aproveitamos o ensejo para comunicar a V. Era. os mais recentes nomes que se prestaram a dar a esta obra da Igreja, a sua valiosa contribuição desinteressada, que decerto não serão os últimos, se acaso mais forem necessários:

Castelo-Branco (Manuel da Silva) Eng.
Chorão (João Bigotte), Dr.
Chorão (Mário Bigotte), Dr.
Franco (Mário Lyster), Dr.
Gaspar (João Gonçalves) Pe.
Gonçalves (António Manuel), Dr.
Marques (João F.), Prof. Dr. Univ. do Porto
Matos (Artur Teodoro de), Dr. Univ. dos Açores
Nascimento (Bernardo Terreiro do), Pe.
Neves (Moreira das), Monsenhor
Oliveira (Manuel Alves de), Dr.
Ramos(Luís de Oliveira), Prof. Dr. Univ. do Porto
Vechina (Jeremias Carlos), Pe.
Castro (Aníbal Pinto de), Prof. Dr. Univ. Coimbra

BRASIL

Cardoso (Armando), S.J.
Gónez (Luis Palacin), S.J.
Huckelmann (Theodoro), Pe.
Siqueira (Sônia Aparecida de), Prof. Dra. Univ. S. Paulo
Viotti (Hólio Abranches), S.J.

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

5ª. e última circular

Fase final da estruturação

2ª. lista de colaboradores

Prezado colaborador,

1. Vamos entrar na última fase de estruturação do D.H.I.P., o que equivale a dizer que, muito brevemente, vamos iniciar as encomendas.

Até hoje temos recebido muito carinho, muito maior a dedicação do que a frieza; muito mais numerosas as adesões francas do que reticentes ou a negativa e a desculpa, que são raras (um dia se poderá conhecer a preciosa correspondência arquivada), quer pela aceitação do convite de colaboração, quer pelo envio de nomes de novos colaboradores, quer ainda pela remessa de "entradas", tão insistentemente solicitadas. Mas como alguns colaboradores ainda não corresponderam ao pedido de envio de vocábulos, vemo-nos forçados a diligenciar obtê-los por outros meios. Contudo, ainda é tempo de no-las remeterem, servindo ao menos para conferir com as reunidas por alguns colaboradores em Enciclopédias ou Dicionários Históricos e outras publicações (Livros e Revistas), afim de não omitirmos temas importantes. Demais convém saber que, no momento presente, este constitui o maior embaraço para o Dicionário entrar na fase final da encomenda dos vocábulos e saída dos fascículos. A partir de hoje, intensifica-se pois o labor da organização do ficheiro, que desejamos concluir dentro de seis meses, esperando que os colaboradores que ainda o não fizeram, se apressem a mandar as entradas que, segundo os seus conhecimentos de História da Igreja, nos múltiplos aspectos definidos, julgarem obrigatório inserir.

2. Entre os colaboradores que aderiram ao nosso projecto, figuram alguns que, não sendo propriamente, historiadores, o vão enriquecer com a sua ciência especializada. Decerto, há que temer - e alguém já nos chamou para isso à atenção, que percam a noção de Dicionário e pensem escrever como de revista técnica se tratasse. O

.../...

mesmo risco pode ocorrer, com respeito a cultores da Literatura. E, como está resolvido não marcar número determinado de linhas - porque cada escritor é que sabe a extensão que o tema deve tomar - convém assentar de vez que o colaborador, ao escrever com o fito de valorizar o D.H.I. com a sua colaboração, fará todos os esforços por não perder de vista que há dois perigos na determinação dos limites de cada tema: curto demais e excessivamente longo. Sobretudo, convém ter presente que a prosa do Dicionário há-de ser objectiva, concreta, embora sem se alhear da elegância sóbria do estilo. E assim, ficamos certos de que não haverá necessidade de rejeitar algum artigo pelo empolamento da exposição ou de convidar o autor a alterar-lhe a forma. Aliás, prevemos possíveis, não mais que pouquíssimos casos, difíceis de evitar totalmente, em obra de colaboração com estas características.

3. Para facilitar a arquitetura de artigos que convém aparecer com igual estrutura, a circular nº.3 levou ao conhecimento dos prezados colaboradores o esquema das Dioceses. O das Ordens Religiosas poderá ser o seguinte:

1. Generalidades (origem, características, fases da vida, projecção em séculos e nos principais lugares)
2. Em Portugal: a) Entrada (data, bulas, lugares das casas)
b) Fases da vida religiosa, nos aspectos da ordem interna (Regras, Capítulos, Espiritualidade) e pastoral.
c) Nomes de maior evidência (Escritores, Pregadores, Artistas).

3. No Brasil :
e outros países
de expressão portuguesa,
antes denominados "Ultra-
mar Português".

As mesmas três alíneas, tendo em conta, especialmente as Missões e qualquer outra particularidade específica

N.B. - A- Escusado seria lembrar que o aspecto pastoral engloba toda a actividade específica do Instituto que, numa Ordem contemplativa se pode restringir à oração e nas activas compreende o labor na imprensa, na rádio, na catequese, na pregação, direcção espiritual, enfermagem, instrução escolar, assistência, etc.

B - Decerto, haverá artigos gerais sobre Espiritualidade, Ensino, Assistência, conforme se esclareceu na 3ª. circular. Isso porém, não impede que em cada Instituto se trate sumariamente desses temas. Para os artigos gerais pede-se desde já, a colaboração dos Autores das Congregações e Ordens Religiosas.

C - Os nomes de maior evidência serão aqui simplesmente mencionados, apondo-se a seta ~~---a~~, antes daqueles que merecerem maior relevo e venham a ter artigo separado.

D - Naturalmente, aceitam-se sugestões no sentido de alterar o presente esquema, se houver nisso conveniência.

O esquema das freguesias terá de comportar, pelo menos, os seguintes pontos:

1. Localização quanto às Dioceses, ao Distrito (Estado, no Brasil).
2. Breve história do povoado e do orago
3. População exacta ou aproximada
4. Igrejas, imagens, festas religiosas ou profano-religiosas
5. Confrarias, hospitais e outras religioso-sociais, se houver.

Não haverá, no entanto, espaço para longos artigos, como se compreende. O autor ou autores do artigo de cada Diocese não pode esquecer estas "entradas", para não repetir, por ex., pormenores sobre os factos históricos de cada paróquia.

4. Disse nas normas enviadas com a 3ª. circular que o D.H.I. será eminentemente biográfico. Entendendo-se porém, bio-bibliográfico, como aliás se depreende, ao tomar a resolução de não suprimir autor que tivesse ainda que só um sermão manuscrito.

Importa na verdade, proceder ao levantamento cultural das figuras relevantes da Igreja em Portugal, no sentido antigo de País em expansão, que hoje abrange as nações de expressão portuguesa. E um dos aspectos de ser relevante é a feição cultural, que não se há-de diminuir por motivos de espaço, numa obra como esta. As biografias devem terminar com enumeração das obras que não forem mencionadas no texto, podendo reduzir-se a simples menção do nome da revista, os artigos de menos relevo. Ex: artigos em Brotéria anos de...

5. Enfin, não pode deixar de se assentar a norma de entrada dos vocábulos. Se não há dúvida de que António Vieira entre em Vieira, já é duvidoso se Cardeal Saraiva aparece em Saraiva ou em D. Francisco de S. Luís. As Dioceses e Arquidioceses ficarão no nome da terra por que são conhecidas.

- Já está fixada a norma para os nomes de pessoas: Sempre pelo último apelido, excepto nomes compostos, que não são os formados pelos dois últimos apelidos (ex: D. António Mendes Belo,) mas sim os que por vezes se unem por hífen, como Castelo-Branco. Este apelido é diferente de Castelo e de Branco, por formar como que uma unidade fonética. Estas excepções são pouco numerosas.

- Os nomes de Santos, Bispos e Frades, quando se perdeu no público a noção do nome completo de família, entram pelo primeiro nome. Assim Fr. António das Chagas, só pelos eruditos é conhecido por António da Fonseca Soares. Como todos os frades que mudaram o nome por outro de Religião, vai aparecer em António. Casos há, como o citado do Cardeal Saraiva, que são conhecidos pelos dois. Tendo de se escolher um, entrará num e com remissão no outro. Se o frade adoptou o local de nascimento (Frei Domingos de Coimbra), também figurará no nome de baptismo ou primeiro nome. Esta linha favorece casos como Idácio de Chaves, também dito simplesmente Idácio. Nunca porém se usará o nome de baptismo, se o Bispo, o Frade ou o Santo conserva o nome familiar: D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Sta. Beatriz da Silva, Fr. Manuel do Cenáculo. Como não há regra sem excepção, este último embora não vá para a letra M, contudo parece preferível ficar na M em vez da V, apesar do seu nome completo acrescentar ainda Vilas-Boas. Se se julgar inconveniente abrir a excepção, nunca se deixará de inserir remissão em Cenáculo -- Vilas-Boas. Assim, em todos os casos dos nomes de maior notoriedade.

Como estas normas podem afigurar-se complexas, o colaborador que quizer enviar "entradas" não necessita de se familiarizar com elas, bastando remeter a lista dos vocábulos, a tempo de se incluírem no ficheiro, no lugar que lhes vier a ser indicado. Importa, pois, não demorar.

Aproveitamos o ensejo para enviar a 2^a. lista de colaboradores, podendo acrescentar que outros mais já aderiram verbalmente, mas ainda não comunicaram por escrito. Como de futuro passaremos a corresponder-nos principalmente por meio de boletins de encomendas, não teremos oportunidade de enviar nova lista, aparecendo, no entanto, os nomes de todos, no princípio do volume em que colaborarem.

As encomendas irão para o correio no princípio de Março, marcando-se o prazo para as letras A, B e C até fins de Agosto. Muito gostaríamos de lançar o 1^o. fascículo no final do corrente ano, pelo menos, no início de 1979.

Esperando que V. Exa. continue a confiar-nos a sua boa colaboração, subscrevemo-nos com estima e consideração

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1978

De V. Exa.
Atenciosamente

António A. Banha de Andrade

Dr. António A. Banha de Andrade

2ª. LISTA DE COLABORADORES

PORTUGAL

15 - 2 - 78

Alves (Tarcísio Fernandes) Pe
Araújo (António Sousa) Pe. Fr.
Brasão (Eduardo) Embaixador ×
Campos (João P.) Pe.
Carreira (J. Nunes) Pe. Prof. Dr.
Conde (António Linage) Dr. - Salamanca
Dias (Pedro) Dr. Prof. Univ. Coimbra
Faria (A. Machado de)
Felix (José Maria) Mons. Dr.
Ferreira (J. A. Pinto) Dr.
Garcia (António Garcia Y) Pe. Dr. Univ. Pontifícia de Salamanca
Gomes (J. Pinharanda)
Gonçalves (Iria) Dr.
Jacobs (P. H.) - Roma
Lima (Ebion de) Prof. Univ. Missouri, Columbia U.S.A.
Lomax, Pof. Univ. Birmingham, Inglaterra
Martinez (Hipólito) Pe
Martins (José V. de Pina) Dr. Prof. Universitário
Monteiro (António de Castro Xavier) D. Arcebispo Bispo de Lamego
Santana (Francisco José Gingeira) Dr.
Santos (Cândido Augusto Dias dos) Prof. Univ. Porto
Schütte (P. J. F.) - Roma
Sousa (Gabriel de) Beneditino

BRASIL

Chicoli (Maria Angélica Carreaga Soler) Prof. Univ. S. P.

.../...

Correa (Carlos Humberto P.) Prof.

Cunha (Lygia Fonseca da) Dra.

Oliveira (Myriam Andrade Ribeiro de) Prof. Univ. Minas-Gerais

Passos (J. P. Afonso de Moraes B.) Pe. Dr. - Prof. Univ. S.P.

Rabuske (Arthur José) S. J.

Rubert (Arlindo) Pe

Vieira (Primo) Mons.

* Por lapso inexplicável, omitiu-se o nome deste nosso prestigioso colaborador na 1ª. lista, que foi o primeiro ou um dos primeiros a prestar a sua incondicional adesão, pelo que públicamente lhe pedimos desculpa.

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

4ª CIRCULAR

E LISTA DE COLABORADORES

Prezado Amigo,

1. Prossegue, no ciclo dos colaboradores que generosamente se encarregaram desse ingente labor, a tarefa de montar a máquina dos preparativos para o lançamento do Dicionário. Por esse motivo, ainda não conseguimos contactar com todos os colaboradores possíveis, não ignorando, porém que, no decurso da publicação, outros nomes podem ingressar, na já longa lista que enviamos com esta circular. Se nela faltar algum autor que tenha aderido de viva voz, lamentamos a omissão e prometemos remediá-la logo que dela houvermos conhecimento. Caso que algum dos nossos amigos queira sugerir nomes (como alguns já o fizeram) de possíveis colaboradores, para determinados assuntos, desde já agradecemos essa gentileza.

2. Encontrando-nos, pois, em plena fase de organização do ficheiro, estamos a dois passos de entrar no momento de dar início à encomenda individual dos vocábulos, que o mesmo é dizer - muito próximo de lançar o 1º fascículo.

Antes, porém, desejava entabular uma conversa íntima com os colaboradores que já aderiram e também com aqueles que, ou ainda não foram convidados ou se sentem hesitantes, por este ou aquele motivo, entre os quais, o muito trabalho presente. Deste modo, responderei a todos os que deram a sua preciosa adesão e propõem sugestões ou levantam dificuldades, sobretudo àqueles a quem não dei qualquer satisfação até este momento. A intimidade da conversa manifesta-se na dupla comunicação das dificuldades com que deparei nalguns sectores, e da adesão franca, entusiasta e de incitamento que caracterizou a maior parte dos convidados que aceitaram colaborar.

Em primeiro lugar, quero-me regozijar com a compreensão da maioria dos colaboradores a quem me dirigi, em Portugal e no Brasil, não tanto por aderirem à iniciativa de organizar nova História da Igreja actualizada, em moldes científicos e em forma de Dicionário, com

as características desta espécie de publicação, que permite, mais do que qualquer outra, a individualização dos assuntos, nomeadamente da biografia e a consulta rápida de toda a casta de temas relacionados com a Instituição Igreja. O que mais impressiona, em todas as respostas, é o desinteresse que se manifesta, prescindindo da justa remuneração do seu trabalho.

Sem fugir a esse mesmo espírito, apenas dois levantaram a hipótese de possíveis encargos desse jeito, para a Editora: um, recorda a promessa de um dia, no caso de lucro, se lhe vir a remunerar a colaboração; outro aponta a necessidade de se lhe pagarem deslocações, se tiver de proceder a investigações para determinado tema encomendado.

A Editorial está disposta a arcar com todas as despesas que se tornarem imprescindíveis, apesar de não possuir capital entesourado. A propósito, convém narrar brevemente, como nasceu a ideia do Dicionário, agora que ele já tem asseguradas as estruturas que o permitem lançar no mercado da cultura.

Acosado há muito pela necessidade, como católico, de servir a Igreja, dentro das possibilidades que tenho, resolvi tentar preencher a lacuna de uma História actualizada da Igreja em Portugal, em toda a extensão que este último termo abrange, no decorrer dos tempos. Sentia a responsabilidade de quem conhece a extraordinária acção da Igreja, não tanto na cristianização do Continente, europeu, como sobretudo na civilização cristã dos povos de África, América e Oriente; e vê a ignorância que grassa a esse respeito, por tantos católicos cultos e, mais ainda, não se sensibilizam por essa inapreciável actividade eclesial e até minimizam.

E comecei por bater à porta da Editorial Verbo que, delicadamente e com amizade sincera me expôs a situação difícil que atravessa, consciente da avultada despesa que a obra acarreta. Para comprovar a sua boa vontade, facultou a utilização do seu rico ficheiro de gravuras que constitui valioso auxílio. Resolvi não tentar qualquer outra Empresa, certo de que a resposta seria idêntica. E enveredei por um caminho traçado há mais de quatro séculos pelo meu conterrâneo, S. João de Deus que, sem dinheiro, conseguiu levantar essa magnífica obra da Ordem Hospitalreira. Na verdade, os casos são diferentes, antes de mais, porque no arranque da iniciativa já ele enveredara pela via da Santidade. Mas pensei que a graça de Deus é uma realidade actuante nas obras da Igreja e eu considerava nesse número, esta de promover a edição do Dicionário. Recorri, pois, a uma Editorial pobre, a que estava ligado unicamente

por ser católico. Então reforçou-se o ideal cristão de ambos, porque, sem hesitações, logo ficou assente não parar mais. - Onde viria o dinheiro?! - Não faltará com a ajuda de Deus!

A primeira confirmação desta esperança convicta recebi-a dos amigos a que me dirigi. Que capital representa já, a colaboração gratuita de uma centena de boas vontades, em que me apraz incluir a oferta da Editorial Verbo... Embora não possa agora publicar a lista completa, revelarei, sem mais demoras, os nomes de boa parte deles. Os restantes que me desculpem, até nova oportunidade. Neste capítulo de boas vontades e aplausos, será oportuno acrescentar, de imediato, a franca adesão de Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e de alguns Bispos, Portugueses e Brasileiros, com que já tive possibilidade de contactar. Sua Eminência prontificou-se mesmo a comunicar a iniciativa a todo o Episcopado português, numa próxima reunião colectiva.

A Editorial - para os que não conhecem - é uma Empresa católica que conta cerca de um milhar de Sacerdotes, entre os leitores das suas publicações. Escusado será lembrar que nela, como na Igreja do momento presente, não faltará, decerto, a mesma variedade de opinião que a própria Igreja consente. E mais não direi, porque a censura pertence a Deus e, na Terra, ao Papa e Bispos em comunhão com Ele. Na mesma ordem de ideia doutrinária, recordo que o Director o é, tão somente da organização do Dicionário e, de forma alguma o será, da orientação a dar a cada artigo, sobretudo no aspecto ideológico, porque todos somos da Igreja - Católica, Apostólica, Romana. A censura de cada artigo ficará (por minha parte), com a consciência de cada um, que não pode deixar de englobar o respeito devido à fé que professa.

Apesar de reconhecer desnecessário, em absoluto esta reflexão, não posso omitir a persuasão de que cada um dos que compreendem a necessidade de possuímos um bom Dicionário de História da Igreja, saberá consagrar-se à elaboração dos artigos que puder escrever, com a rectidão e seriedade que a Igreja espera de seus membros, em todas as acções do dia-a-dia, talvez ainda mais, quanto é certo que ficam perpetuadas no papel. Por isso, espero que cada Instituto Religioso entre em compita, no sentido de que um não fique menos valorizado do que outro, o mesmo se entendendo a respeito das Dioceses e demais instituições ou simples temas. E não importa ter presente o trabalho alheio, para o suplantarem ou tomar por modelo. O que interessa é que cada um faça o melhor que puder, certo de que a Direcção do Dicionário não lhe põe mais entraves que o da própria natureza da obra.

Deste modo, o Dicionário será o que os seus colaboradores quiserem que seja, pois cada um é o Director da sua parte. A responsabilidade do Dicionário distribuir-se-à, pois, por três grupos de pessoas:

1. Quanto ao planeamento e coordenação ou estrutura da obra pelo Director;
 2. Quanto à orientação doutrinária e ao rigor científico, pelos colaboradores escolhidos pelo Director que adiram, para serviço da Igreja;
 3. Quanto à edição, apresentação gráfica e circuitos de venda, com a respectiva publicidade, pela Editorial Resistência.
3. Por fim, breve adenda às normas enviadas com a 3ª circular:

a) É escusado encarecer a importância de um artigo sobre Espiritualidade que, nalguns casos, entrará antes de alguns Institutos Religiosos. Importa, pois, fixar as várias formas de que se vai revestir - o que ninguém, melhor que o próprio autor pode indicar. Ficamos assim à espera que os colaboradores de cada Instituto Religioso ou outros, nos forneçam a "entrada" que, neste caso, ficará subordinada àquele vocábulo. Assim, Espiritualidade: a) Agostiniana, etc.

b) A Imprensa Católica formará um artigo que será colaborado por autores do clero secular ou religioso e mesmo por qualquer leigo. Convém, pois, que cada Instituto Religioso e os autores das Dioceses, nos comuniquem os títulos dos periódicos, actuais ou desaparecidos, desde os tempos mais remotos, afim de, pelo menos, se incluir a remissão para o artigo onde figurar, se não merecer tratamento à parte.

c) O clero secular e religioso mantinham as suas Irmandades, que há todo o interesse em inventariar, se possível, de forma completa. Esse levantamento geral só se poderá efectuar, com a colaboração dos autores dos Artigos das Dioceses e das Congregações e Ordens Religiosas, agradecendo, por isso, o envio de listas, logo que a cada um seja possível organizá-las.

d) As vilas e concelhos podem figurar nas Dioceses ou em artigos separados. Gostaríamos de incluir os templos e a vida religiosa de cada paróquia, em qualquer desses lugares, mas parece impossível conseguir colaboradores qualificados para todas e cada uma, optando-se, por conseguinte, pelo princípio de que mais vale algumas do

que nenhumas. Convidamos, porém, os nossos colaboradores, para nos sugerirem nomes de autores que redijam breve notícia que seja, quando não houver já investigação exaustiva, a que, neste momento, ninguém irá proceder...

e) As Ordens Religiosas e os autores das Dioceses devem indicar a tempo, os nomes de sacerdotes ou outros que mereçam especial menção, afim de os seus nomes serem colocados na ordem alfabética e as sim completarem a lista que organizámos, especialmente voltada para séculos mais remotos, de que existem instrumentos de trabalho.

f) Outras necessidades deste género irão surgindo, que os próprios colaboradores podem levantar, porque serão bem aceites. De todas elas pode sair o atraso dos fascículos e, por isso, se não marca já o mês do primeiro. No entanto, esperamos aprontar os vocábulos que preencherão os seis primeiros, por todo o primeiro semestre do próximo ano 1 978, para manter o ritmo de um fascículo de 100 páginas de dois em dois meses. Tão depressa seja possível, por parte dos autores e pelo acolhimento do público, encurtar-se-à aquele espaço de intervalo entre dois fascículos. A propósito, insiste-se na encomenda sem prazo, formulada na 3ª circular, dos artigos que cada colaborador possa ir já escrevendo, e até enviar antecipadamente.

g) E não se estranhe o pedido minucioso de ajuda na elaboração do ficheiro, porque todos nós estamos a trabalhar nele, em horas vagas da nossa profissão. Demais, a ninguém escapa a dificuldade de agrupar pessoas habilitadas para semelhante labor, nas condições em que nos propusemos levar a empresa do Dicionário até final - as únicas possíveis, no contexto realista do momento presente.

A todos, mais que o nosso reconhecimento sincero, o agradecimento da Igreja, que somos nós - Episcopado, Clero secular, Institutos Religiosos e Leigos - para o qual todos nos propusemos trabalhar neste campo, em condições tão espinhosas como estimulantes.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1977

Com saudações sinceras em Cristo

António Alberto Banha de Andrade
(António Alberto Banha de Andrade)

P.S. - A correspondência pode ser endereçada para a Editorial ou para minha casa: Rua de Tristão da Cunha, 34 LISBOA - 3

1ª LISTA DE COLABORADORES

P O R T U G A L

30.11.1977

- . Albuquerque (Martim de), Prof. Universitário
- . Alegria (José Augusto), Pe. Dr.
- . Almeida (Luís Ferrand de) Prof. Universitário
- . Almeida (Fernando de), D. Prof. Universitário
- . Almeida (Manuel Lopes de) Prof. Universitário
- . Alves (M^ª Amélia Mota Capitão Lemos), Dr^a
- . Ameal (João), Dr.
- . António do Rosário O.P.
- . Baptista (Júlio César), Pe. Dr.
- . Borges (António Antunes), Mans. Dr.
- . Brandão (Domingos de Pinho), D. Bispo auxiliar do Porto
- . Brásio (António), Pe. Dr.
- . Caeiro (Francisco da Gama), Prof. Universitário
- . Caetano (Marcelo), Prof. Dr.
- . Castelo-Branco (Fernando), Dr.
- . Clemente (Manuel), Pe. Dr.
- . Cocheril (Maur), Cisterciense
- . Costa (Avelino de Jesus da), Pe. Prof. Universitário
- . Costa (Domingos de Sousa), Prof. Universitário
- . Costa (Manuel Gonçalves), Pe. Dr.
- . Coutinho (B. Xavier), Pe. Prof. Universitário
- . Cristino (Luciano Coelho), Pe. Dr.
- . Cunha (Joaquim da Silva), Prof. Universitário
- . Cunha (Rosalina da Silva), Dr^a.
- . Dias (Fernando Carvalho), Dr.
- . Dinis (Joaquim Dias), O.F.M.
- . Espanca (Túlio)
- . Faria (Francisco Leite de), Pe. Capuchinho
- . Farinha (António Dias), Prof. Universitário
- . Freire (José Geraldês), Pe. Prof. Universitário
- . Freitas (Eugénio Andrade da Cunha), Dr.
- . Gomes (João Pereira), S.J.
- . Gonçalves (António Nogueira), Pe. Prof. Universitário
- . Guerreiro (Jerónimo de Alcântara), Chantre Dr.
- . Iria (Alberto), Dr.

- Leite (António), S.J.
- Leite (Fernando), S.J.
- Lopes (Fernando Felix), O.F.M.
- Lopes (Virgílio), Pe. Dr.
- Louro (Henrique da Silva), Pe.
- Macedo (Jorge Borges de), Prof. Universitário
- Marques (José), Pe. Prof. Universitário
- Martins (Mário), S.J.
- Meneses (Geeta), Dr^a
- Moreira (António Montes), O.F.M.
- Moreno (Humberto Baquero); Prof. Universitário
- Nunes (Eduardo Alexandre Borges) Prof. Universitário
- Paixão (Victor Braga), Dr.
- Pereira (Isaiás da Rosa), Pe. Prof. Universitário
- Pontes (José Maria da Cruz), Prof. Universitário
- Rego (António da Silva), Pe. Prof. Universitário
- Reis (Sebastião Martins), Pe. Dr.
- Rema (Henrique Pinto), O.F.M.
- Rodrigues (Manuel), Pe. Prof. Universitário
- Rolo (Raul de Almeida), O.P.
- Santos (Eugénio dos), Prof. Universitário
- Saraiva (Pedro), Dr.
- Serrão (Joaquim Veríssimo), Prof. Universitário
- Silva (António da), S.J. Prof. Universitário
- Silva (António Pereira da), O.F.M.
- Silva (Lúcio Craveiro da), S.J. Prof. Universitário
- Soares (António Franquelim S. Neiva), Pe. Dr.
- Soares (Torquato de Sousa), Prof. Universitário
- Teixeira (Manuel), Pe.
- Tomás (Filipe Ferreira Reis), Prof. Universitário
- Vale (Alexandre de Lucena e), Dr.
- Wicki (José), S.J.
- Azevedo

B R A S I L

N. B. - O período colonial será tratado também por colaboradores portugueses

- Azevedo (Ferdinand), S.J.
- Calmon (Pedro), Prof. Universitário

- . Cordeiro (José Pedro Leite), Prof. Universitário
- . Cabral (Oswaldo Rodrigues), Prof. Universitário
- . Lacombe (Américo Jacobina), Prof. Universitário
- . Piazza (Walter F.), Prof. Universitário
- . Ramos (Alberto), Arcebispo de Belém
- . Santos (Nelson Félix), Prof. Universitário
- . Willeke (Venâncio), O.F.M.

Dicionário da História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

3ª CIRCULAR

e Encomenda sem prazo

Exmo Senhor
e Prezado Amigo

Ao mesmo tempo que tenho a honra de remeter as normas fundamentais para determinação das "entradas" ou temas a versar no D. H. I. P., com o pedido de se pronunciar sobre elas, envio a alguns colaboradores, a primeira encomenda, por duas razões que podem vir a motivar outras mais: por certos especialistas terem manifestado o desejo de começar já, em virtude da longa idade ou doença ainda leve; e para dar maior espaço de tempo aos colaboradores comprometidos com outros trabalhos que, deste modo escreverão um ou outro artigo num intervalo das obrigações mais prementes. Nesta primeira fase de encomenda sem limite de tempo cada colaborador pode reservar para si os temas que desejar que, dentro da sua especialização peculiar, multiplicará nas "entradas" necessárias. Agradeço se pronuncie a este respeito, indicando os vocábulos que quer tratar. Quanto às linhas a ocupar, confio no bom senso dos colaboradores limitando-me por ora a lembrar que nem devem ser tantas que excedam os limites de um Dicionário, nem tão poucas que o artigo fique tratado ao de leve, sem nível científico e informação exacta de que o leitor carece. Entre esta se inclui a Bibliografia, com Autor, título, local e ano de edição.

.../...

Logo que possível, far-se-à a primeira encomenda com prazos, dos vocábulos das letras A e B. Conforme sugestão de um co laborador, ofereceremos 5 a 10 provas de cada artigo, aos colabore dores que nisso estiverem interessados. Graças à simpática anuência da Editorial Verbo, o Dicionário inserirá algumas gravuras de temas de maior importância.

Com os melhores cumprimentos

Antônio Alberto Banha de Andrade
(Dr. Antônio Alberto Banha de Andrade)

NORMAS FUNDAMENTAIS

PARA DETERMINAÇÃO DAS "ENTRADAS" OU TEMAS A VERSAR

NO D. H. I. P.

1. Abrangerá todo o espaço da acção portuguesa em territórios sujeitos à Autoridade nacional, i. e., o Continente europeu, até à actualidade; e o Ultramar, até à independência das Nações de expressão lusíada. Contudo, os dados dos últimos 70 anos (fim da Monarquia) serão apresentados como elementos informativos que servirão de documentação para a História, mas ainda não são história, excepto naquele aspecto de materiais para ela.
2. Será eminentemente biográfico, proporcionando o maior número possível de figuras de algum merecimento (sem excluir nenhum escritor, mesmo que não haja deixado mais que um sermão manuscrito) - critério adoptado pelo Abade de Sever, na Biblioteca Lusitana.
3. Incluirá pequenas monografias de cada Diocese ou região Missionárias do Padroado, quer actuais, quer antigas, com a lista dos Prelados e anos de actividade; e, se possível, das principais povoações, apenas no aspecto religioso (Assistência, Arte, etc.).
4. Como não podia deixar de ser, prestará especial atenção a temas doutrinais ou com eles relacionados. A lista destas "entradas" constituirá, porventura, a maior dificuldade para quem está encarregado de organizar o ficheiro. Reunem-se aqui já algumas, na esperança de que os colaboradores - como aliás a respeito das anteriores alíneas - se pronunciem a este propósito, indicando vocábulos aqui não mencionados:

- Arte, quer pintura, escultura ou arquitectura, para que se podem remeter os artigos das Dioceses, a fim de os alijeirar em extensão. Este mesmo expediente se deve tomar, ao redigir as rubricas seguintes.

- Assistência (Albergues, Asilos, Confrarias e Associações de vária ordem, Hospitais e enfermagem, Santas Casas da Misericórdia, Orfanatos, Cadeias

- Ciência (P. Bartolomeu de Gusmão, Fr. Cristovão de Lisboa,

Pe. Estêvão Cabral, Borri, Capassi, Silva Tavares, Jalet, Estermann etc. etc.).

- Clero e Institutos Religiosos. Em artigos separados, deve apresentar-se do primeiro, a panorâmica da instrução e valor social, no quadro da orgânica do País, através dos tempos. As Congregações e Ordens Religiosas serão tratadas em artigos individuais, com menção da instituição de cada Casa, e remissão para os nomes que tiverem biografia à parte. Por simplificação, os Institutos Religiosos, sempre que possível abrem com a palavra mais vulgar: Franciscanos, Dominicanos, Jesuitas etc.

- Comunicação Social e Cultural (jornais, revistas, livros, Tipografias, Livrarias, Emissores radiofónicos).

- Culto e Liturgia em Portugal (e Ultramar, claro), de Cristo, Nossa Senhora (separadamente, cada Mistério), Santos e Anjos (com artigos próprios), com especial referência, em artigo separado, das Procissões do Corpo de Deus, Anjo da Guarda de Portugal e das Povoações, São Sebastião, S. Vicente, Santa Iria, S. Manços (apesar de len dário!), Santo António, S. Domingos, S. Francisco, Santo Agostinho, Santo Inácio de Loiola, S. Francisco de Borja, S. João de Deus, S. João de Brito, etc.; Confrarias e Festas, etc.

- Diplomacia com a Santa Sé (Fundação de Portugal: Censo; Sagração dos Reis, Nunciatura, Embaixadas, Cismas, Questões Jurídicas, como Beneplácito Régio, Concordatas, Relações de Estado com a Santa Sé etc.).

- Ensino. Haverá um artigo de conjunto, que trate das Escolas, Catedrais, Conventos, Seminários, Universidades, (Coimbra, Évora, Goa, Macau, Baía) isto é, dos três graus de ensino, eclesiástico ou não: primário, secundário e superior. Como os Conventos foram alfobres de ensino, os autores desta rubrica serão os dos artigos dos Conventos, Universidades e Colégios, etc.

- Ordens Militares e participação eclesiástica nas guerras de cruzada, internas e externas.

5. Estes temas gerais podem ser tratados com maior ou menor número de desmembramentos parciais, em artigos individuais, com simples enunciação destes artigos (remissões →) naqueles temas gerais. Pouco importa, neste momento, a forma por que aparecerão no Dicionário, visto que a última palavra caberá ao autor de cada artigo que, no entan

to, tem de avisar com tempo o organizador, a fim de se incluir cada um, no lugar alfabético próprio. A propósito, convém elucidar, desde já, que ^{com} o intuito de ligar e coordenar "as entradas" que formarão o Dicionário, se usarão dois sinais gráficos: \longrightarrow que significa ver; e $>$ que indica vem de. Exemplo: Hospitais \longrightarrow Assistência; S. João de Deus $>$ Hospitaleiros. Vem de quer, pois, significar que o vocábulo ou conjunto de vocábulos à esquerda está ligado, apesar de tratado à parte, ao da direita, que é sempre o mais amplo. Ver limita-se, porém a indicar o nome onde se pode colher a informação que naquele lugar (palavra anterior: Hospitais \longrightarrow) se não esclarece.

6. O esquema das Dioceses, poderá ser como segue, se não houver sugestões que o alterem substancialmente:

A) Situação Geográfica (com as alterações de fronteiras através dos tempos); número e nome das Freguesias, por Concelhos, com principais templos e factos históricos;

B) História: a) Fundação, (pode incluir-se aqui qualquer alteração de fronteiras; b) Sinodos diocesanos e Constituições, próprios litúrgicos, etc. c) Instituições canónicas, incluindo Ordens e Congregações Religiosas, Confrarias, etc.; d) Santos, Bispos e Clérigos de maior relevo; e) Seminários.

C) Cultura: Monumentos, Museus, Arquivos e Bibliotecas, Música, Ensino, Jornais e Revistas etc.

D) Culto Litúrgico: Festas principais e características, Santuários etc.

E) Beneficência: Misericórdia, Creches, etc.

F) Lista dos Prelados, com as datas e locais de nascimento, morte e acção pastoral, até à actualidade.

G) Bibliografia.

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

2ª CIRCULAR

Meu Exmo Amigo,

Cumpre-me, antes de mais, agradecer vivamente a atenção da sua resposta e a pronta adesão que se dignou dar à nossa iniciativa, sendo agora o momento oportuno de entrarmos na pormenorização do trabalho.

1. Como convidei o meu Exmo Amigo, na persuasão de que colaboraria em assuntos da sua especialidade, não quero, em primeira fase, marcar-lhe qualquer vocábulo do plano, solicitando, pois, a fineza de me informar quais os temas para que dispõe de investigação própria e gostaria de tratar em artigos, certo de que, em segunda fase de planificação do Dicionário, acederá encarregar-se também, de alguns dos que, na primeira, ficaram por distribuir. Como se compreende, no vocábulo Portugal inclui-se o Brasil Colonial e os novos Estados de expressão Portuguesa.

Atendendo ao facto de ambicionar erguer uma obra colectiva que, ao mesmo tempo, seja informativa e crítica, não podemos esquecer que importa evitar a repetição e mesmo a dispersão, como ainda a diversidade de opinião sobre determinados temas. Claro que não se pensa em sujeitar os colaboradores a um tipo de pensamento único, nas matérias que não colidam com o dogma. Mas toda a gente reconhece a conveniência de tentar a unidade, em todos os aspectos, na medida do viável entre homens civilizados e, sobretudo, cristãos. Mais claramente, desejava que, em caso de disparidade frontal de ideias, - decerto, mera hipótese pouco provável - os autores visados dialogassem entre si, ou até, se não vissem nisso inconveniente, conversassem com um grupo de colaboradores da sua confiança, Com este cuidado pretende-se, principalmente, edificar uma obra, quanto possível, com unidade, evitando cair na dolorosa diversidade e desigualdade das partes de tantas obras co-

colectivas. Escusado será acrescentar que estes artigos serão assinados e não deixarão de facultar a bibliografia essencial, remetendo também o leitor, quando possível, para estudos que registem maior número de obras válidas.

2. Além dos artigos de fundo, originais, entregues a especialistas, terá de haver artigos, redigidos já por pessoas que se limitem a sumariar o que corre escrito. É meu propósito reduzir estes casos ao mínimo, afigurando-se, no entanto, impossível, fugir de todo a esta espécie de colaboração. Também eles indicarão a bibliografia fundamental.

3. Tendo em conta o facto do termo da história abrangida pelo Dicionário, recorro que, não sendo fácil (se porventura for possível) escrever história em cima do acontecimento ainda palpitante da vida e com interferência activa na sociedade de hoje, também será desaconselhável esquecer ou omitir este tão importante período, que o leitor precisa de conhecer com pormenor. Vamos superar aquela dificuldade e atender a esta necessidade, por meio da simples informação seca dos factos, colocando deste modo nas mãos do leitor, valioso instrumento de consulta que, no futuro, proporcionará material de indiscutível utilidade para se elaborar a história deste período.

4. Porque toma a forma de Dicionário, a nossa obra desenvolverá os temas gerais com a extensão que cada autor achar razoável para se ficar a ter uma informação correcta do tema, devendo-se, no entanto, sempre que possível, evitar o pormenor - sem prejuizo do tratamento justo do artigo - recorrendo à remissão frequente, quer para artigos menores de figuras ou de factos referenciados, quer mesmo simplesmente para determinada bibliografia. No caso - que poderá esporadicamente acontecer - de o autor se esquecer de escrever para um Dicionário, haverá com ele os contactos convenientes para, de comum acordo, se reduzir a proporções normais.

5. Como naturalmente não se pode omitir a biografia em separado dos vultos mais relevantes da Igreja em Portugal, da mesma forma que a pequena monografia de temas, ficamos forçados a introduzir geralmente dois tratamentos neste sector, visto haver outros desses temas que não deverão figurar senão nor artigos gerais, remetendo para estes as entradas deles. Assim, ao tratar da Congregação do Oratório, falarei de Bartolomeu de Quental, Manuel Bernardes, António dos Reis, Teodoro de Almeida, Francisco José Freire, e também de Estácio de Almeida, José

de Azevedo, João Chevalier e outros. Muito provavelmente, sobre os últimos não abrirei novo artigo, contentando-me com a simples remissão para o artigo geral, no respectivo lugar da ordem alfabética do apelido. Por temas ou assuntos gerais e pequena monografia entendo: Dioceses, Diplomacia com a Santa Sé, Assistência Social (Hospitais, Misericórdia, etc), Ensino, Cisma do Ocidente e Portugal, Concílio de Trento e Portugal, Concordatas da Igreja com os Reis ou Presidentes da República portuguesa, Arte, Ciência, etc..

Porque estes temas se tornam, com facilidade, demasiado longos, não desistiremos deles, mas rodear-se-à a dificuldade remetendo o leitor para o artigo independente, individual. Por exemplo, no caso citado, incluir-se-à Manuel Bernardes em "Ascética e Mística dos Oratorianos", para, dar do assunto, a ideia geral; mas também se encaminhará o leitor para o artigo que, separadamente lhe proporciona o desenvolvimento que merece.

Os artigos gerais e as pequenas monografias podem, se assim for aconselhável em determinados casos, ser elaboradas por mais de um colaborador.

6. Em princípio, a obra irá abranger 4 volumes, do formato de obras congêneres portuguesas, como a Enciclopédia Verbo e o Dicionário da História de Portugal, com maior ou menor espessura, consoante for determinado pelos serviços gráficos. Atrevo-me, no entanto, a supor que possa atingir cinco volumes, devendo este, ou mesmo um sexto tomo, agregar acrescentamentos e correcções. Por motivos facilmente compreensíveis o Dicionário sairá em fascículos, que começarão a aparecer, com a periodicidade possível, na melhor das hipóteses dentro de um ano.

7. Julgo, deste modo, haver conseguido fixar a imagem, em linhas gerais, do Dicionário que se pretende organizar, deixando para terceira oportunidade, que espero seja a última, a comunicação da estrutura definitiva, isto é a enumeração das entradas por ordem alfabética, com a indicação dos autores de cada artigo. Nesse plano estrutural ainda surgirão artigos sem nome de autor, para dar a V. Exã. a oportunidade de atender à solicitação detrás, de tomar conta de mais alguns vocábulos e indicar os nomes de possíveis colaboradores para rubricas determinadas.

Depois disso, receberão todos a encomenda formal, se assim o desejarem, podendo, no entanto, começar a redigir os Artigos, logo que, por qualquer meio, lhes for notificado que não surgiram dois colaboradores a pretenderem versar o mesmo tema.

Deste modo, me despeço por hoje, com os melhores cumprimentos.

Lisboa, 1 de Junho de 1977

António Alberto Banha de Andrade

(António Alberto Banha de Andrade)

P.S. Envia-se a presente circular mesmo a um ou outro Amigo que ainda não respondeu à primeira, por pensar que só desejam pronunciar-se depois de conhecerem o que então prometia comunicar nesta segunda.

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

1ª CIRCULAR

Meu Caro Amigo,

Há muito tempo que vários amigos me ponderaram, em conversa, a necessidade de não deixar desaparecer mais historiadores de primeiro quilate, eclesiásticos e seculares cristãos, sem lançar uma nova História da Igreja em Portugal, baseada em investigação científica que ultrapasse a prestimosa mas insuficiente obra de Fortunato de Almeida. Nem é de somenos importância a consideração do momento político actual, em que convém relevar a benemérita acção da Igreja na História de Portugal.

Para labor deste género, bastarão em princípio, três particularidades: um planificador e coordenador; colaboradores especializados que se empenhem na ideia de dotar a Igreja em Portugal, com uma História capaz, dentro da metodologia do momento presente; e uma editorial que arque com o expediente de Secretaria, edição e difusão.

Não se escolheu o planificador e coordenador que, afinal resultou da amizade de alguns amigos, e do seu profundo amor à Igreja. A Editorial foi a segunda por ele contactada, que aceitou a ideia com júbilo. Uma dificuldade surge, porém, logo à partida: a Editorial Católica Resistência dispõe de capital social muito reduzido e só com o ideal que a move, se pode abalançar a tão vultoso cometimento, que apenas virá a dar lucros, a longa distância.

Na minha missão de juntar os colaboradores mais qualificados, tenho a honra de o convidar, na esperança fundada de o vir a contar entre os melhores artífices intelectuais desta obra. Desejava, porém que me dissesse se está disposto a colaborar nestas condições:

Dicionário de História da Igreja em Portugal

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL

Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq. * Telef. 687616 * Lisboa 2

gratuitamente, ou ficando à espera do êxito editorial, e desde já com o direito de receber, sem mais encargos, um exemplar da obra completa. Claro que, se algum destes condicionalismos fosse suficiente para o afastar, agradecia a franqueza de o manifestar, porque tentaríamos resolver o caso de qualquer forma.

Em segunda circular abordarei outras questões, como a do motivo por que se preferiu a estrutura de Dicionário à de História, extensão dos artigos, urgência de entrega dos mesmos, modo de lançar a publicação, etc. Nesta ou numa terceira, dar-se-á conta das adesões de colaboradores, podendo-se desde já adiantar que contamos com promessas que permitirão reunir à nossa volta, todo um escol de historiadores portugueses e brasileiros, que têm tratado aspectos da história da Igreja em Portugal e seu antigo Ultramar.

A correspondência pode ser dirigida para a Editorial ou para minha casa: Rua de Tristão da Cunha, 34 Lisboa - 3

Esperando merecer a sua melhor atenção.

Subscrevo-me Amigo e Admirador sincero, desde já muito grato.

Lisboa, 13 de Maio de 1977

António Alberto Banha de Andrade

(António Alberto Banha de Andrade)



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

(EMPRESA PÚBLICA)

ACTIVIDADE LIVREIRA

EXMO. SENHOR

BERNARDO FERRÃO

Rua Senhora da Luz, 24

FOZ DO DOURO

P O R T O

SUA REFERÊNCIA

SUA COMUNICAÇÃO DE:

NOSSA REFERÊNCIA

DATA

57/AL

Lisboa, 11/1/1979

ASSUNTO:

Depois de devidamente rectificada, remetemos a V. Ex^a. a lista dos colaboradores da obra "IN MEMORIAM DE RUBEN A. LEITÃO", a lançar no mercado, pela INCM durante o ano de 1979.

Com os nossos melhores cumprimentos.

O DIRECTOR COMERCIAL,

/ER

IN MEMORIAM DE RUBEN ANDRESEN LEITÃO

Colaboração de:

Abreu, Theodora Andresen de	Coelho, Eduardo Prado
Affonso, Sarah	Coelho, Jacinto do Prado
Albuquerque, Martin de	Coelho, João Furtado
Almada Negreiros, José de	Coelho, Nelly Novaes
Almeida, João Charters de	Correia, Joaquim Martins
Almeida, Lúcia Machado d'	Correia, Natália
Almeida, Margarida Lopes d'	Cortez, F. Russel
Amado, Jorge	Costa, José Pereiraada
Amaro, Luís	Cruz, António
Andresen, Sophia de Mello Breyner	Cruz, Liberto
Andresen, Tomaz	Da Cal, Ernesto Guerra
Araújo, Laís Corrêa de	Dias, Cícero
Averini, Riccardo	Dourdil, Luís
Azevedo, Fernando de	Duarte, António
Baptista, Jacinto	Ehrardt, Marion
Barata, Mário	Esteves, Juvenal
Belchior, Maria de Lourdes	Faria, Estrela
Bello, Manuel	Fernandes, Francisco da Silva
Blanco, José	Fernandes, Raúl Miguel Rosado
Botelho, Carlos	<u>Ferrão, Bernardo</u>
Boxer, Charles R.	Ferreira, Paulo
Branco, João de Freitas	Ferro, Luís dos Santos
Branco, Marie A. L. de Freitas	Feyo, Salvador Barata
Brass, Denis	Fragoso, João
Bullough, Geoffrey	Fragoso, José Manuel
Caeiro, Clívio	França, José Augusto
Cargaleiro, Manuel	Freire, Gilberto
Carmo, José Palla e	Gabo, Naum
Carvalho, Raúl de	Gonçalves, António Manuel
Castelo Branco, Fernando	Guerra, Luís de Bivar
Chicó, Maria Alice Tavares	Guerra, Maria Zaida de Bivar
Cinatti, Ruy	Guerreiro, Manuel Viegas
Clasen, Curt Meyer	Guimarães, Fernando Lobato

Cusmão, Artur
Eatherly, Ana
Henriques, Lagoa
Iria, Alberto
Lapa, Manuel
Leitão, José Andresen
Leitão, Ruy
Lemos, Mercia de
Lepecki, Maria Lúcia
Lima, Francisco Negrão de
Lima, Alfredo Viana de
Lobo, Carlos
Lorena, Leonor de Carvalho Daun e
Lourenço, Eduardo
Lousada, António
Lucas, Fábio
Macedo, Jorge Borges de
Marques, António Henrique de Cliveira
Martins, Armando Tavares Alves
Martins, José V. de Pina
Martins S. J., Mário
Mathias, Leonardo
Matos, Luís de
Nello, Pedro Homem de
Mendes, Murillo
Menez
Mindlin-José
Montello, Josué
Moura, Helena Cidade
Mourão-Ferreira, David
Nabuco, José Thomaz
Nadal, Emilia
Nemésio, Vitorino
Neto, João Cabral de Melo
O'Neill, Alexandre
Faixão, Vítor Manuel Braga
Palma-Ferreira, João
Perdigão, José de Azeredo
Pereira, Júlio Maria dos Reis
Portugal, José Blanc de

Quadros, António
Raposo, José Maria de Paiva
Rebello, Luís de Sousa
Rego, Raúl
Resende, Júlio
Ribas, Tomás
Ribeiro, José Sommer
Ribeiro, Orlando
Rocha, Andrée Crabbé
Rosa, António Ramos
Ruas, Henrique Barrilaro
Russell, Peter E.
Sampayo, Nuno de
Seabra, António
Semke, Hein
Sena, Jorge de
Serpa, Alberto de
Serrado, João Estevão Lopes
Serrão, Joaquim Veríssimo
Serrão, Joel
Silva, Agostinho da
Silva, Alberto da Costa e
Silva, Carlos Baptista da
Silva (Almarjão), José Maria da Costa
Simões, João Gaspar
Siqueira, Nuno
Skapinakis, Nikias
Sousa, Marcelo Rebello de
Szenes, Arpad
Tamen, Pedro
Tavares, Salette
Távora, Maria Luísa Lobo de Faria e
Telles, Augusto C. da Silva
Torga, Miguel
Trigueiros, Luís Forjaz
Viana, Filho, Luís
Vieira da Silva, Maria Helena
Villas-Boas, José Manuel
Wallenstein, Carlos
West, S. George